J. KRISHNAMURTI

Porque não te satisfaz a Vida?

DO MESMO AUTOR:

A Conquista da Serenidade.
Nós Somos o Problema.
Solução para os nossos conflitos.
Uma Nova Maneira de Viver.
O Egoísmo e o Problema da Paz.
O Mêdo (Segunda edição).
Autoconhecimento, Correto Pensar, Felicidade (Primeira edição, esgotada).
A Luta do Homem.
A Finalidade da Vida.
Que o Entendimento seja Lei.
O Caminho da Vida.
Palestras no Brasil.
Palestras no Chile e México.
Palestras no Uruguai e na Argentina.
Idem em Ommen, 1936.
Idem em Ojai, Califórnia, 1936.
Idem em Nova Iorque, Eddington e Madrasta, 1937.
Acampamento em Ommen, 1937/38.
Adyar, Índia, 1933/34.
Auckland, 1934.
Ojai e Sarobia, 1940.

Nota: *Os originais em inglês das obras acima encontram-se à venda, também, na sede da Instituição Cultural Krishnamurti, na Avenida Rio Branco, 117, sala 203, Rio de Janeiro. Tel.: 52-2697.*

J. KRISHNAMURTI

Porque não te satisfaz a vida?

TRADUÇÃO DE
HUGO VELOSO

PRIMEIRA PALESTRA EM NOVA IORQUE

Acho importante ter em mente que há dificuldade em compreendermos uns aos outros. Pelo comum, nós escutamos de maneira casual, ouvindo apenas o que desejamos ouvir; não damos atenção ao que é penetrante ou perturbador e prestamos ouvido ùnicamente às coisas que nos são agradáveis, que nos satisfazem. Por certo, não pode haver real compreensão de coisa alguma, se nos limitamos a escutar sòmente aquilo que nos agrada e acalma. É uma verdadeira arte o escutar sempre sem preconceito, sem o levantamento de defesas, e permiti-me sugerir que procuremos pôr de parte todos os nossos conhecimentos adquiridos, nossas peculiares idiossincrasias e pontos de vista, para escutarmos com o intuito de descobrir a verdade contida em cada questão. É só a verdade que nos liberta, real e fundamentalmente — não as especulações, as conclusões, porém tão sòmente a percepção do que é verdadeiro. O verdadeiro é o real, e somos incapazes de observar a realidade se dela nos abeiramos com nossas conclusões, preconceitos e experiências pessoais. Assim sendo, se posso sugeri-lo, devemos tentar, no correr destas palestras, escutar não apenas o que se enuncia verbalmente, mas também o conteúdo de cada enunciado; cumpre-nos descobrir por nós mesmos a verdade contida em cada questão.

Ora, a verdade só pode ser descoberta quando não nos entretemos com distrações de espécie alguma; e a maioria de nós quer estar distraída. A vida, com

tôdas as suas lutas, problemas, guerras, crises comerciais e disputas familiares, oferece-nos algo excessivo para as nossas fôrças e por isso desejamos distrair-nos; provàvelmente viemos assistir a esta reunião em busca de distração. Mas a distração, quer externa, quer interna, não nos ajudará a compreender a nós mesmos. A distração — seja a distração que se busca na política, na religião, na ciência, nos entretenimentos, seja a distração que encontramos na procura daquilo a que chamamos verdade — a distração, por mais estimulante que seja a princípio, no fim embrutece a mente, enclausura-a, circunscreve-a e limita-a. As distrações são tanto externas como internas. As externas, nós as conhecemos mais ou menos bem. Ao ficarmos mais velhos, começamos a reconhecê-las, se meditamos, por pouco que seja. Entretanto, ainda que nos livremos das distrações exteriores, muito mais difícil é compreendermos as interiores; e se fazemos destas reuniões apenas uma nova forma de distração, acho que elas terão muito pouco valor para a compreensão de nós mesmos, a qual é de vital importância.

Conseqüentemente, é necessário compreender, na íntegra, o processo da distração; porque, enquanto a mente está distraída, a buscar um resultado, a querer fugir através de excitações ou da chamada inspiração, é ela incapaz de compreender o seu próprio processo. E, se desejamos compreender qualquer dos inumeráveis problemas que se apresentam a cada um de nós, é essencial conhecer perfeitamente o processo de nosso próprio pensar, não o achais? O autoconhecimento é, sem dúvida, o único meio de resolvermos nossos incontestáveis problemas; e o autoconhecimento não pode, de modo algum, ser um resultado, um produto de excitação ou distração. Ao contrário, a distração, a excitação, a chamada inspiração só têm o efeito de nos afastar do problema central. Com

efeito, sem o indivíduo conhecer a si mesmo, fundamental, radical e profundamente, sem conhecer tôdas as camadas da sua consciência, tanto as superficiais como as profundas, não existe base alguma para o pensar, existe? Se não conheço a mim mesmo, tanto nas camadas superficiais como nas mais profundas, de minha mente, que base tenho eu para qualquer atividade pensante? E para chegar ao conhecimento de si mesmo, nenhuma forma de distração é útil. Todavia, do comum, vivemos interessados em distrações. Nossas atividades religiosas, sociais e econômicas, nosso empenho em seguirmos mestres diversos, com suas peculiares idiossincrasias, nossos clamores por aquilo que denominamos saber — tudo isso são fugas, são inegàvelmente distrações que nos desviam do problema central — o conhecimento de nós mesmos. Embora já se tenha dito muitas vêzes que é essencial conhecermos a nós mesmos, em verdade concedemos muito pouco tempo ou reflexão ao assunto; e sem conhecermos a nós mesmos, tudo o que pensemos ou façamos levar-nos-á, inevitàvelmente, a confusão, a aflição, maiores ainda.

Nessas condições, é essencial, em tôdas as coisas, que compreendamos o processo de nós mesmos; porque, sem conhecermos a nós mesmos, nenhum problema humano pode ser resolvido. Qualquer solução de um problema, sem autoconhecimento, é pura distração, que nos leva ao sofrimento, à confusão, e à luta, em maior escala. Isso, se refletimos a tal respeito, é uma coisa bem óbvia. Percebida a verdade dêsse fato, resta saber como é possível conhecer o conteúdo integral, a estrutura completa de nós mesmos. Essa é uma questão fundamental, acho eu, a que cada um de nós tem de fazer frente; e, ao considerarmo-la, conjuntamente, não estais só a escutar-me enquanto vos transmito uma série de idéias, nem eu estou só a expor-vos um determinado

sistema ou método. Pelo contrário, vós e eu estamos tentando descobrir, juntos, como é possível o indivíduo conhecer a si mesmo — conhecer êsse "eu" pessoal, que é o agente, o observador, o pensante, o vigia. Se não conheço o processo integral de mim mesmo, as simples conclusões, teorias, especulações, são, evidentemente, de mui pouca importância.

Ora, para conhecer a mim mesmo, preciso conhecer as minhas ações, meus pensamentos, meus sentimentos; porque só posso conhecer a mim mesmo em ação, e não separadamente da ação. Não posso conhecer a mim mesmo independente de minhas atividades na vida de relação. Minhas atividades, minhas qualidades, são eu mesmo. Só posso conhecer todo o processo do meu pensar, tanto o consciente como o inconsciente, na vida de relação — minhas relações com as idéias, com as pessoas, e com as coisas, a propriedade, e o dinheiro; e o estudar a mim mesmo separadamente das minhas relações, tem muito pouca significação. É só na minha relação com essas coisas que posso conhecer a mim mesmo. O dividir a mim mesmo em "o superior" e "o inferior" é coisa absurda. O pensar que sou o "eu superior" a dirigir ou a controlar o meu "eu inferior", é uma teoria da mente; e, sem compreender a estrutura da mente, o mero inventar de cômodas teorias é um processo de fuga de mim mesmo.

Assim, o importante é descobrir quais são as minhas relações com as pessoas, com a propriedade e as idéias, pois a vida é um processo de relações. Nada pode viver em isolamento, salvo teòricamente; e, para compreender a mim mesmo, preciso compreender todo o processo da vida de relação. Mas a compreensão da vida de relação se torna extremamente difícil e quase impossível, quando me ponho a olhar o espelho da vida de relação com a tendência de condenar, justificar, ou comparar. Como posso

compreender uma relação, se a condeno, justifico ou comparo com alguma coisa? Só posso compreendê-la quando a ela me aplico por maneira nova, com uma mente nova, uma mente que não esteja aprisionada nos seus princípios tradicionais de condenação e aceitação.

O compreender a mim mesmo é essencial, porquanto, quaisquer que sejam os problemas, êles são projetados de mim. Eu sou o mundo, não sou independente do mundo, e os problemas do mundo são os meus problemas. Para compreender os problemas que me cercam, e que são a projeção de mim mesmo, cumpre-me compreender a mim mesmo em relação com tôdas as coisas; mas não pode haver compreensão se me ponho a comparar, a condenar ou a justificar. Ora, é da natureza da mente o condenar, o justificar, o comparar; e ao vermos, no espelho da vida de relação, as nossas próprias reações e idiossincrasias, nossa reação instintiva é condená-las ou justificá-las. A compreensão dêsse processo de condenação e justificação é o comêço do autoconhecimento — e sem autoconhecimento não podemos ir muito longe. Podemos inventar um grande número de teorias e especulações, podemos ingressar em vários grupos, seguir Mestres, praticar rituais, formar pequenas confrarias e sentir-nos superiores aos outros — mas tudo isso não conduz a parte alguma, não passa de ação imatura de pessoas que não pensam. Para descobrirmos o que é real, para descobrirmos se há ou não a realidade, Deus, precisamos, em primeiro lugar, compreender a nós mesmos; porque qualquer que seja a idéia que tenhamos da realidade ou de Deus, ela é mera projeção de nós mesmos, e isso, evidentemente, nunca pode ser real. Só quando a mente está de todo em todo tranqüila — sem ser forçada à tranqüilidade, sem ser compelida nem disciplinada — é que é possível descobrir o que é real;

e a mente só pode estar tranqüila na compreensão de sua própria estrutura. Só o real, aquilo que não é uma projeção da mente, pode libertá-la de tôdas as tribulações, de todos os problemas que cada um de nós enfrenta.

Devemos, pois, em primeiro lugar, perceber a importância, a necessidade de compreendermos a nós mesmos; porque, sem a compreensão de nós mesmos, problema algum pode ser resolvido, e continuarão as guerras, os antagonismos, a inveja e a luta. Um homem que realmente deseja compreender a verdade, necessita de uma mente tranqüila; e essa quietude só lhe pode vir pela compreensão de si mesmo. A tranqüilidade da mente não se consegue a poder de disciplina, de contrôle, de subjugação, mas tão sòmente quando os problemas, que são projeções de nós mesmos, são de todo compreendidos. E só quando a mente está tranqüila, sem projetar-se, a si mesma, é possível existir o real. Isto é, para que a realidade se apresente na existência, é necessário que a mente esteja tranqüila — sem que a tenhamos *pôsto* tranqüila, sem que ela tenha sido controlada, subjugada ou reprimida, mas, sim, que esteja espontâneamente silenciosa em virtude de sua compreensão da estrutura integral do "eu", com tôdas as suas lembranças, limitações e conflitos. Uma vez compreendido tudo isso por maneira completa e exata, a mente está quieta; e só então há possibilidade de conhecer-se aquilo que é real.

Fizeram-me algumas perguntas, e responderei a umas poucas nesta manhã; mas, antes de o fazer, deixai-me dizer que é muito fácil fazer uma pergunta, esperando uma resposta, como "sim" ou "não". Cumpre-nos descobrir a verdadeira resposta por nós mesmos; e para descobrir a resposta verdadeira precisamos examinar o problema. Examinar um problema, principalmente um problema que profundamente

nos interessa, é dificílimo; porque a maioria de nós se aplica ao mesmo com preconceito, com o desejo de encontrar um resultado, uma solução satisfatória. Nessas condições, ao atendermos a essas perguntas, vamos investigar o problema juntamente, não se devendo esperar que *eu vos diga* a resposta, porque a verdade precisa de ser descoberta em cada minuto, não é suscetível de explicar-se. A verdade não é conhecimento; conhecimento é mero cultivo da memória, e a memória é uma continuidade de experiências; e aquilo que é contínuo nunca pode ser a verdade. Vamos, pois, investigar juntos essas questões. Não o digo apenas para efeito de retórica: essa é minha verdadeira intenção. Vós e eu vamos descobrir a verdade de cada questão. Se a descobris por vós mesmos, ela vos pertence; mas se esperais que eu vos dê a resposta, terá esta muito pouco valor, porquanto nesse caso ficareis no nível verbal, ouvindo sòmente palavras, e as palavras não nos levarão muito longe.

Pergunta: Qual o sistema que nos garantiria a segurança econômica?

Krishnamurti: Que se entende por sistema? O mundo se vê atualmente separado por dois sistemas, o da esquerda e o da direita. O mundo está fracionado por crenças, idéias, fórmulas, e nós buscamos a segurança física ou econômica de acôrdo com determinadas normas. Ora, pode haver segurança em conformidade com algum sistema? Pode-se basear a existência numa determinada crença, conclusão, ou teoria? Há o sistema da esquerda e o sistema da direita. Um e outro prometem a segurança econômica e vivem em guerra entre si — o que significa que não estais em segurança. Não estais em segurança porque viveis a disputar em tôrno de

sistemas, alimentando, com isso, a guerra. Assim sendo, enquanto dependerdes de um sistema para terdes segurança, haverá certamente a insegurança. Está bem claro isso, não achais? Aquêles que vivem apegados a crenças, a promessas utópicas, não têm interêsse pelas pessoas: o que lhes interessa são as idéias; e a ação baseada em idéias gerará inevitàvelmente o separatismo e a desintegração, e é isso, com efeito, o que está acontecendo na atualidade. Assim, pois, enquanto buscarmos a segurança num sistema, numa idéia, é óbvio que haverá separatismo, contenda, desintegração, fatôres infalíveis de insegurança.

O problema que vem logo depois é êste: a segurança econômica é uma questão de legislação, de compulsão, de totalitarismo? Todos nós desejamos viver seguros. É essencial estar fisicamente em segurança, ter alimento, roupa e morada, pois, do contrário, não podemos existir. Mas essa segurança pode ser implantada pela legislação, pelo contrôle econômico, ou é um problema psicológico? Até agora temo-la considerado, a segurança, ùnicamente como um problema econômico, como uma questão de ajustamento econômico; mas, sem dúvida nenhuma, trata-se de um problema psicológico, não achais? E um problema dessa ordem pode ser resolvido por economistas? Visto que o problema econômico é evidentemente o resultado de nossas próprias inclinações, desejos e interêsses, êle é em verdade um problema psicológico; e, para se estabelecer a segurança econômica, precisamos compreender a exigência psicológica de estar em segurança. Não sei se estou sendo claro.

O mundo acha-se atualmente dividido em diferentes nacionalidades, diferentes crenças, diferentes ideologias políticas, cada uma das quais promete a

segurança, uma Utopia futura; e, evidentemente, tal processo de separação é um processo de desintegração.

Ora, pode em algum tempo existir a unidade por influência das idéias? Podem as idéias, as crenças, unir as pessoas? Evidentemente não podem — isso está sendo provado em todo o mundo. Assim, pois, para se estabelecer a segurança, não para um pequeno grupo de indivíduos, porém, para tôda a humanidade, é preciso estarmos livres dêsse processo de divisão criado pelas idéias — a idéia de ser cristão, budista, hinduísta, nacionalista, comunista, socialista, capitalista, americano, russo, ou sabe Deus o que mais. São essas as coisas que nos estão separando, e elas são ùnicamente crenças, idéias; enquanto vivermos apegados a crenças, como meio de segurança, há de haver separação, há de haver desintegração e caos.

Trata-se, pois, fundamentalmente, de um problema psicológico, e não de um problema econômico; é um problema da psique individual, e por conseguinte é necessário compreendermos o processo da individualidade, do "vós". O "vós" que mora na América é diferente do "eu" que vive na Índia ou na Europa? Embora nos separemos pelos costumes, pelas fórmulas, por certas crenças, fundamentalmente nós somos idênticos, não achais? Ora, quando o "eu" busca a segurança numa crença, essa mesma crença fortifica o "eu". Eu sou hindu, sou socialista, pertenço a uma determinada religião, a uma determinada seita — e a isso estou apegado e defendo-o. Assim, pois, o próprio apêgo à crença cria o separatismo, o qual, evidentemente, é um fator de dissensão entre vós e mim. O problema econômico nunca poderá ser resolvido enquanto nos separarmos em nacionalidades, em grupos religiosos, ou enquanto pertencermos a determinadas ideologias.

Trata-se, pois, essencialmente, de um problema psicológico, isto é, um problema do indivíduo em relação com a sociedade; e a sociedade é a projeção do próprio indivíduo. Esta a razão por que não pode haver solução de nenhum problema humano sem compreendermos completamente a nós mesmos — o que significa viver num estado de completa insegurança interior. Queremos estar externamente em segurança, e por isso nos empenhamos pela segurança interior; mas, enquanto estivermos à procura de segurança interior, por meio de crenças, de apêgos, de ideologias, é bem de ver que criaremos ilhas de isolamento, separando-nos em grupos nacionais, ideológicos e religiosos, e vivendo, assim, em guerra uns contra os outros.

Assim sendo, importa compreendermos o processo de nós mesmos. Mas o autoconhecimento não representa um meio de segurança definitiva; pelo contrário, a realidade é algo que precisa ser descoberto momento por momento. A mente que se acha em segurança nunca pode encontrar-se num estado propício ao descobrimento; e a mente que está insegura não tem crença, não está aprisionada em ideologia alguma. Essa mente não está à procura de segurança interior e, por conseguinte, criará a segurança exterior. Enquanto buscardes a segurança interior, jamais tereis a segurança exterior. Por conseguinte, o problema não consiste em promover a segurança exterior, mas, sim, em compreender o desejo de estar em segurança interior, psicológica; e, enquanto o não compreendermos, jamais teremos a paz, jamais teremos a segurança no mundo exterior.

Muitas vêzes ficamos horrorizados ao descobrir em nós mesmos alarmantes anomalias. Como ficar livres delas? Há maneiras diferentes de se tentar ficar livre, não é verdade? Há o processo psicanalítico, há o processo do contrôle, da disciplina, e o

processo da fuga. Pode uma pessoa ficar livre, fundamentalmente, por meio do processo psicanalítico? Não estou condenando a psicanálise, mas vamos examiná-la. Em primeiro lugar, o "eu", tôda a estrutura do "eu", é o resultado do passado. Vós e eu somos resultado do passado, do tempo, de muitos incidentes, experiências; somos constituídos de várias qualidades, lembranças, idiossincrasias. Tôda a estrutura do "eu" é o passado. Mas no passado existem certas qualidades desagradáveis de que desejo libertar-me e, assim, volto ao passado, para examiná-las; trago-as à luz e analiso-as, esperando dissolvê-las — ou, servindo-me das ações do presente como de um espelho para refletir o passado, tento dissolver o passado. Isto é, ou volto ao passado e procuro dissolvê-lo por meio da análise, ou sirvo-me do presente como meio de descobrir o passado, i. e., na ação presente, procuro descobrir e compreender o passado. Êsse é um dos processos.

E há ainda o processo da disciplina. Digo de mim para mim: "Estas anomalias não são dignas; por isso preciso reprimi-las, subjugá-las, controlá-las". Implica isso — não é verdade,? — a existência de uma entidade separada do processo do pensamento — podeis chamá-la o "eu superior" ou o que quiserdes — a qual controla, e domina, e escolhe. Quando digo "vou dissolver estas anomalias", entendo que estou separado delas. Isto é, não gosto das anomalias, que me prejudicam, me fazem mêdo, me trazem conflito, e preciso dissolvê-las; surge, assim, a idéia de que o "eu" está separado das anomalias e é capaz de dissolvê-las.

Antes de continuarmos a discutir êste ponto, precisamos descobrir se o "eu", o examinador, o observador, o analista, é diferente das qualidades. Está claro isso? O pensante, que experimenta, que observa, é diferente do pensamento, da experiência, da

coisa que observa? O "eu", quer o ponhais no nível superior ou no nível inferior — o "eu" é diferente das qualidades que o compõem? O pensante, o analista, é diferente dos seus pensamentos? Pensais que é, que o pensante está separado do pensamento; por isso controlais o pensamento, moldais o pensamento, o subjugais, o afastais. O pensante, dizeis, é diferente do pensamento. Mas é exato isso? Existe um pensante sem pensamento? Quando não tendes pensamento algum, que é do pensante? Está visto, pois, que o pensamento cria o pensante; o pensante não cria o pensamento. Assim que separamos o pensante do pensamento, logo se apresenta o problema de controlar, dissipar, reprimir o pensamento, ou de nos livrarmos de um determinado pensamento. Tal é o conflito entre o pensante e o pensamento, conflito em que está envolvida a maioria de nós — nosso problema é êsse.

Um indivíduo percebe em si mesmo certas anomalias desagradáveis e quer livrar-se delas; e por isso procura analisá-las ou disciplíná-las, isto é, fazer alguma coisa com relação aos pensamentos. Mas, antes de o fazermos não deveríamos verificar se o pensante está, de fato, separado do pensamento? Evidentemente não está: o pensante *é* o pensamento, o que experimenta *é* a coisa experimentada — não são dois processos distintos, mas, sim, um processo singular, unitário. O pensamento se divide e cria o pensante, por conveniência própria. Isto é, o pensamento é invariàvelmente transitório, não tem lugar de descanso, e, reconhecendo-se transitório, cria o pensante como a entidade permanente. A entidade permanente atua então sôbre o pensamento, escolhendo êste pensamento e rejeitando aquêle. Ora, se perceberdes realmente a falsidade de tal processo, descobrireis que não existe pensante, mas apenas pensamentos — e isso é uma verdadeira revolução.

Essa é a revolução fundamental, essencial, para que se compreenda, na sua totalidade, o processo mental do pensar. Enquanto admitirdes um pensante diferente dos seus pensamentos, haverá fatalmente conflito entre o pensante e o pensamento; e onde há conflito não pode haver compreensão. Sem compreenderdes essa divisão em vós mesmos, podeis fazer o que quiserdes — reprimir, analisar, descobrir a causa da luta, apelar para um psicanalista, etc. — permanecereis, inevitàvelmente, no processo de conflito. Mas, se puderdes perceber e compreender a verdade de que o pensante *é* o pensamento, de que o analista *é* a coisa analisada — se puderdes compreender isso, não apenas verbalmente, mas por experiência real, assistireis a uma extraordinária revolução. Já não haverá uma entidade separada, como o "eu", escolhendo e rejeitando, buscando um resultado, ou procurando alcançar um fim. Onde há escolha tem de haver conflito; e a escolha jamais conduzirá à compreensão, porquanto a escolha implica um pensante que escolhe. Assim sendo, para ficarmos livres de uma determinada anomalia, uma determinada perversão, precisamos primeiramente descobrir por nós mesmos a verdade de que o pensante não está separado do pensamento; veremos então que aquilo a que chamamos anomalia é um processo mental de pensamento, e que não existe pensante separado dêsse processo.

Ora, que entendemos por "pensar"? Quando dizemos "isto é feio", "isto é temor", "isto precisa ser pôsto de parte", sabemos que processo é êsse. Aí está o "eu" a escolher, a condenar, a rejeitar. Mas se não existe o "eu", porém, apenas, o processo do temor, que acontece então? Estarei esclarecendo o problema? Se não existe aquêle que condena, que escolhe, que pensa estar separado daquilo de que não gosta, que acontece? *Experimentai-o*, enquanto

esfôrço da mente por identificar-se com um determinado oposto. Enquanto procurais um resultado, tem de existir o pensante, tem de haver processo de isolamento; e a pessoa que, nos seus pensamentos, está isolada, como pensante, nunca poderá encontrar o que é verdadeiro. A chamada pessoa religiosa, que procura a Deus, está-se firmando, apenas, como entidade permanente separada de seus pensamentos, e, por isso, nunca poderá encontrar a realidade.

Nosso problema, pois, é o seguinte: ao estar consciente de uma determinada reação de temor, de culpa, de cólera, de inveja, ou do quer que seja, como pode uma pessoa ficar de todo livre dela? Vê-se logo que não é possível ficar livre dela por meio de disciplina, porque um produto do conflito nunca é a verdade: é apenas um resultado, o efeito de uma causa. Mas, se um indivíduo percebe como verdadeiro que o pensante nunca pode separar-se de seu pensamento, que as qualidades e as lembranças do "eu" não estão separadas do "eu" — se o percebe e tem *experiência* direta disso, verá êsse indivíduo que o pensamento se torna um fato, e que um fato não é passível de tradução. O fato é a verdade, e quando estais em frente da verdade e não há outra ação senão a de vê-la diretamente, tal como é, sem condenação ou justificação, êsse próprio reconhecimento do fato liberta a mente do fato.

Nessas condições, só quando a mente é capaz de perceber a si mesma em sua relação com tôdas as coisas, é-lhe possível ficar quieta, tranqüila. A mente tranqüilizada por um processo de isolamento, de subjugação, de contrôle, não está tranqüila, porém, morta; só se está conformando a um padrão, só está procurando um determinado resultado. Só uma mente livre pode estar tranqüila, e essa liberdade não surge de nenhuma forma de identificação; pelo contrário, ela só vem quando percebemos que o pen-

sante é o pensamento e não está separado do pensamento. A tranqüilidade nascida da liberdade, da compreensão, não depende do conhecimento. O conhecimento nunca pode trazer a compreensão. O conhecimento é mero cultivo da memória, em que a mente busca segurança, e tal mente não pode compreender a realidade. A realidade só pode ser encontrada na liberdade, o que significa encarar o fato tal como é, sem o desfigurar. Tem de haver desfiguração, enquanto o "eu" estiver separado da coisa que observa.

Sem dúvida, a mente tranqüila é uma mente livre, e é só na liberdade que se pode descobrir a verdade.

4 de junho de 1950.

SEGUNDA PALESTRA EM NOVA IORQUE

Acho que é importante perceber a necessidade de autoconhecimento; porque, o que nós somos, projetamos. Se estamos confusos, incertos, preocupados, se somos ambiciosos, cruéis ou timoratos, é justamente isso que produzimos no mundo. Não parecemos compreender quanto é essencial ao pensamento e à ação que haja uma compreensão fundamental de nós mesmos — não só das camadas superficiais da consciência, mas também das camadas mais profundas do inconsciente, compreensão da totalidade do processo do nosso pensar e sentir. Parecemos considerar essa compreensão de nós mesmos como uma tarefa tão difícil que preferimos fugir para tôdas as espécies de infantilidades, atividades imaturas, tais como cerimônias, as chamadas organizações espirituais, grupos políticos, etc. — tudo, menos estudar e compreender a *nós mesmos* integral e completamente.

A compreensão fundamental de nós mesmos não nos vem através do conhecimento ou da acumulação de experiências, pois isso é apenas cultivo da memória. A compreensão de nós mesmos dá-se de momento a momento; e se nos limitamos a aumentar o conhecimento do "eu", êsse mesmo conhecimento nos impedirá de nos compreendermos mais profundamente, porque os conhecimentos e experiências acumulados se tornam o centro focal do pensamento e o próprio fator de sua existência. O mundo não é diferente de nós e de nossas atividades, pois o que somos é que cria os problemas do mundo; e a

dificuldade da maioria de nós está em que não conhecemos a nós mesmos diretamente, preferindo procurar um sistema, um método pelo qual sejam resolvidos os múltiplos problemas humanos.

Ora, existe um meio, um sistema, de conhecer a si mesmo? Qualquer pessoa inteligente, qualquer filósofo pode inventar um sistema, um método; mas, sem dúvida, o seguir um sistema só produzirá um resultado criado por êsse sistema, não é verdade? Se eu sigo um determinado método de conhecer a mim mesmo, terei então o resultado que êsse sistema necessàriamente produz; mas êsse resultado por certo não será a compreensão de mim mesmo. Isto é, quando sigo um método, um sistema, um meio de conhecer a mim mesmo, eu moldo o meu pensar, as minhas atividades, de acôrdo com um padrão; mas a observância de um padrão não é a compreensão de si mesmo.

Não existe, portanto, método algum de autoconhecimento. A procura de método implica invariàvelmente o desejo de alcançar um certo resultado — e é isso o que todos nós queremos. Seguimos a autoridade, se não a de uma pessoa, pelos menos a de um sistema, de uma ideologia, porque desejamos um resultado que seja satisfatório, que nos proporcione segurança. Não desejamos realmente compreender a nós mesmos, os nossos impulsos e reações, o processo integral do nosso pensar, tanto o consciente como o inconsciente; preferimos seguir um sistema que nos garanta um resultado. Mas o interêsse por um sistema é sempre produto de nosso desejo de segurança, de certeza, e o resultado disso, sem dúvida, não é a compreensão de nós mesmos. Quando seguimos um método, precisamos de autoridades — o mentor, o *guru*, o salvador, o Mestre — que nos garantam aquilo que desejamos; e êsse, por certo, não é o caminho do autoconhecimento.

A autoridade impede a compreensão de nós mesmos, não é verdade? Sob a égide de uma autoridade, de um guia, podeis ter temporàriamente um sentimento de segurança, um sentimento de bem-estar; mas tal não é a compreensão do processo total de si mesmo. A autoridade, pela sua própria natureza, impede o conhecimento pleno de nós mesmos e destrói, por fim, a liberdade; e só na liberdade pode haver ação criadora. Só pode haver ação criadora em virtude do autoconhecimento. Os mais de nós não somos criadores, somos meros relógios de repetição, meros discos de gramofone a tocar sempre as mesmas cantigas de experiências, de conclusões e lembranças, nossas ou de outrem. Tal repetição não é criação — mas é o que desejamos. Desejando a segurança, interiormente, vivemos numa incessante busca de métodos e meios de alcançá-la, e por essa maneira criamos a autoridade, a veneração por outro indivíduo, a qual destrói a compreensão, aquela espontânea tranqüilidade da mente, imprescindível à criação.

A nossa dificuldade, por certo, está em que a maioria de nós perdeu o senso da criação. O ser criador não significa pintar quadros ou escrever poemas, para nos tornarmos famosos. Isso não é criação — é apenas a capacidade de expressar uma idéia, que o público aplaude ou menospreza. Não se devem confundir capacidade e potência criadora. Capacidade não é potência criadora. A atividade criadora é um modo de ser inteiramente diferente, não é verdade? É um estado no qual está ausente o "eu", no qual a mente já não é um foco de nossas experiências, nossas ambições, nossos empenhos, nossos desejos. A atividade criadora não é um estado contínuo; é nova de momento a momento, é um movimento no qual não existe "eu" e "meu", no qual o pensamento não está con-

centrado em tôrno de determinada experiência, ambição, realização, propósito ou motivo. É só quando não existe o "eu", que existe ação criadora — êsse estado que é o único onde se pode encontrar a realidade, a criadora de tôdas as coisas. Mas êsse estado não pode ser concebido ou imaginado, não pode ser formulado ou copiado, não pode ser alcançado por meio de sistema algum, por nenhum método, nenhuma filosofia, nenhuma disciplina; ao contrário, êle só pode manifestar-se pela compreensão do processo total do "eu".

A compreensão do "eu" não é um resultado, uma culminação; é o vermos o nosso "eu", momento por momento, no espelho da vida de relação — em nossas relações com a propriedade, com as coisas, as pessoas e as idéias. Mas achamos difícil estar atento, estar vigilante, e preferimos embotar as nossas mentes, seguindo um método, aceitando autoridades, superstições e teorias aprazíveis; por essa maneira, a mente se fatiga, fica exausta e insensível. Uma mente em tais condições não pode conhecer o estado de criação. Êsse estado de criação só se manifesta quando o "eu", que é o processo de reconhecimento e acumulação, deixa de existir; porque, afinal de contas, a consciência, como "eu", é o centro do reconhecimento, e o reconhecimento é simples processo de acumulação da experiência. Mas temos mêdo de ser nada, porque todos desejamos ser alguma coisa. O homem pequeno quer ser um grande homem, o não virtuoso quer ser virtuoso, o fraco e obscuro aspira ao poder, à posição, à autoridade. Tal é a atividade incessante da mente. Uma mente assim não pode estar serena e, por conseqüência, nunca poderá compreender o estado criador.

Nessas condições, para se transformar o mundo que nos circunda, com suas misérias, suas guerras,

desemprêgo, fome, divisões de classes e confusão extrema, urge uma transformação em nós mesmos.

A revolução deve começar dentro de nós mesmos, mas não de acôrdo com qualquer crença ou ideologia; porque a revolução baseada numa idéia ou conforme com determinado padrão, não é, òbviamente, revolução alguma. Para se operar uma revolução fundamental dentro em nós, precisamos compreender, integralmente, o processo de nossos pensamentos e sentimentos, na vida de relação. É a única solução para todos os nossos problemas — e não o têrmos mais disciplinas, mais crenças, mais ideologias e mais instrutores. Se pudermos compreender a nós mesmos, tais como somos, momento por momento, sem o processo da acumulação, veremos então como surge uma tranqüilidade que não é produto da mente, uma tranqüilidade não imaginada nem cultivada; e só nesse estado de tranqüilidade pode haver criação.

Tenho várias perguntas para responder e, ao examiná-las em conjunto, vamos, como indivíduos, *experimentar*, juntos, descobrir a verdade contida em cada questão. Não é a minha explicação que irá resolver o problema, nem a vossa ardente busca de solução; mas o que dissolve qualquer problema é o esclarecê-lo, passo por passo, e chegar-se assim a perceber a verdade nêle contida. É o perceber a verdade contida em nossas dificuldades, que as dissolve; mas não é fácil o perceber as coisas como realmente são. Escutar é uma arte; se, quando escutamos, somos capazes de seguir, experimentalmente, ativamente, o que se diz, temos então a possibilidade de enxergar a verdade e, por essa maneira, dissolver o problema que porventura se depara a cada um de nós.

P e r g u n t a : Qual é a atitude mental que considerais mais apropriada para se alcançar o contentamento no perturbado mundo hodierno, e de que maneira sugeris que a alcancemos?

K r i s h n a m u r t i : Quando desejais alcançar o contentamento, tendes uma idéia a respeito dêle, não é verdade? Tendes uma percepção do que significa estar contente e aspirais a êsse estado; por isso procurais um método, desejais saber como alcançar tal estado. É o contentamento um resultado, uma coisa para ser alcançada? A própria busca de um resultado não é uma causa de descontentamento? Sem dúvida, no momento em que desejo ser alguma coisa, já lancei a semente do descontentamento; logo que desejo alcançar o contentamento, já fiz nascer o descontentamento.

Vejamos a significação dêsse desejo de atingir um fim. O fim tem de ser sempre agradável, algo que julgamos nos dará segurança e felicidade permanentes. Isto é, o fim é sempre projetado de nós mesmos; e depois de o projetarmos, ou imaginarmos, ou de o formularmos em palavras, desejamos alcançá-lo, e buscamos então um método de consegui-lo. Desejamos saber como se fica contente. Êsse desejo mesmo de estar contente, ou a busca de um método para alcançar tal estado não denuncia a estultice de nossas mentes? O homem que diz: "Desejo alcançar o contentamento", já está, sem dúvida alguma, num estado de estagnação. Só lhe importa estar encerrado num estado em que nada o perturbe; seu contentamento, pois, é a segurança definitiva, que é isolamento, ao abrigo de perturbações. O contentamento alcançado pelo esfôrço, e que chamamos a mais elevada realização espiritual, é, em verdade, uma condição de decadência. Mas, se somos capazes de compreender o processo do descontentamento,

perceber aquilo que o produz; se, sem chegarmos a conclusão alguma, pudermos ficar cônscios da marcha do descontentamento, imparcialmente, vigilantes a cada um de seus movimentos — então, nessa compreensão mesma, surge um estado de contentamento não produzido pela mente, pelo processo do pensamento, nem pelo desejo.

Tudo o que a mente produz é, sem dúvida, baseado no pensamento, e o pensamento é simples resposta (reação) da memória, da sensação. Quando *buscamos* o contentamento, procuramos uma sensação que nos dê plena satisfação; mas uma sensação nunca pode ser contentamento. Se percebo que estou contente, se estou cônscio disso, isso é contentamento? A virtude tem consciência de si mesma? A felicidade é um estado no qual tenho a consciência de que sou feliz? Sem dúvida, no momento em que estou cônscio de estar contente, fico descontente: quero mais (risos). Não riais dessas coisas, porque no rirdes as estais pondo de lado, não as estais acolhendo em vós. Êsse riso é uma reação superficial a algo sério que não desejamos encarar de frente.

O contentamento não é uma coisa que possa ser alcançada — embora todos os livros religiosos, todos os santos e Mestres a prometam. A promessa dêles não é promessa alguma; é uma coisa vã, que vos dá agrado. Mas existe uma possibilidade de compreender todo o processo do descontentamento, não existe? Que é que me faz descontente? Certamente é o desejo de um resultado, uma recompensa, uma realização, o *desejo* de vir a ser *alguma coisa*. No processo mesmo de alcançar uma recompensa, está a punição; e o homem que busca uma recompensa já está punindo a si mesmo. Ganhar implica descontentamento. A ânsia de conseguir gera o mêdo de perder, e o próprio desejo de alcançar o contentamento traz o descontentamento. Importa — não é verdade?

— perceber isso não como teoria, não como uma coisa para ser pensada, discutida e meditada, mas como um fato simples. No momento em que desejais algo, já criastes o descontentamento; e tôda a publicidade, tudo o que existe na nossa sociedade, instiga êsse desejo de *possuir*, de crescer, de conseguir, de vir a ser. E essa luta por vir a ser alguma coisa pode chamar-se evolução, crescimento, progresso?

Existe, por certo, um processo de compreender o descontentamento; e, ao compreendê-lo, vereis que o descontentamento é a natureza mesma do "eu". O "eu" é o centro do descontentamento ,porquanto o "eu" é a acumulação de lembranças; e as lembranças só podem prosperar onde há mais lembranças, mais sensações. Enquanto vós e eu não compreendermos o "eu", centro do descontentamento, enquanto não penetrarmos e compreendermos todo êsse processo de vir a ser, de conseguir, sempre haverá descontentamento. Como pode uma mente agitada pelo desejo de um resultado compreender qualquer coisa? Ela pode ficar quieta, temporàriamente, no isolamento daquilo que conseguiu; mas essa mente está por certo fechada e nunca conhecerá a tranqüilidade daquele contentamento que não é um resultado. A mente que está prêsa a um resultado, nunca poderá ser livre, e é só na liberdade que pode existir o contentamento.

P e r g u n t a : Dizeis que utilizamos as necessidades fisiológicas para a nossa expansão e segurança psicológica. Demonstrais também que a segurança é inexistente. Isso infunde-nos um sentimento de completa desesperança e temor. Não há mais nada, além disso?

K r i s h n a m u r t i : Eis um problema complexo, vamos esclarecê-lo juntos. Em primeiro

lugar, é necessária à segurança fisiológica, não achais? Necessitamos de alimentos, roupas, morada. Deve haver segurança, entendendo-se a palavra no sentido de que as nossas necessidades físicas precisam ser satisfeitas, pois do contrário não podemos existir. Mas as necessidades fisiológicas são utilizadas como um meio para a nossa própria expansão psicológica, não é verdade? Isto é, a pessoa usa a propriedade, o vestuário, tôdas as necessidades físicas, como um meio para firmar sua própria posição, seu progresso e autoridade.

Expressando-o diferentemente: o nacionalismo, ao chamar alguém de americano, russo, hindu, ou o que quer que seja, é, sem dúvida, uma das causas da guerra. Nacionalismo é separatismo, e é claro que tudo que separa, desintegra. O nacionalismo destrói a segurança física; mas uma pessoa é nacionalista, porque sente segurança psicológica em estar identificada com o que é maior, com determinado país, grupo ou raça. Dá-me um sentimento de segurança o chamar-me hindu, ou outro nome qualquer; sinto-me lisonjeado, proporciona-me isso uma sensação de bem-estar.

De modo idêntico, nós nos servimos da propriedade como meio de engrandecimento psicológico, de expansão do "eu"; e é por isso que temos tôda esta confusão, conflito e divisão, no mundo de hoje. Nessas condições, o problema econômico não está todo situado em seu nível próprio, sendo, no fundo, um problema psicológico. Êste é um dos aspectos da questão.

Ora bem, enquanto estivermos à procura de segurança psicológica ou interior, evidentemente negaremos a segurança externa. Isto é, enquanto somos nacionalistas, temos de criar a guerra, destruindo por essa maneira a segurança exterior, que é tão essencial. É a procura da segurança interior, pelo

indivíduo, que produz as guerras, as lutas de classes, as inumeráveis divisões da religião, e tudo o mais, destruindo-se, por fim, a segurança exterior de todos. Assim sendo, enquanto estiver eu à procura de segurança interior, sob qualquer forma, tenho de provocar o caos e o sofrimento no exterior. O mero reajustar da segurança exterior, individual ou coletiva, sem a compreensão do processo interior do desejo, é de todo em todo fútil; porque a necessidade psicológica de expansão interior destruirá na certa qualquer estrutura criada exteriormente. Êsse é um fato que podemos discutir e apreciar mais tarde.

Pois bem; a segurança interior é um estado inexistente, e quando a procuramos, o que fazemos é apenas isolar-nos, fechando-nos numa idéia, numa esperança, num determinado padrão que nos é agradável. Isto é, encerramo-nos ou na experiência e no conhecimento coletivos, ou em nossa experiência e conhecimento próprios, e nesse estado gostamos de permanecer, porque nos sentimos seguros. Ter determinado nome, possuir certas qualidades e coisas, vos dá uma sensação de bem-estar. O vos chamardes doutor, prefeito, *swami*, ou sabe Deus o que mais, proporciona-vos uma sensação de segurança interior; e essa segurança interior é, sem dúvida, um processo de separação e, por conseguinte, de desintegração.

Ora bem, ao perceberdes de fato que não existe segurança interior, dizeis que tendes um sentimento de completa desesperança e temor. Porque êsse sentimento de desesperança? Porque êsse sentimento de desespêro? Que entendeis por esperança? O homem que está apegado à esperança está, evidentemente, morto; um homem que está a esperar, está a morrer, porque, para êle, o que tem importância é o futuro — não o que *é*, mas o que *será*. Um homem que vive de esperanças, não está vivendo, absolutamente; está vivendo noutra parte, vivendo no futuro,

e viver no futuro não é viver. Mas dizeis que, quando estais sem esperança, ficais desesperado. É exato isso? Ao perceberdes a verdade a respeito da esperança, ao perceberdes como é ela destrutiva, ficais desesperado? Se percebeis a verdade de que não existe segurança interior de espécie alguma — perceber realmente essa verdade, e não apenas especular a respeito do estado psicológico de insegurança — perdeis a esperança, ficais desesperado? Porque pensamos sempre em têrmos de contrastes, quando estamos no desespêro desejamos a esperança; e, quando não há esperança, ficamos desesperados. Não indica isso que estamos procurando um estado no qual não haja perturbação alguma? Mas, porque *não* devemos ser perturbados? Não é necessário que a mente esteja completamente incerta, para descobrir? Entretanto, no momento em que estais incertos, caís num estado de desesperança, de desespêro e de mêdo; e criais então uma filosofia do desespêro e seguis essa filosofia. Por certo, se realmente perceberdes a verdade sôbre a esperança, surgirá um estado em que estareis livres tanto da desesperança como da esperança; mas a pessoa precisa perceber, precisa compreender e experimentar êsse estado.

Que entendemos por mêdo? Mêdo de que? Mêdo de não ser? Mêdo do que sois? Mêdo de perder, de ter prejuízo? O mêdo, quer consciente, quer inconsciente, não é abstrato: êle só existe em relação com alguma coisa. O que tememos é o estar inseguros, não é isso? Temos mêdo de estar inseguros, não apenas econômicamente, mas, muito mais ainda, interiormente. Isto é, tememos a solidão, tememos o ser nada, tememos o sentimento de completo desnudamento, de completo expurgo de tôdas as crenças, experiências e memórias da mente. Dêsse estado, como quer que êle seja, temos mêdo; o estado de não ser amado, o estado de perder ou de não conseguir.

Mas, quando vemos o que é a solidão, quando conhecemos o que significa estar só, sem fugir, temos então uma possibilidade de superá-la; porque estar só é inteiramente diferente de solidão. É necessário "estar só"; mas hoje somos constituídos de muitas coisas, de muitas influências, de sorte que nunca estamos sós. Não somos indivíduos, somos apenas um feixe de reações coletivas, com um nome determinado, um determinado grupo de lembranças, tanto herdadas como adquiridas. Isso, por certo, não é individualidade.

Pois bem; para compreender o que é "estar só" precisamos compreender todo o processo do temor. A compreensão do temor traz, no fim, êsse estado no qual nos vemos completamente vazios, completamente sós; isto é, ficais frente a frente com uma solidão insaciável, impreenchível, da qual não há possibilidade de fuga. Vereis então que é possível superar a solidão — e, então, não existe nem esperança nem desesperança, porém um estado de solidão isento do temor.

Como já disse, um homem que espera não está vivendo, porque, para êle, o futuro é extraordinàriamente importante; por conseguinte, está disposto a sacrificar o presente pelo futuro. É o que estão fazendo todos os ideologistas, todos os arquitetos de Utopias: estão sacrificando o presente, isto é, estão prontos a liquidar a vós e a mim, no interêsse do futuro — como se conhecessem o futuro... Todos os partidos políticos, todos os ideologistas nos acenam com uma esperança, e aquêles que perseguem a esperança acabam sendo destruídos. Mas, se formos capazes de compreender o desejo de segurança interior, de percebér todo o seu processo, e não apenas negá-lo ou viver num determinado estado fantasioso; se, pela vigilância atenta, estamos cônscios de tôdas as reações do "eu", e percebemos que não existe se-

gurança interior de espécie alguma, derivada da propriedade, de uma pessoa, ou de uma ideologia — então, nesse estado de completa insegurança da mente, surge uma liberdade na qual se encontra a única possibilidade de se descobrir "o que *é*". Mas êsse estado não é para aquêles que esperam ou temem, ou que desejam alcançar um resultado.

Pergunta: Como posso experimentar Deus em mim?

Krishnamurti: Que entendemos por experiência? Que é o processo de experimentar? Quando é que dizemos: "tive uma experiência"? Dizêmo-lo apenas quando reconhecemos a experiência, isto é, quando existe um experimentador separado da experiência. Isso significa que o nosso experimentar é um processo de reconhecimento e acumulação. Estou-me explicando bem?

Só posso experimentar quando há o reconhecimento da experiência, e reconhecimento é recordação, memória; e a memória é, òbviamente, o centro do "eu". Isto é, todo processo de reconhecimento e de acumulação de experiência é o "eu", e o "eu" diz, então, "tive uma experiência". O que é reconhecido e acumulado como experiência é a reação ao estímulo, a resposta ao desafio. Se não reconheço a resposta a um desafio, nenhuma experiência tenho. Certo, se vós me desafiais e eu não reconheço o sentido, o significado de vosso desafio, nem reconheço a minha resposta ao mesmo, como posso ter uma experiência? Só há experiência quando eu respondo a um desafio e reconheço a resposta.

Ora, o interrogante indaga: "Como posso experimentar Deus em mim?". Deus, a realidade, ou o quer que seja, é coisa susceptível de experimentar-se, de reconhecer-se, de modo que se possa dizer:

"Tive uma experiência de Deus"? Evidentemente, Deus é o desconhecido; Deus não pode ser conhecido. No momento em que o conheceis, já não é Deus: é algo autoprojetado, reconhecido, isto é, memória. É por isso que o crente nunca poderá conhecer Deus; e visto que a maioria de vós crê em Deus, jamais conhecereis a Deus, porque vossa própria crença vo-lo impede. Mas a descrença em Deus, que é outra forma de crença, impede também o descobrimento do desconhecido; porque tôda crença é, òbviamente, um processo da mente. A crença é o resultado do conhecido. Podeis crer no desconhecido, mas tal crença nasceu do conhecido, é parte do conhecido, que é memória. A memória diz: "Não conheço Deus, Êle é algo desconhecido". Por essa maneira a memória cria o desconhecido, e passa a crer nêle como um meio de experimentar o desconhecido.

Deus pode ser objeto de crença? Os sacerdotes, os pregadores, os organizadores de religiões, os bispos, os cardiais, o carniceiro, o aviador que lança bombas — todos dizem "Deus está comigo". O homem que ganha dinheiro, o homem que explora outros, o homem que acumula riquezas e edifica templos ou igrejas, diz que Deus é seu companheiro. Tôdas essas pessoas crêem em Deus; e sem dúvida sua crença é simples forma de auto-expansão, é um conceito próprio. É claro que tais pessoas, aquelas que acreditam nos dogmas organizados, que têm condicionado a mente de acôrdo com um determinado padrão chamado religião, nunca podem conhecer a realidade final.

Para que o desconhecido venha à existência, a mente precisa estar completamente vazia; não pode haver o experimentar da realidade, porque o experimentador é o "eu", com tôdas as suas lembranças acumuladas, tanto conscientes como inconscientes. O

dentro da esfera do tempo, pensando em têrmos de futuro, em têrmos de obtenção, de ganho, de realização, tem de haver contradição, porque, em tais condições, somos incapazes de encarar exatamente o que *é*. Só no percebimento, na compreensão, no conhecimento imparcial do que *é*, há possibilidade de nos libertarmos daquele fator de desintegração que é a contradição.

Portanto, é essencial — não achais? — compreender o processo integral de nosso pensar, pois é nêle que se encontra a contradição. O próprio pensamento tornou-se uma contradição, porque não temos compreendido o processo total de nós mesmos; e tal compreensão só é possível quando estamos plenamente cônscios de nosso pensamento, não como um observador a operar sôbre o seu pensamento, porém integralmente e sem escolha — o que é extremamente difícil. Só então pode dissolver-se aquela contradição tão nociva e dolorosa.

Enquanto estivermos tentando alcançar um resultado psicológico, enquanto desejarmos a segurança interior, tem de haver contradição em nossa vida. Não me parece que a maioria de nós tenha consciência dessa contradição; ou, se a temos, não enxergamos a sua verdadeira significação. Pelo contrário, a contradição dá-nos um incentivo para viver; o atrito faz-nos sentir que estamos vivos. O esfôrço, a luta da contradição, dá-nos um sentimento de vitalidade. Eis porque amamos a guerra, porque nos deleita a batalha das frustrações. Enquanto existir o desejo de alcançar um resultado, que é o desejo de estar psicològicamente seguro, tem de haver contradição; e onde há contradição não pode existir uma mente quieta. A tranqüilidade da mente é essencial para que se compreenda o significado integral da vida. O pensamento nunca pode estar tranqüilo; o pensamento, produto do tempo, não pode nunca en-

contrar o que é atemporal, conhecer o que está além do tempo. A própria natureza do nosso pensar é uma contradição, porquanto estamos sempre a pensar em têrmos do passado ou do futuro, e por isso nunca temos pleno conhecimento, consciência plena do presente.

O ter plena consciência do presente é tarefa difícil em extremo, porque a mente é incapaz de enfrentar o fato diretamente, sem ilusão — Conforme já expliquei, o pensamento é o produto do passado, e, por isso, só se pode pensar em têrmos do passado ou do futuro, e não pode o pensamento estar completamente consciente de um fato do presente. Assim sendo, enquanto o pensamento, que é o produto do passado, quiser eliminar a contradição e todos os problemas por ela criados, estará meramente à busca de um resultado, procurando alcançar um fim, e essa atividade do pensamento só cria mais contradição e, conseqüentemente, mais conflito, mais sofrimento e confusão em nós e, portanto, ao redor de nós.

Para ficar livre da contradição, precisa a pessoa estar cônscia do presente, sem escolha. Como pode haver escolha quando estamos diante de um fato? Por certo, a compreensão do fato se torna impossível quando o pensamento está empenhado em operar sôbre o fato em têrmos de transformar, de modificar, de alterar. Assim, pois, o autoconhecimento é o comêço da compreensão; e enquanto faltar o autoconhecimento, a contradição e o conflito continuarão a existir. O conhecer o processo integral, a totalidade de nós mesmos, não requer a ajuda de nenhum especialista, nem de nenhuma autoridade. O seguimento da autoridade só gera o temor. Nenhum técnico, nenhum especialista pode ensinar-nos a compreender o processo do "eu". Cada um precisa estudá-lo por si mesmo. Vós e eu podemos ajudar-

nos mùtuamente conversando a êsse respeito; mas ninguém nô-lo pode revelar, nenhum especialista, nenhum instrutor o pode explorar para nós. Só podemos ter a percepção do processo do "eu" em nossa vida de relação — nas nossas relações com as coisas, a propriedade, as pessoas e as idéias. Na vida de relação descobriremos que a contradição surge quando a ação visa aproximar-se de uma idéia. A idéia é simples cristalização do pensamento, como símbolo; e o esfôrço por viver de conformidade com o símbolo produz contradição.

Enquanto houver um padrão de pensamento, a contradição continuará a existir; e para se eliminar o padrão e, assim, a contradição, torna-se necessário o autoconhecimento. Essa compreensão do "eu" não é um processo reservado para uns poucos. O "eu" precisa ser compreendido, na nossa linguagem diária, na maneira como pensamos e sentimos, como consideramos o nosso semelhante. Se pudermos estar cônscios de cada pensamento, de cada sentimento, momento por momento, veremos que na vida de relação compreenderemos as peculiaridades e tendências do "eu". Só então podemos ter aquela tranqüilidade da mente, na qual, tão só, pode surgir a realidade final.

Vou responder a algumas perguntas, e, ao fazê-lo, exploremos, em conjunto, cada problema. Eu não sou a autoridade, o especialista, o professor, a dizer-vos o que se deve fazer; tal coisa seria por demais absurda para indivíduos amadurecidos — se estamos mesmo amadurecidos. Nessas condições, ao considerarmos essas questões, procuremos explorar e descobrir a verdade por nós mesmos. É o descobrimento da verdade que irá libertar-nos de nossos problemas; mas essa verdade não pode ser descoberta, não pode vir a nós, se a mente está agitada na corrente dêsses problemas. A fim de se descobrirem as particularidades do problema, o problema precisa ser desdobra-

do e deve-se permitir à mente ficar tranqüila; percebemos, então, a verdade, e é a verdade que nos liberta.

P e r g u n t a : *Como posso livrar-me do temor, que influencia tôdas as minhas atividades?*

K r i s h n a m u r t i : É êsse um problema sobremodo complexo e que requer muita atenção; e se o não seguimos e exploramos de modo completo, isto é, examinando-o e *experimentando-o*, passo por passo, não poderemos, no fim livrar-nos do temor.

Que significa temor? Temor de que? Há vários tipos de temor, e não é necessário analisarmos todos êles. Mas podemos perceber que o temor vem a existir quando não é completa a nossa compreensão da vida de relação. As relações não existem apenas entre pessoas, mas há também relações entre nós e a natureza, entre nós e a propriedade, entre nós e as idéias. E enquanto não forem integralmente compreendidas essas relações, tem de haver temor. A vida é relação. Ser é estar em relação, e sem relações não há vida. Nada pode existir no isolamento e enquanto estiver a mente à procura de isolamento, tem de haver temor. Assim, o temor não é uma abstração; êle só existe em relação com algo.

Ora, a questão é como ficar livre do temor. Em primeiro lugar, tudo o que dominamos tem de ser dominado de novo, repetidamente. Problema algum pode ser definitivamente vencido ou dominado; êle pode ser compreendido, mas não vencido. São dois processos de todo diferentes; e o processo de dominar conduz a mais confusão, a mais temor. Resistir, dominar, batalhar com um problema ou construir uma defesa contra êle, significa apenas criar mais conflito. Mas, se pudermos compreender o temor,

examiná-lo, passo a passo, explorar todo o seu conteúdo, o temor nunca mais voltará, sob forma alguma; e é isso o que espero possamos fazer esta manhã.

Como disse, o temor não é uma abstração; êle só existe em relação. Ora, que entendemos por temor? Em última análise, nós tememos o não ser, o não vir a ser. Ora, quando há temor de não ser, de não progredir, ou o temor ao desconhecido, à morte, pode êsse temor ser vencido pela determinação, por uma conclusão, por uma escolha? Claro que não. Reprimir, sublimar, ou substituir, simplesmente, cria mais resistência, não é verdade? Assim, pois, jamais pode o temor ser vencido por qualquer espécie de disciplina, qualquer espécie de resistência. Êsse fato precisa ser percebido claramente, precisa ser sentido e *experimentado*, — o fato de que o temor não pode ser vencido por nenhuma espécie de defesa ou de resistência. Tampouco pode haver isenção do temor quando se busca uma solução, ou por meio de explicações intelectuais ou verbais.

Ora, que é que tememos? Tememos um fato, ou tememos uma idéia *relativa* ao fato? Vêde bem êsse ponto. Tememos a coisa tal como é, ou tememos aquilo que *pensamos* que ela seja? Considerai, por exemplo, a morte. Temos mêdo do fato que é a morte, ou temos mêdo da idéia da morte? O fato é uma coisa, e a idéia sôbre o fato, outra. Tenho mêdo da palavra "morte" ou do próprio fato? Visto que temo a palavra, a idéia, nunca chego a compreender o fato, nunca encaro o fato, nunca estou em relação direta com o fato. É só quando estou em plena comunhão com o fato, que não existe temor. Mas se não estou em comunhão com o fato, existe então temor; e não há comunhão com o fato, enquanto eu tenho uma idéia, uma opinião, uma teoria *a respeito* do fato. Preciso, pois, ficar bem esclarecido sôbre se tenho mêdo da palavra, da idéia, ou do fato. Se

me vejo frente a frente com o fato, nada há que compreender a seu respeito. Mas se eu tenho medo da palavra, cumpre-me então compreender a palavra, examinar, no seu todo, o processo daquilo que a palavra, o têrmo, implica.

Por exemplo, uma pessoa tem mêdo da solidão, mêdo da dor, do sofrimento da solidão. Êsse mêdo, por certo, só existe porque a pessoa nunca encarou realmente a solidão, nunca estêve em plena comunhão com ela. No momento em que a pessoa está de todo aberta ao fato da solidão, pode compreender o que ela é; mas uma pessoa tem uma idéia, uma opinião, a respeito dela, baseada em conhecimento anterior, e é essa idéia, essa opinião, êsse conhecimento prévio,*a respeito* do fato, que gera o temor. O temor, por conseguinte, resulta de denominar, designar, de projetar um símbolo para representar o fato; isto é, o temor não é independente da palavra, do têrmo. Espero que me esteja fazendo claro.

Tenho uma reação, por exemplo, à solidão; isto é, digo que tenho mêdo de ser nada. Estou com mêdo do fato em si, ou êsse temor é despertado pelo meu anterior conhecimento do fato, representado por uma palavra, um símbolo, uma imagem? Como pode haver temor a um fato? Quando me vejo em presença de um fato, em comunhão direta com êle, eu posso olhá-lo, observá-lo; por conseguinte, não existe temor ao fato. O que causa temor é minha apreensão *a respeito* do fato, minha apreensão sôbre o que êle possa ser ou fazer.

Nessas condições, é a minha opinião, a minha idéia, a minha experiência, o meu conhecimento do fato, que gera o mêdo. Enquanto houver a verbalização do fato, enquanto dermos nome ao fato e com isso o identificarmos ou o condenarmos, enquanto o pensamento estiver julgando o fato, como observador, tem de haver mêdo. O pensamento é produto do

passado e só pode existir pela verbalização, pelos símbolos, pelas imagens; e enquanto o pensamento estiver a considerar ou a traduzir o fato, tem de haver mêdo.

É, pois, a mente que cria o temor, sendo a mente o processo do pensar. O pensar é verbalização. Não se pode pensar sem palavras, sem símbolos, sem imagens; essas imagens, que são òs preconceitos, o conhecimento anterior, as apreensões da mente, projetam-se sôbre o fato, e daí resulta o temor. Só há isenção do temor quando a mente é capaz de encarar o fato sem o traduzir, sem lhe dar nome, sem lhe pôr um rótulo. Isso é muito difícil, porque os sentimentos, as reações, as angústias que temos, são prontamente identificados pela mente e logo os designamos com uma palavra. O sentimento do ciúme é identificado pela palavra "ciúme". Ora, é possível não identificar um sentimento, observar êsse sentimento sem lhe dar nome? É o dar nome ao sentimento que lhe empresta continuidade, que lhe dá fôrça. No momento em que dais um nome àquilo que chamais temor, vós lhe dais mais fôrça. Mas se puderdes encarar êsse sentimento sem lhe aplicardes um têrmo, vereis como êle se desvanece. Por conseguinte, se uma pessoa deseja estar de todo livre do temor, é essencial que compreenda todo êsse processo de designar, de projetar símbolos, imagens, de dar nomes aos fatos. Isto é, só se pode estar livre do temor quando existe o autoconhecimento. O autoconhecimento é o comêço da sabedoria, que é o fim do temor.

Pergunta: Como posso livrar-me permanentemente do desejo sexual?

Krishnamurti: Porque desejamos ficar permanentemente livres de um desejo? Vós o

chamais sexual, outro o chama apêgo, temor, etc. Porque desejamos ficar livres de algum desejo, permanentemente? Porque êsse desejo nos está perturbando, e nós não queremos ser perturbados. Tal é, no seu todo, o processo do nosso pensar, não é verdade? Queremos viver fechados, livres de perturbações, quer dizer, desejamos o isolamento; mas nada pode viver no isolamento. Em sua busca de Deus, a pessoa religiosa está em verdade buscando um isolamento completo no qual nunca seja perturbada; mas não é realmente religiosa, essa pessoa, achais que é? Os verdadeiros religiosos são aquêles que compreendem plena e completamente a vida de relação e que, por conseguinte, não têm problemas nem conflitos. Mas isso não significa que nunca sejam perturbados, senão que, não estando em busca da certeza, êles compreendem a perturbação e não existe, portanto, nenhum processo de auto-reclusão criado pelo desejo de segurança.

Ora, esta questão requer grande dose de compreensão, visto que se trata de compreender a sensação, que é pensamento. Para a maioria das pessoas o sexo se tornou um problema extraordinàriamente importante. Como somos incapazes de criar, como vivemos fechados, interceptados em tôdas as outras direções, o sexo é a única coisa na qual a maioria das pessoas encontra desafôgo, o único ato no qual o "eu" está momentâneamente ausente. Nesse breve estado de abnegação, no qual o "eu", com tôdas as suas perturbações, confusões, e preocupações, está ausente, encontra-se grande felicidade. Pelo esquecimento do "eu", vem-nos uma sensação de quietude, de alívio; e visto que somos estéreis, religiosamente, econômicamente, e a todos os outros respeitos, torna-se o sexo um problema esmagadoramente importante. Na vida diária somos meros discos de gramofone, a repetir frases aprendidas; religiosamente somos autô-

matos, que seguem mecânicamente o sacerdote; econômica e socialmente estamos atados, estrangulados pelas influências ambientes. Achamos alívio aí? Não achamos, por certo. E quando não há alívio, tem de haver frustração. Tal é a razão por que o ato sexual, no qual se encontra alívio, se tornou um problema vital para a maioria de nós. E a sociedade o encoraja e estimula, pelos anúncios, pelas revistas, pelo cinema, etc.

Ora bem: enquanto a mente, que é o resultado, o ponto focal da sensação, considerar o sexo como meio de desafôgo, o sexo será forçosamente um problema; e êsse problema perdurará enquanto não tivermos a capacidade de criar compreensivamente, totalmente, e não apenas numa dada direção. A capacidade de criar é independente da sensação. O sexo é coisa da mente, e a criação não é coisa da mente. A criação nunca é produto da mente, produto do pensamento; e, assim compreendido, o sexo, que é sensação, nunca pode ser criador. Poderá produzir prole, mas isso, evidentemente, não significa capacidade criadora. Enquanto, para nos desafogarmos, dependermos da sensação, do estímulo, sob qualquer forma, há de haver frustração, porquanto a mente se torna incapaz de compreender o que é a ação criadora.

Êste problema não pode ser resolvido por disciplina alguma, nem por tabus, decretos ou sanções sociais. Só pode ser resolvido quando compreendemos o processo integral da mente; porque é a mente que é sexual. São as imagens, as fantasias, as representações da mente, que a estimulam à sexualidade; e como a mente é o resultado de sensação, só pode tornar-se cada vez mais sensual. Essa mente não pode, jamais, ser criadora, porque criação não é sensação. É só quando a mente não busca estímulos, sob qualquer forma, quer externos, quer internos, é só então

que pode ela estar completamente tranqüila, completamente livre; e só nessa liberdade existe a criação. Fizemos do sexo uma coisa feia, porque é a nossa única sensação privada; tôda as outras são públicas, ostensivas. Mas, enquanto nos servirmos da sensação, sob qualquer forma, como meio de desafôgo, ela só aumentará os problemas, a confusão e a perturbação; porque nunca pode haver alívio quando se busca um resultado.

O interrogante deseja pôr têrmo ao desejo sexual permanentemente, porque tem a idéia de que ficará então num estado no qual tôdas as perturbações terão desaparecido; é por isso que êle o procura, êsse estado. O próprio esforçar-se por alcançar êsse estado o está impedindo de ficar livre para compreender o processo da mente. Enquanto a mente estiver apenas em busca de um estado permanente, livre de tôda perturbação, estará fechada e, por conseguinte, incapacitada para criar. É só quando a mente está livre do desejo de vir a ser alguma coisa, de alcançar um resultado, por conseqüência livre do temor, só então pode ela ficar de todo tranqüila; só então dá-se a possibilidade da criação, que é a realidade.

Pergunta: Devo ser pacifista?

Krishnamurti: Creio que não posso dizer-vos o que deveis ou o que não deveis ser. Suponho que somos indivíduos amadurecidos, e pedir conselho a outro numa questão desta natureza indica imaturidade. A procura de uma autoridade gera apenas a corrupção e não conduz à liberdade. E só na liberdade se descobre a verdade. Seguindo outra pessoa, nunca descobrireis o que significa estar livre da violência.

Averigüemos o que se entende por pacifismo. Opõe-se o pacifismo à violência? A paz é a negação do conflito? O bem é o oposto do mal? Quando rejeitais o vício e passais para o seu oposto, isso é virtude? Se negais, se resistis, se afastais o feio, sois belo? O desejo de um oposto faz-me pacífico, ou virtuoso, ou belo? O oposto implica conflito, não é verdade? Se negais a violência e desejais a paz, que acontece? O próprio desejo de paz gera conflito, porque se nega a violência. A própria negação cria conflito; e a virtude pode ser resultado de conflito? A paz é a negação da guerra? A guerra é evidentemente o prolongamento, a "projeção" de nós mesmos, não é verdade? A guerra é a projeção espetacular e cruenta de nossa existência cotidiana. Chamamo-nos americanos, ou russos, ou hindus, ou sabe Deus o que mais, por causa de nosso desejo de estar em segurança; e essa identificação com um dado país, uma dada raça ou grupo de pessoas, infunde-nos um sentimento de segurança. Mas a identificação com um grupo ou nação significa separação, a qual conduz à desintegração e à guerra. Por certo, enquanto eu procurar a identificação, sob qualquer forma — com minha família, com meu grupo, com minha propriedade, com minha ideologia ou crença — haverá separação, desintegração e guerra. Embora seja o sonho de todos os ideologistas, tanto da direita como da esquerda, que todos creiam numa determinada teoria ou sistema, tal coisa é uma impossibilidade. A crença separa sempre e é, por conseguinte, um fator de desintegração.

Assim, pois, enquanto vós e eu estivermos em conflito internamente, psicològicamente, tem de

haver a projeção dêsse conflito no mundo, sob a forma de guerr.a Sem compreenderdes o vosso conflito interior, o vos tornardes pacifista ou o ingressardes numa organização pro-paz nenhuma significação tem. O homem que apenas resiste à guerra e permanece em conflito psicológico, está simplesmente criando maior confusão. Mas, se realmente compreenderdes êsse processo total do conflito interior, o qual se projeta no mundo sob a forma de guerra, então, òbviamente, não sois nem mercador de guerra nem um mero pacifista — sois algo de todo diferente; como estais em paz com vós mesmo, estais em paz com o mundo. Estando em paz interior e, por conseguinte, exterior, é óbvio que não pertencereis a nacionalidade alguma, a nenhuma religião, a nenhum grupo ou classe, e se fordes levado ao tribunal, para a conscrição, ou como quer que se chame, sereis provàvelmente fuzilado. Mas a responsabilidade não é vossa: é da sociedade, que vos rejeita. Afinal de contas, a sociedade não é lá muito inteligente. Que é a sociedade? É a vossa própria projeção, não é? O que vós e eu somos, assim é a sociedade. Por isso, não chameis estúpida a sociedade e não zombeis dela. A sociedade é a estrutura de nós mesmos em projeção; e se desejamos promover uma revolução fundamental na sociedade, tem de haver uma revolução fundamental em nós mesmos — o que representa uma tarefa extremamente difícil. Tôda revolução baseada numa idéia não é revolução, é apenas continuidade modificada. As idéias nunca podem ser revolucionárias, porque as idéias são simples reações da memória. O pensamento é mera reação; e uma ação baseada em reação nunca pode ser fundamental, nunca pode ser verdadeira.

Ora, pois, se deveis ou não deveis ser pacifista — não é êsse o problema. Nós vemos que tudo neste mundo está contribuindo para a guerra. A guerra

não é evidentemente um meio de se resolver coisa alguma, mas parece que somos incapazes de aprender isso. Trocamos de inimigo, de vez em quando, e parece satisfazer-nos êsse processo, o qual é mantido em funcionamento, pela propaganda, pelo nosso desejo de vindita, pelo nosso interior conflito psicológico. Estamos fomentando a guerra com nosso nacionalismo, nossa ganância, nosso desejo de bom êxito, nosso desejo de nos tornarmos alguém. Isto é, alimentamos a guerra interiormente e, depois, externamente, queremos ser pacifistas, e um tal pacifismo, é claro, não tem sentido algum. Não passa de contradição. Todos nós desejamos tornar-nos algo: pacifista, herói de guerra, milionário, virtuoso, o que quiserdes. O próprio desejo de vir a ser implica conflito, e êsse conflito produz a guerra. Só há paz quando não há desejo de vir a ser alguma coisa; e êsse é o único estado verdadeiro, porque é nesse estado que há criação, que há realidade. Mas isso é inteiramente estranho à estrutura da sociedade, que é a projeção de vós mesmos. Vós adorais o sucesso. Vosso deus é o sucesso, que vos confere títulos, diplomas, posição e autoridade. Há uma constante batalha dentro em vós mesmos — a luta por alcançardes aquilo que desejais. Nunca tendes um momento tranqüilo, nunca existe paz em vosso coração, porque estais sempre a esforçar-vos por vos tornardes alguma coisa, por progredirdes. Não vos deixeis seduzir pela palavra "progresso". As coisas mecânicas progridem, mas o pensamento humano nunca pode progredir senão no seu próprio "vir a ser". Move-se o pensamento do conhecido para o conhecido; mas isso não é crescimento, não é evolução, não é liberdade.

Assim, pois, se desejais ser pacifista, no sentido exato da palavra, o que significa estar livre de conflito, tendes de compreender a vós mesmos; e quando

vossa mente e vosso coração estiverem em paz, tranqüilos, sabereis o que é estar sem conflito, e êsse estado se expressará em ação, não importa qual seja essa ação. Mas o vos decidirdes a tornar-vos alguma coisa não passa de um processo de esfôrço, o qual inevitàvelmente gera mais conflito e mais luta. Como tôda guerra produz outra guerra, assim também todo conflito produz mais conflito. Só pode haver a paz verdadeira quando terminar o conflito, e eliminar o conflito é compreender integralmente o processo de si mesmo.

P e r g u n t a : *Não sou amado e desejo ser amado, porque sem isso a vida não tem significação. Como posso preencher êsse anseio?*

K r i s h n a m u r t i : Espero que não estejais meramente escutando palavras, porque em tal caso estas reuniões serão apenas uma outra espécie de distração, um desperdício de tempo. Mas se estais de fato "experimentando" as coisas que estamos discutindo, terão elas um significado extraordinário; porque, embora com a mente consciente presteis atenção a palavras, se estais *experimentando* o que se diz, o inconsciente também toma parte nessa atividade. Se se lhe dá uma oportunidade, o inconsciente revelará todo o seu conteúdo, fazendo assim surgir uma compreensão completa de nós mesmos. Assim, pois, espero que não estejais meramente escutando outra pessoa falar, porém *experimentando* realmente as coisas, enquanto vamos prosseguindo.

Deseja saber o interrogante como se ama e como se é amado. Não é êsse o estado da maioria de nós? Todos desejamos ser amados e, também, dar amor. Muito se fala a êsse respeito. Tôdas as religiões

todos os pregadores, falam disso. Vejamos, pois, o que se entende por amor. O amor é sensação? O amor é coisa da mente? Pode-se pensar no amor? Podeis pensar no objeto do amor, mas não podeis pensar no amor, não é verdade? Posso pensar na pessoa que amo, posso ter um retrato, uma imagem dessa pessoa e evocar as sensações e as lembranças de nossas relações. Mas é o amor sensação, memória? Quando digo "quero amar e ser amado", isso não é puramente pensamento, reflexo da mente? O pensamento é amor? Pensamos que é, não pensamos? Para nós, o amor é sensação. Tal é a razão por que temos retratos das pessoas que amamos, por que pensamos nelas e a elas nos apegamos. Tudo isso é um processo de pensamento, não é verdade?

Ora, o pensamento, vendo-se frustrado em diferentes sentidos, diz: "Encontro a felicidade no amor, portanto necessito de amor". É por isso que nos apegamos à pessoa amada, por isso que possuímos a pessoa, psicológica bem como fisiològicamente. Criamos leis para proteger a posse do que amamos, quer seja uma pessoa, um piano, uma casa, quer seja uma idéia, uma crença; porque, no possuir, com tôdas as suas complicações de ciúme, mêdo, suspeição, ansiedade, nós nos sentimos seguros. Por essa maneira tornamos o amor uma coisa da mente; e com as coisas da mente enchemos o nosso coração. Porque o coração está vazio, a mente diz: "Preciso dêsse amor" — e procuramos preencher-nos com nossa mulher, com nosso marido. Por meio do amor procuramos tornar-nos alguma coisa. Isto é, o amor torna-se uma coisa útil, servimo-nos dêle como um meio para alcançar um fim.

Fizemos, pois, do amor uma coisa da mente. A mente se torna o instrumento do amor, e a mente é

tôda sensação. O pensamento é a reação da memória à sensação. Sem o símbolo, a palavra, a imagem, não há memória, não há pensamento. Conhecemos a sensação disso que se chama amor, e ficamos apegados a ela; e quando ela nos falta desejamos uma outra expressão daquela mesma sensação. Assim, quanto mais cultivamos a sensação, quanto mais cultivamos o que chamamos conhecimento, que é simples memória, tanto menos amor existe.

Enquanto estivermos a *procurar* o amor, tem de haver um processo de auto-reclusão. Amor implica vulnerabilidade, amor implica comunhão; e não pode haver comunhão, não pode haver vulnerabilidade, enquanto houver o processo de auto-reclusão pelo pensamento. O próprio processo do pensamento é temor; e como pode haver comunhão com outra pessoa quando existe o temor, quando utilizamos o pensamento como um meio de excitamento renovado?

Só pode haver amor quando se compreende o processo integral da mente. O amor não é coisa da mente, e não se pode pensar no amor. Quando dizeis "desejo amor", estais pensando nêle, estais ansiando por êle, e isso é sensação, é um meio para se alcançar um fim. Por conseguinte não é amor o que quereis, porém excitação; desejais um meio pelo qual possais preencher-vos, seja êsse meio uma pessoa, um emprêgo, uma determinada excitação, etc. Isso, por certo, não é amor. O amor só pode existir quando ausente o pensamento do "eu", e o libertarnos do "eu" só se consegue pelo autoconhecimento. Com o autoconhecimento vem-nos a compreensão; e quando o processo total da mente fôr revelado e compreendido por maneira completa e plena, sabereis então o que é amar. Vereis, então, que o amor

nada tem que ver com os sentidos, e que êle não é um meio de preenchimento. Então, o amor existe por si mesmo, sem resultado algum. O amor é um modo de ser, e nesse estado, o "eu", com as suas identificações, suas angústias, e suas posses, está ausente. Não pode existir o amor, enquanto as atividades do "eu", tanto as conscientes como as inconscientes, subsistirem. Eis porque importa compreender o processo do "eu", o centro do reconhecimento, que é o "eu".

18 de junho de 1950.

QUARTA PALESTRA EM NOVA IORQUE

Se pudéssemos encontrar um meio para sair de nosso conflito, não precisaríamos recorrer à autoridade; mas, visto que não encontramos êsse meio de resolver os nossos inumeráveis e sempre crescentes conflitos, voltamo-nos para a autoridade interior ou para a autoridade exterior, em busca de orientação e confôrto. Torna-se, assim, a autoridade importantíssima em nossas vidas. Incapazes que somos de compreender e resolver o conflito, servimo-nos da autoridade como um meio de evitar o conflito; e torna-se então o meio sumamente importante, e não o sondar, o explorar do processo do conflito.

Assim, temos autoridades de tôdas as espécies, tanto internas como externas. A autoridade externa assume a forma de conhecimento, exemplos, instrutores, etc., e, interiormente, é ela constituída por nossas próprias experiências e lembranças, para as quais apelamos, quando queremos orientação, em momentos de conflito e ansiedade. Vemos, pois, que a autoridade, tanto a externa como a interna, oferece-nos a esperança de libertar-nos de nossas aflições.

Mas pode a autoridade, de qualquer espécie que seja, interior ou exterior, resolver nossos problemas? Quanto mais buscamos autoridades, ideais, conclusões, esperanças, tanto mais dependemos delas; e a dependência da autoridade se torna muito mais significativa para nós do que a compreensão do conflito em si. Quanto mais dependemos da autoridade, tanto mais indispensável ela se torna, porquanto a

dependência destrói, por fim, a confiança em nossa capacidade para descobrir, para explorar os nossos múltiplos problemas; e, quando dependemos da autoridade, essa confiança, òbviamente, é negada.

Confiança não é arrogância. Tanto mais arrogante e obstinado um homem se torna, quanto mais *experimentou* e quanto mais certo está interiormente. Uma tal confiança é pura auto-reclusão e, portanto, um processo de resistência. Mas existe, penso eu, uma diferente espécie de confiança, não cumulativa. Se desejamos explorar a natureza do conflito, não devemos utilizar aquilo que acumulamos, pois se vamos munidos de conhecimentos anteriormente adquiridos, isso já não é exploração: é um mero mover-se do conhecido para o conhecido, de certeza em certeza, do que já *experimentamos* para o que esperamos *experimentar*. Isso não é exploração nem experimentação. É tão sòmente o processo cumulativo do conhecimento, da experiência, e a confiança que daí resulta é arrogância.

Mas creio que existe uma confiança muito mais sutil, muito mais valiosa, a qual se manifesta quando já não há tendência para a acumulação, porém constante exploração e descobrimento. É êsse estado de descobrimento constante, essa capacidade de constante exploração, que nos traz uma confiança perdurável, a qual não é arrogância. E essa confiança, tão essencial, é negada quando há qualquer espécie de autoridade, quando dependemos de outra pessoa ou a ela recorremos para guiar-nos a conduta. Quando somos dependentes, sentimo-nos seguros de nós mesmos, ainda que isso implique temor; mas essa segurança que nos dá o seguirmos alguém, o pertencermos a um grupo, o crermos numa idéia ou em certos dogmas, é sem dúvida nenhuma um processo de auto-reclusão, não achais? A mente que vive a isolar-se tem, por fôrça, de despertar o temor, e daí o va-

guearmos de uma autoridade para outra, de uma exaustão emocional para outra; e nesse processo os nossos problemas nunca ficam resolvidos; pelo contrário, multiplicam-se.

Ora, será possível olharmos para os nossos conflitos sem nos valermos de autoridade alguma, quer externa, quer interna? Por certo, pode-se ficar passivamente cônscio do conflito, sem escolha nem condenação; isto é, uma pessoa pode estar cônscia, não como um observador a observar a própria experiência, ou analisar a coisa que quer destruir em si, porém cônscio com aquela passividade na qual o observador é a coisa observada. Nesse estado mental veremos que os problemas são compreendidos e resolvidos, ao passo que, se optamos pelo método ativo, com relação a um problema, ou se o comparamos ou condenamos, só aumentamos a resistência, e, por essa maneira, multiplicamos os problemas. Êsse processo de escolha está sempre operando em todos os níveis do nosso ser, e é por isso que, em vez de diminuirmos os problemas, nós os aumentamos. A multiplicação dos problemas resulta do buscarmos uma solução, uma conclusão, e, para isso, dependemos de uma autoridade, externa ou interna. A dependência da autoridade impede-nos, com efeito, a compreensão de qualquer problema, que é sempre novo. Não há problema velho; enquanto um problema é uma problema, é um desafio e, conseqüentemente, novo. Os problemas são invariàvelmente projetados de nós mesmos e por conseguinte importa compreendermos todo o processo de nós mesmos, prescindindo da autoridade, abstendo-nos de seguir um padrão ou de pôr a mira num exemplo, num ideal, ou num guia.

O autoconhecimento é o começo do fim de todos os conflitos, e é só quando cessa o conflito que pode

haver criação. A criação não pode ser verbalizada; é um estado que surge quando cessa o processo do pensamento; só então virá a nós o incongnoscível.

Ao considerarmos as nossas questões, façamos juntos a viagem de exploração; procure cada um compreender a verdade de cada problema, por si mesmo. De nada adianta esperar pela resposta que nos agradaria ouvir, ou apegar-se a uma determinada opinião. Para descobrir o que é verdadeiro requer-se, sem dúvida, aquela vigilância passiva da mente, na qual encontramos a capacidade de explorar cada problema profundamente.

Pergunta: *Tenho muitos amigos, mas vivo num constante temor de ser repelido por êles. Que devo fazer?*

Krishnamurti: Em que consiste o problema? O problema se refere à questão da repulsa e do temor, ou à questão da dependência? Porque desejais ter amigos? Isso não significa que não devamos ter amigos; mas, quando sentimos a necessidade de ter amigos, quando existe essa dependência de outros, que indica isso? Não indica insuficiência interior? A solidão não denota pobreza interior? E como nos vemos sòzinhos, interiormente pobres, insuficientes, recorremos aos amigos, ao amor, à atividade, às idéias, às posses, ao conhecimento, e à técnica. Isto é, porque somos pobres, interiormente, dependemos das coisas exteriores; e por êsse motivo as coisas exteriores crescem de importância para nós. Quando nos servimos de alguma coisa como meio de fuga de nós mesmos, essa coisa se torna, evidentemente, importantíssima. Apegamo-nos às coisas, às idéias, e às pessoas, porque, psicològicamente, depen-

demos delas; e quando elas nos são retiradas, quando, por exemplo, os nossos amigos nos repelem, ficamos cheios de temor. Assim, pois, a dependência denota incerteza interior, pobreza interior; e enquanto nos servimos ou dependemos de outros, tem de haver o temor de perda.

Ora bem, pode essa solidão, essa interior pobreza ou vazio, ser preenchido por alguma ação da mente? Se me permitis sugeri-lo, escutai as minhas palavras observando ao mesmo tempo a vossa mente, e encontrareis a resposta por vós mesmos. Eu vou apenas descrevendo a experiência, enquanto vamos andando juntos; mas, para também poderdes *experimentar*, precisais de estar passivamente vigilante e não apenas acompanhando as minhas palavras.

Pois bem; como somos interiormente pobres, procuramos fugir dessa pobreza, recorrendo ao trabalho, ao conhecimento, ao amor, a muitas formas de atividade. Escutamos o rádio, lemos o livro mais recente, cultivamos uma idéia ou uma virtude, adotamos uma crença — tudo fazemos para fugir de nós mesmos. Nosso pensar é um processo de fuga do que *é;* e êsse vazio interior pode, em algum tempo, ser dissimulado ou preenchido? A verdade a êsse respeito só pode ser conhecida se não fugimos — o que é extremamente difícil. Precisamos perceber que estamos fugindo e compreender que tôdas as fugas são semelhantes e que não há fuga "nobre". Tôdas as fugas, desde a fuga pela embriaguez até à fuga para Deus, são iguais, porque estamos fugindo do que *é*, que somos nós mesmos, que é nossa pobreza interior. É só quando realmente deixamos de fugir, só quando ficamos frente a frente com o problema da solidão, da insuficiência interior, que nenhum conhecimento, nenhuma experiência pode encobrir, só então temos a possibilidade de compreen-

dê-lo e, portanto, de dissolvê-lo. Essa solidão, essa insuficiência interior, não é problema exclusivo das pessoas que têm lazeres para observar a si mesmas; é problema de todo o mundo, do rico e do pobre, do inteligente e do bronco.

Ora, pode o vazio interior ser encoberto? Se já tentastes encobri-lo e o não conseguistes, por meio de uma fuga, sabeis então que *tôdas* as fugas são inúteis, não é verdade? Não precisais trocar de método de fuga para ver que aquela insuficiência psicológica nunca pode ser preenchida, dissimulada ou enriquecida. Pela compreensão cabal de um meio de fuga, compreende-se todo o processo da fuga, não é verdade? E que acontece então? Fica-se no vazio, na solidão; e surge, aí, o problema sôbre se essa solidão é diferente da entidade que se sente só. De certo não é. A verdade é que não é a entidade que se sente vazia, mas, sim, que ela própria é o vazio. E a separação entre a entidade que se sente vazia e o estado que ela chama "vazio", só se dá porque atribuímos a êsse estado um nome, um têrmo, um rótulo. Quando não se dá nome a êsse estado, pode-se ver que não há separação entre o observador e a coisa observada, que o observador é a coisa observada: a insuficiência. Por outras palavras, quando não se dá nome nem designação, ocorre a integração do *experimentador* com a coisa experimentada. E podemos daí continuar, para descobrirmos se êsse estado que temos querido evitar, por ser de solidão, de insuficiência, o é realmente ou se se trata meramente de uma reação à palavra "só", que suscita o temor.

É a palavra ou é o fato que desperta o temor? Um fato qualquer é temível, ou é uma idéia *a respeito* do fato o que infunde o temor? Se observardes todo êsse processo, vereis que quando não há desejo de fuga ao que *é*, não existe temor; e há então uma transformação do que *é*, porque a mente já não tem

mêdo de ser o que é. Nesse estado não existe o sentimento de estar só, de ser insuficiente: é o que é. Se continuardes a aprofundar-vos, vereis que a mente não mais rejeita ou aceita aquêle estado, e está, por conseguinte, tranqüila; e só então é possível estar-se livre daquilo que qualificamos de estar só ou ser insuficiente. Mas, para chegar a êsse ponto, precisais compreender todo o processo da insuficiência interior, da fuga e da dependência. Precisais ver como a fuga e o meio de fuga se tornam muito mais importantes do que a coisa de que estais fugindo; precisais descobrir essa *divisão* entre o ser o pensante e a condição que êle chama estar só, e descobrir por vós mesmos se é meramente um estado verbal ou se é um estado real. Se é verbal, então persistirá a separação. Mas, se lhe não dais nome, fica só aquêle estado que não mais chamais estar só; e só então tem a mente a possibilidade de superá-lo, para fazer novos descobrimentos.

P e r g u n t a : Qual é o lugar do indivíduo na sociedade?

K r i s h n a m u r t i : O indivíduo é diferente da sociedade? Sois diferente de vosso ambiente? O ambiente nos condicionou para sermos cristãos, capitalistas, comunistas, socialistas, ou o que quiserdes; e o ambiente, por sua vez, é a projeção de nós mesmos, não é verdade? A sociedade é a projeção do indivíduo, que daí por diante é condicionado pela sociedade. O indivíduo, pois, e a sociedade estão inter-relacionados; não são dois estados separados ou duas entidades distintas. Visto que sou condicionado pelo ambiente, existe uma individualidade separada? Não estou dizendo que a vida é una — isso não passa de teoria. Mas importa descobrir se o indivíduo está separado do ambiente, não é verdade? Embora nos chamemos

indivíduos, não estamos condicionados pela sociedade? Evidentemente, estamos. Somos parte integrante da sociedade; por conseguinte, embora pareçamos entidades separadas, não somos verdadeiramente indivíduos. Fisicamente, vós e eu estamos separados, somos dissemelhantes; mas há uma extraordinária similaridade interior. Quaisquer que sejam as diferenças superficiais de raça e de costumes, todos nós somos moldados mais ou menos pelos mesmos padrões, todos condicionados pelo temor, pela dependência, pela crença, pelo desejo de segurança, etc. etc. Positivamente, enquanto estivermos condicionados pelo ambiente, que é nossa própria projeção, não seremos verdadeiramente indivíduos, embora sejamos portadores de nomes diferentes. Só há individualidade quando somos capazes de transcender êsse condicionamento. A individualidade é um estado de criação, um estado de solidão, no qual há isenção das influências condicionadoras do desejo.

Assim, pois, enquanto estivermos dominados pelo desejo, enquanto o pensamento fôr mera reação do desejo, como de fato é, haverá a influência condicionadora da sociedade, do ambiente, e das nossas próprias experiências em reação à sociedade. Somos partes integrantes da sociedade; e se tentarmos estabelecer uma relação entre nós e a sociedade, como se fôssemos duas entidades distintas, então, por certo, não compreenderemos o processo em sua inteireza; ficaremos, então, meramente a resistir à sociedade ou a lutar contra ela. Enquanto não compreendermos a maneira como a *sociedade* nos influencia, nos molda e controla, através de nossas próprias reações instintivas do desejo, não seremos rigorosamente indivíduos, ainda que digamos: "Eu sou uma alma separada" e outras coisas que tais. Tal não passa de asserção de um dogma, de uma crença que inevitàvelmente será negada por aquêles que

pertencem a outra sociedade, e, assim, ficaremos condicionados por uma maneira, e êles por outra. Enquanto nos considerarmos entidades separadas da sociedade, nunca chegaremos a compreender nem a sociedade nem a nós mesmos, vivendo sempre em conflito com a sociedade. Mas, se somos capazes de compreender o processo do desejo, que cria as influências ambientes que nos condicionam, podemos então superá-lo e descobrir aquela solidão que é a verdadeira individualidade, aquela singularidade, que é um estado de criação.

O que é importante, pois, não é que se indague qual o lugar do indivíduo na sociedade, mas, sim, que estejamos cônscios de como estamos condicionados pelas nossas crenças, nossos desejos, nossos motivos. Ter conhecimento da reação consciente, bem como da reação inconsciente ou coletiva, do passado ao presente, conhecer tanto as camadas superficiais como as mais profundas de nosso próprio pensar — tal é, sem dúvida, de importância muito maior que o indagar qual a relação entre o indivíduo e a sociedade. Se de fato percebemos isso, então, a reforma da sociedade torna-se uma coisa secundária. O reformar a sociedade sem compreensão de nós mesmos cria sempre a necessidade de novas reformas, e dêsse modo nunca tem fim o reformar. Mas, se formos capazes de ultrapassar as limitações do desejo, dar-se-á a revolução da individualidade; e é essa revolução interior que é essencial para o nascimento de um mundo novo. O mero reformar do mundo de acôrdo com uma dada ideologia carece de significação, porquanto revolução baseada em idéia não é revolução. Uma idéia é meramente uma reação do passado ao presente. Só há revolução ou transformação interior, quando há a compreensão do desejo;

e é essa revolução interior que é verdadeiramente essencial, porque só ela poderá fazer nascer um mundo diferente.

P e r g u n t a : *Amo os meus filhos; como devo educá-los para que se tornem sêres humanos "integrados"?*

K r i s h n a m u r t i : Não estou bem certo sôbre se realmente amamos os nossos filhos. Nós o dizemos, e temos por certo que os amamos. Mas amamo-los deveras? Se amássemos os nossos filhos, haveria guerras? Se os amássemos seríamos nacionalistas, estaríamos divididos em grupos antagônicos, a se destruírem constantemente uns aos outros? Pertenceríamos a uma determinada raça ou religião, em oposição a outra? Todo êsse processo de separação, na vida, acaba produzindo a desintegração, não é verdade? Positivamente, a guerra, o incessante conflito, na sociedade, entre grupos e classes diferentes, é um indício de que não amamos os nossos filhos. Se de fato os amássemos, nós desejaríamos salvá-los, não é certo? Desejaríamos protegê-los, desejaríamos que vivessem como sêres humanos felizes, integrados, não desejaríamos que fôssem destruídos. Mas, visto que criamos um mundo de conflito e sofrimento, no qual não existe segurança exterior, indica isso que, realmente, nós não amamos os nossos filhos, em absoluto. Se os amássemos, teríamos, por certo, um mundo diferente. Não vamos fazer-nos sentimentais. Mas teríamos um mundo diferente, se amássemos verdadeiramente os nossos filhos, porque então trataríamos logo de abolir as guerras; não passaríamos êsse encargo aos políticos astutos, que nunca evitarão as guerras; assumiríamos nós mesmos a responsabilidade, visto que teríamos de fato a intenção de salvar os nossos filhos.

Assim sendo, todos os nossos pontos de vista a respeito da educação, tôda a nossa estrutura social, tudo isso precisa ser totalmente revolucionado, não é verdade? Significa isso que não mais podemos servir-nos de nossos filhos para nossa satisfação pessoal ou psicológica, como fazemos atualmente — e essa é a razão por que tão fàcilmente nos satisfazemos e por que somos tão superficiais nisso que chamamos "amor". Mas, se não utilizamos os nossos filhos como meios para nossa própria perpetuação, para a continuação do nosso nome, se por maneira nenhuma nos servimos dêles para nossa satisfação pessoal, então, evidentemente, nós os consideraremos de maneira tôda diversa. Nosso interêsse será então o de educar, não os filhos, porém o educador. A educação, hoje, tem o fim exclusivo de fazer eficientes os nossos filhos, ensinando-lhes uma técnica, ensinando-lhes a maneira de ganhar a vida; e a eficiência, evidentemente, produz a impiedade. Não significa isso que a pessoa deva ser ineficiente; mas essa corrida para a eficiência, essa atenção constante para o bom êxito, acarreta necessàriamente luta, competição, disputa.

Ora, não poderemos ter sêres humanos integrados, se não compreendermos o processo da desintegração. Integração não significa cultivo de um padrão, ajustamento a uma idéia, ou observância de um determinado exemplo. A integração só pode produzir-se ao compreendermos o processo total de nós mesmos; e não pode haver essa compreensão de nós mesmos, enquanto estivermos vivendo superficialmente. Todo o processo de nosso pensamento é superficial, o processo do chamado intelecto, e ao cultivo dêsse intelecto atribuímos muita importância. Assim sendo, intelectualmente, o que significa verbalmente, estamos muito adiantados; mas, interiormente, somos insuficientes, pobres, estamos incertos,

a tatear, a apegar-nos a qualquer forma de segurança. Todo êsse processo de pensamento é um processo de desintegração, porque o pensamento invariàvelmente separa; as idéias, do mesmo modo que as crenças, nunca unem os indivíduos a não ser como grupos antagônicos. Assim, pois, enquanto dependermos do pensamento como meio de integração, haverá desintegração. Compreender o processo do pensamento é compreender as particularidades do "eu", e só aí existe a possibilidade da integração, que não é imitação.

Assim, pois, não sòmente é necessário educar o educador, mas também, nós, como entes humanos amadurecidos, devemos compreender nossas relações com os nossos filhos, não é verdade? E, se de fato os amamos, faremos o que fôr preciso para que não haja guerra, para que não haja luta na sociedade, entre os ricos e os pobres, para que não haja espoliações por parte dos ambiciosos, dos gananciosos, ávidos de poder, de posição e prestígio. Mas, se queremos que os nossos filhos sejam poderosos, que ocupem posições mais altas e melhores, que alcancem êxitos cada vez maiores, isso, por certo, indica que nós não os amamos: o que amamos é sòmente o aplauso, o esplendor, a posição, o reflexo de glória que dêles esperamos. Com isso estamos favorecendo a confusão, a destruição e a aflição extrema. Sei que estais ouvindo as minhas palavras e depois, provàvelmente, voltareis para casa e continuareis a seguir os mesmos caminhos que conduzem à guerra. A maioria de nós, com efeito, não está interessada nessas coisas. O que nos interessa são as soluções imediatas. Não desejamos explorar e descobrir a verdade. Não é uma revolução econômica, mas sòmente o descobrimento da verdade o que nos libertará, que fará nascer um mundo novo.

A questão, pois, se reduz ao seguinte: não como devemos educar os nossos filhos, mas, sim, como devemos educar a nós mesmos, fazendo assim surgir uma sociedade diferente. Para êsse efeito precisa o indivíduo compreender a si mesmo, as tendências do seu próprio desejo, as tendências do seu próprio pensamento. Precisamos estar cônscios de tudo: das coisas que nos rodeiam, das coisas que estão dentro em nós, das côres, das pessoas, das idéias, das palavras que empregamos, das nossas lembranças, tanto pessoais como coletivas. É só quando perfeitamente cônscia de todo êsse processo, que uma pessoa está só, que é um verdadeiro indivíduo, e só tais pessoas podem criar uma civilização nova, uma nova cultura.

Pergunta: Pode a prece constituir o elo entre a vida e a religião?

Krishnamurti: Que entendemos por prece, e que entendemos por vida e religião? A vida é diferente da religião? Evidentemente, para a maioria de nós, ela é diferente, e por êsse motivo nos servimos da prece como um meio de ligar a vida à religião. Porque é a vida separada da religião? Que é religião e que é vida? Religião é a busca de uma idéia? Se dizeis que a religião é o culto de Deus, então vosso Deus é uma idéia, não é verdade? Vosso Deus, portanto, é projetado de vós mesmos. Ou, se negais a Deus e aceitais outra ideologia, quer da direita, isso é ainda uma forma de religião. Nessas condições, consiste a religião meramente em seguir um determinado padrão de idéias, que nos promete uma recompensa no presente ou no futuro? E a religião é diferente da vida, da ação, das nossas relações?

Que significa a vida? A vida é relação, não é verdade? Pode haver vida sem relação — sem rela-

ções com as pessoas, as idéias, as coisas, a propriedade, a natureza? Pode haver vida no isolamento? Todavia, é isso o que cada um de nós procura alcançar, não é verdade? Nas nossas idéias, nas nossas relações com tôdas as coisas que nos cercam, estamo-nos enclausurando, isolando-nos a nós mesmos; e, assim isolados, queremos achar uma relação ou um elo com aquilo que chamamos religião — o que representa, apenas, outra forma de isolamento. Isto é, porque nas nossas relações buscamos a segurança interior, tornamos impossível a segurança exterior; e na religião estamos também procurando a segurança. Nosso Deus é a felicidade final, a paz absoluta. Positivamente, êsse Deus é uma invenção de nossas mentes, destinada a garantir-nos a permanência sob a forma de segurança definitiva; e perguntamos, então: "Pode a prece constituir o elo entre a vida e a religião?". Pode, evidentemente, não? Como tudo o mais, nas nossas vidas, a prece nos ajudará a ficar mais e mais isolados — porque é isso o que desejamos. Em nossas relações, nas coisas que possuímos, buscamos o isolamento, que é uma forma de segurança; e na religião buscamos também a segurança, a permanência. Nosso Deus, nossa virtude, nossa moral, assim como as nossas atividades diárias, tudo são meios de auto-reclusão, de isolamento. Assim, utilizamos a prece como meio de unir os vários isolamentos.

Que entendemos por prece? E quando é que oramos? Por certo, só oramos quando sofremos, quando estamos na infelicidade, quando há conflito, confusão, dor. Rezamos quando somos felizes, quando sentimos alegria, quando nossos corações transbordam? Certamente que não. Só oramos quando estamos atribulados, quando estamos incertos, quando não sabemos o que fazer; voltamo-nos, então, para alguém, pedindo socorro.

A prece, pois, em geral, é súplica, não é verdade? É petição, é desejo, é um ato psicológico de estender a mão, para que a segurem, para que a encham. E quando pedis, recebeis, não é verdade? Mas o que recebeis é sempre o que desejais, nunca o que não desejais; portanto, o que recebeis é vossa própria projeção. O que recebeis, em resposta à prece, é moldado pela vossa própria fantasia, vossa limitação, vosso condicionamento. Quanto mais pedirdes, tanto mais recebereis, da vossa própria projeção; e com isso vos satisfareis.

Mas é a prece um processo de satisfação pessoal? Qua acontece quando orais? Repetis certas palavras, assumis uma determinada postura; e quando há uma constante repetição de palavras e frases, é claro que a mente se torna quieta, não é verdade? Experimentai-o e vereis. O repetir de palavras acalma a mente. Mas isso é apenas um artifício, não achais? A mente não está de fato tranqüila, pois está querendo alguma coisa; e vós a tranqüilizastes, para que receba o que desejais. Quereis ser socorrido, porque estais confuso, porque estais incerto, e recebereis aquilo que desejais. Mas essa resposta à vossa súplica não é a voz da realidade: é a resposta de vossa própria projeção, e também da projeção coletiva. Porque, todos nós queremos uma resposta, não é verdade? Todos queremos que alguém nos diga que somos maravilhosos; queremos alguém que nos guie, que nos ajude em nossa confusão, em nossa miséria. Assim, pois, recebemos o que desejamos; mas o que desejamos é insignificante, trivial.

Vemos, pois, que a prece, que é súplica, que é petição, nunca pode encontrar aquela realidade que não é produto de uma exigência. Nós desejamos, suplicamos, oramos, sòmente quando estamos em confusão, em aflição; e por não compreendermos essa confusão e essa aflição, recorremos a alguém.

A resposta à prece é a nossa própria projeção; por uma maneira ou por outra, ela é sempre satisfatória, sempre agradável, pois do contrário a rejeitaríamos. Assim, depois de aprendermos êsse artifício de aquietar a mente pela repetição, mantemos êsse hábito; mas a resposta à súplica tem, evidentemente, de ser moldada de acôrdo com o desejo da pessoa que suplica.

Ora, a prece, a súplica, a petição, jamais poderá revelar o que não é projeção da mente. Para encontrar-se aquilo que não é fabricação da mente, precisa a mente *estar* quieta — não que seja *posta* quieta pela repetição de palavras, que é auto-hipnose, nem por nenhum processo de induzir a mente à quietude. A tranqüilidade que é instigada, que é forçada, não é tranqüilidade. É como a quietude de uma criança posta de castigo a um canto: superficialmente ela fica quieta, mas, interiormente, está em efervescência. Assim, pois, uma mente aquietada pela disciplina, nunca está realmente quieta, e a tranqüilidade que é instigada nunca pode revelar-nos aquêle estado criador, no qual surge a realidade.

Assim, pois, quando usamos a prece como meio de ligar a vida e a religião, estamos apenas descobrindo novas maneiras de isolamento próprio, novas maneiras de desintegração. O vos pordes num estado de receptividade, mediante a prece, é um processo de desintegração, porque desejais receber algo. Podeis dizer "Não peço nada; ponho-me apenas num estado de receptividade, por meio da oração" — mas isso não passa de uma maneira sutil de forçar a mente. O forçar, por qualquer maneira que seja, nunca pode produzir a tranqüilidade. A tranqüilidade da mente só pode surgir com a cessação do pensamento; e o pensamento cessa quando se compreende o pensante, a pessoa que pede, que exige. Por conseguinte, o autoconhecimento é o começo da

sabedoria; e, sem autoconhecimento, o simples orar tem muito pouca significação. A prece não pode abrir a porta do autoconhecimento. O que abre a porta do autoconhecimento é a vigilância constante — não o *exercício* de vigilância, mas, sim, o estar vigilante, momento por momento, e descobrindo. O descobrir nunca pode ser cumulativo. Se é cumulativo não é descobrimento. O descobrir é sempre novo, momento por momento, não é um estado contínuo. Um homem não pode descobrir, se está a acumular, porque acumulação é continuidade. O descobrir, momento por momento, é ficar livre do desejo, compreendido momento por momento. Só há espontaneidade da mente quando se compreende o desejo, que busca a segurança, a permanência, e êsse desejo é o "eu" em todos os níveis. Enquanto não compreenderdes a vós mesmos completamente, tem de haver tôdas as formas de fuga, tôdas as formas de confusão e destruição, e as orações de nada valem; elas oferecem, apenas, um outro meio de fuga. Mas, se começardes a compreender o desejo, que gera a confusão, a dor, o conflito, vereis que na compreensão surge a espontaneidade da mente; então, a mente está de fato tranqüila, sem desejar ser ou não ser, e só assim pode a mente compreender aquilo que é real.

25 de junho de 1950.

QUINTA PALESTRA EM NOVA IORQUE

Acho que é bem evidente a necessidade de uma transformação fundamental na sociedade, e essa transformação só pode começar com uma revolução radical dentro de cada um de nós; porque a sociede não é muito diferente de nós. O que somos, a sociedade é. Os problemas do mundo não estão separados dos nossos problemas. Fomos nós que os "projetamos" e, por conseguinte, somos nós mesmos os responsáveis por êles; e a revolução fundamental das circunstâncias externas, essencial e necessária como é, só pode ser efetuada depois de uma radical revolução em nós mesmos. Uma revolução, uma transformação radical, uma subversão psicológica, em nós, não pode ser feita com base numa idéia ou de acôrdo com um padrão. Revolução baseada em ideologia não é revolução; é meramente a continuidade modificada de um velho padrão. O pensamento nunca pode ser revolucionário, porque o pensamento é a reação da memória. As idéias nunca podem produzir transformação alguma em nós mesmos, porquanto as idéias são meramente o prolongamento daquela reação, verbalizada ou sob a forma de símbolos, imagens, etc. etc. Quando desejamos promover uma transformação em nós mesmos, de acôrdo com um padrão preestabelecido pelo pensamento, essa transformação é apenas a continuação modificada da memória; sendo uma projeção de nós mesmos, sob forma diferente, é ela uma continuação do estado condicionado e, por conseguinte, não é transformação nenhuma. Re-

volução baseada em ideologia, por mais ampla que seja, não é revolução, porque a idéia é sempre "projeção" do pensamento, que é memória. A reação da memória nunca pode produzir transformação alguma. O que pode produzir a transformação em nós, e por conseguinte na sociedade, é a compreensão do processo integral do pensar, que não é diferente do sentir. Sentir *é* pensar; ainda que nos agrade manter separados o pensamento e o sentimento e nos firmemos ora num ora no outro, êles estão interrelacionados, não constituem uma dualidade e, sim, um processo unitário.

Assim sendo, enquanto não compreendermos integralmente o processo do pensar e do sentir, não pode haver nenhuma revolução radical, interna ou externamente. A compreensão do pensamento — que é sentimento — significa conhecer a nós mesmos. O autoconhecimento não pode comprar-se. Nem o estudo dos livros nem o assistir a conferências nos dará o autoconhecimento. O autoconhecimento só nos vem quando estamos cônscios de nós mesmos, momento por momento, naturalmente, espontâneamente, sem esfôrço e sem compulsão alguma; cônscios não apenas do nosso pensar consciente, mas também do inconsciente, com todo o seu conteúdo. É uma atividade semelhante à de examinar um mapa, deixando-o desenrolar-se por si mesmo — mas, se pomos em prática qualquer disciplina ou exercício, obstamos e pomos fim ao desenrolar do autoconhecimento.

O que importa, sem dúvida, é que estejamos cônscios sem escolha, porquanto a escolha gera sempre conflito. Quem escolhe está confuso, e é por isso que escolhe. Quando não há confusão, não há escolha. Só a pessoa que está confusa escolhe, determinando o que deve fazer ou o que não deve fazer. O homem esclarecido e simples não escolhe: o que é,

é. Tôda ação baseada em idéia é òbviamente ação de escolha, e tal ação não é libertadora; ao contrário, só cria mais resistência e mais conflitos, em correspondência com êsse pensar condicionado.

Assim, pois, o que importa é que estejamos cônscios, momento por momento, sem acumularmos a experiência que a percepção nos traz; porque, no momento em que acumulamos, ficamos cônscios apenas de conformidade com a acumulação que fazemos, com um padrão, com aquela experiência. Isto é, o vosso percebimento fica condicionado pelo vosso acumular, e por conseguinte já não há observação, mas apenas interpretação. Onde há interpretação, há escolha, e a escolha gera conflito; e no conflito não é possível a compreensão.

Como temos visto nestas últimas semanas, a dificuldade de compreendermos a nós mesmos existe porque nunca pensamos nisso. Não percebemos a importância e a significação de explorarmos a nós mesmos diretamente, e não em conformidade com alguma idéia, algum padrão, ou algum instrutor. A necessidade de compreendermos a nós mesmos só é perceptível ao reconhecermos que sem o autoconhecimento não pode haver base para pensar, para agir, para sentir; mas o autoconhecimento não é um resultado do desejo de alcançar um fim. Se começamos a investigar o processo do autoconhecimento movidos pelo temor, pelo desejo de resistência, pela autoridade, ou pelo desejo de obter um resultado, alcançaremos o que desejamos, que não será, entretanto, a compreensão do "eu" e suas atividades. Podeis situar o "eu" num nível qualquer, podeis chamá-lo "eu superior" ou "eu inferior", mas isso representa ainda o processo do pensar; e se não se compreende o pensante, o seu pensar, evidentemente, continua sendo um processo de fuga.

O pensamento e o pensante são um só todo; mas é o pensamento que cria o pensante, e sem pensamento não há pensante. Precisa, pois, o indivíduo ficar cônscio do processo de condicionamento, que é pensamento; e quando há percepção dêsse processo, sem escolha, sem tendência para a resistência, sem condenação nem justificação daquilo que se observa, vê-se então que a mente é o centro do conflito. No compreender-se a mente e as suas atividades, tanto conscientes como inconscientes, através dos sonhos, através de cada palavra, de cada processo de pensamento e ação, torna-se a mente extraordinàriamente tranqüila; e essa tranqüilidade da mente é o comêço da sabedoria. A sabedoria não pode comprar-se, não pode aprender-se; só pode nascer numa mente tranqüila, de todo tranqüila — mas que não foi *posta* tranqüila, mediante compulsão, coerção ou disciplina. Só quando a mente está espontâneamente silenciosa, é possível compreender aquilo que está além do tempo.

Passando agora a responder às perguntas, consideremos as diferentes questões, como já vos tenho sugerido várias vêzes, sem rejeição nem aceitação. Vamos explorar cada questão tendo sempre em mente que a resposta não está separada da questão. Entrando numa questão pela maneira mais completa e profunda possível, perceberemos a verdade nela contida, e é essa verdade que nos libertará do problema.

Pergunta: Vós me demonstrastes a superficialidade e a futilidade da vida que estou levando. Eu gostaria de me modificar, mas estou prêso na armadilha do hábito e do ambiente. Devo abandonar tôdas as coisas e tôdas as pessoas, para seguir-vos?

Krishnamurti: Julgais que os nossos problemas ficam resolvidos quando seguimos outra pessoa? O seguirdes a outro, seja êle quem fôr, é negar a compreensão de vós mesmo. É muito fácil seguir alguém. Quanto maior a pessoa, quanto mais forte a sua influência, tanto mais fácil segui-la; e no próprio empenho de seguir, vós destruís aquela compreensão, pois quem segue destrói, nunca é criador, nunca faz nascer a compreensão. Seguir é negar tôda a compreensão e, portanto, a verdade.

Ora, se não seguis, que deveis então fazer? Visto que, como diz o interrogante, estamos na armadilha do hábito e do ambiente, que devemos fazer? Certamente, o mais que podeis fazer é compreender a armadilha, compreender a superficialidade e a futilidade de vossa existência. Nós estamos sempre em relação, não é verdade? Ser é estar em relação; e se considerais a vida de relação como uma armadilha, da qual desejais soltar-vos, caireis fatalmente noutra armadilha — a do mestre que seguirdes. Poderá esta ser um pouco mais dificultosa, um pouco mais incômoda, mas será sempre uma armadilha; porque também isso é relação, e também aí existem ciúmes, inveja, o desejo de ser o discípulo predileto, e tôdas as demais estultícias.

Estamos, portanto, presos numa armadilha porque não compreendemos a vida de relação; e é difícil compreendermos a vida de relação se estamos sempre a condenar, a identificar-nos com alguma coisa, ou se nos servimos de nossas relações como um meio para fugirmos de nós mesmos, daquilo que somos. Afinal de contas, a vida de relação é um espelho no qual posso ver a mim mesmo tal como sou. Mas, se vemos a nós mesmos, diretamente, tais como somos, isso é muito desagradável e por isso evitamo-lo, condenando-o, justificando-o, ou simplesmente nos identificando com o que vemos. Sem relações não há

vida, achais que há? Nada pode existir no isolamento. Todavia, todos os nossos esforços são no sentido de ficarmos isolados; a vida de relação é para a maioria de nós um processo de isolamento, de reclusão, e por isso existe conflito. Quando existe conflito, angústia, dor, sofrimento, infelicidade, desejamos fugir, desejamos seguir outra pessoa, desejamos viver à sombra de outro; e por isso vamos buscar socorro na igreja, num mosteiro, ou no instrutor mais em moda. Tôdas essas coisas são iguais, porque são fugas e recorremos a elas evidentemente levados pelo nosso desejo de evitar aquilo que *é;* e na própria fuga criamos mais sofrimento, mais confusão.

Assim, pois, a maioria de nós está prêsa numa armadilha, quer nos agrade quer não, porque êsse é o nosso mundo, essa a nossa sociedade; e o percebimento, na vida de relação, é o espelho no qual podemos ver-nos muito claramente. Para ver claramente, é óbvio que não deve haver condenação, nem aceitação, nem justificação, nem identificação. Se estivermos simplesmente cônscios, sem escolha, podemos então observar não apenas as reações superficiais da mente, mas também as reações profundas e ocultas, que se manifestam em sonhos ou nos momentos em que a mente superficial está tranqüila e há espontaneidade de reação. Mas, se a mente está condicionada, modelada e prêsa por qualquer crença, não pode haver, decerto, espontaneidade alguma e, por conseguinte, não pode haver o percebimento direto das reações na vida de relação.

Importa perceber — não é verdade? — que ninguém pode dar-nos a libertação do conflito na vida de relação. Podemos esconder-nos atrás da cortina das palavras, ou seguir um instrutor, ou correr a uma igreja, ou absorver-nos num filme ou num livro, ou freqüentar conferências; mas é só quando o processo fundamental do pensar se nos revela pelo

percebimento, na vida de relação, é só aí que é possível compreendermos e ficarmos livres dêsse conflito que instintivamente procuramos evitar. Os mais de nós nos servimos da vida de relação como meio de fuga de nós mesmos, de nossa solidão, de nossa incerteza e pobreza interiores; e por isso nos apegamos às coisas exteriores da vida de relação, as quais se tornam para nós de suma importância. Mas, se em vez de fugirmos, através da vida de relação, procuramos considerá-la como um espelho e procuramos perceber, com tôda a clareza e sem preconceito algum, exatamente o que *é*, então, êsse próprio percebimento torna possível uma transformação do que *é*, sem o mínimo esfôrço. Nada há que se transformar, num fato; êle é o que é. Mas nós nos chegamos ao fato com hesitação, com temor, com preconceito, e, portanto, estamos sempre a atuar sôbre o fato, de modo que nunca chegamos a percebê-lo exatamente como é. Quando percebemos o fato tal como é, então êsse fato mesmo é a verdade, que resolve o problema.

Assim sendo, não é o que diz outra pessoa, por mais formidável ou por mais estúpida que ela seja, o que tem importância, mas, sim, o estar cada um cônscio de si mesmo, perceber o fato tal como é, momento por momento, sem acumulação. Quando acumulais, não podeis perceber o fato; percebeis a acumulação, mas não o fato. Mas, quando sois capazes de perceber o fato, independentemente de acumulação, independentemente do processo do pensamento, que é a reação da experiência acumulada, é então possível transcender o fato. É o evitar do fato que produz conflito; mas ao reconhecerdes a verdade contida no fato, tereis uma tranqüilidade da mente em que cessa de todo o conflito.

Nessas condições, o que quer que façais, não podeis fugir através da vida de relação; e se conse-

guis fugir, criais apenas mais isolamento, mais angústia e confusão; porque o servir-nos da vida de relação como meio de preenchimento é negar a vida de relação. Se considerarmos êsse problema com tôda a clareza, podemos ver que a vida é um processo de relações; e se, em vez de compreender a vida de relação, procuramos retrair-nos dela, fechando-nos em idéias, em superstições, em devoções de vários gêneros, tornamos maior ainda o conflito que queremos evitar.

Pergunta: Que é sabedoria? É diferente do saber?

Krishnamurti: Que é saber? Por certo, o saber é o princípio acumulador que existe em todos nós, e que é a memória. O processo aquisitivo é saber, não é verdade? O saber é experiência e memória. Quanto mais experiências acumulamos, tanto mais sabemos. Saber é um processo de verbalização; e tudo aquilo que foi acumulado, e que é experiência, memória, ou saber, nunca trará a verdade. O saber é o resultado da experiência, e só há experiência quando existe aquêle que *experimenta* e acumula. A pessoa que *experimenta* é o resultado de suas próprias acumulações, experiências e conhecimentos; e aquilo que ela *experimenta* está de acôrdo com o seu condicionamento. Por conseguinte, quanto mais ela experimenta, tanto mais fica condicionada e tanto mais pesa sôbre ela êsse condicionamento. Quando experimenta, só pode experimentar em conformidade com o que acumulou; essa acumulação lhe dita o conhecimento, a interpretação da experiência. A experiência, a interpretação de um fato, não pode produzir a compreensão. A compreensão só é possível com a supressão do saber.

Considerando bem, nós experimentamos em conformidade com a nossa crença. Se eu creio que não existe Deus, naturalmente eu experimento de acôrdo com essa crença, porque a minha base, o meu condicionamento, a educação que recebi dita e traduz as minhas experiências; e se eu creio em Deus, minha *experiência* é então de acôrdo com o meu condicionamento de crente. A *experiência*, pois, é um processo de reação da mente condicionada; e onde há o saber ou o acúmulo de experiências, lembranças, palavras, símbolos, imagens, não pode haver compreensão. Só pode surgir a compreensão quando estamos livres do saber. Afinal de contas, quando tendes um problema, quanto mais pensais nêle, quanto mais vos preocupais com êle, tanto menos o compreendeis; mas, se o puderdes encarar livremente, sem o traduzir, sem recorrer ao vosso cabedal de tradição e experiências, vereis que daí nasce a compreensão.

Assim, pois, a compreensão não é o resultado de acumulação, e sabedoria não é saber. A sabedoria é independente do saber e nenhuma semelhança tem com êle. A sabedoria tem existência momento por momento, ao passo que o saber nunca pode livrar-se do passado, do tempo. A sabedoria é livre do tempo, e o saber é o processo mesmo do tempo, e não há possibilidade de juntá-los. O homem que sabe pode não ser sábio, porque o seu próprio conhecimento nega a sabedoria. O saber é processo do tempo, que é acumulação de experiência; e a sabedoria é um estado em que estamos livres do tempo, é a *experiência* momento por momento, sem o processo de acumulação.

P e r g u n t a : Embora jovem, sou perseguido pelo temor da morte. Como posso vencer êsse temor?

Krishnamurti: Já sabemos que qualquer coisa que dominamos tem de ser novamente dominada. Quando venceis um inimigo, tereis de tornar a vencê-lo repetidas vêzes. É por isso que há sempre guerras. No momento em que venceis um desejo, logo surge outro desejo para ser vencido. Por isso, aquilo que dominamos nunca poderá ser compreendido. O dominar é meramente uma forma de recalque, e nunca podeis ficar livre de uma coisa que recalcais. O dominar do temor é, por conseguinte, apenas um adiamento temporário do temor.

Nosso problema, portanto, não é o de sabermos a maneira de vencer o temor da morte, mas, sim, o de compreender, no seu todo, o processo da morte; e essa compreensão não depende de sermos novos ou velhos. Há várias formas de morte, tanto para os velhos como para os novos. Todos nós estamos condicionados por nosso passado, pelo nosso conformismo, pelo desejo de progresso, pela sutil acumulação de poder; e embora exteriormente estejamos ativos, interiormente podemos estar mortos. Assim, pois, para se compreender êsse processo da morte, necessita-se muita indagação e não apenas a aderência a uma crença — de que há ou não há continuidade após a morte. A crença na vida após a morte poderá dar-vos um consôlo ideológico; e pode ser que haja, e provàvelmente há, uma forma de continuidade. Mas, que valor tem isso? Que é que continua? Aquilo que continua pode ser criador? E onde há continuidade não existe sempre o temor do fim? A morte, pois, é um processo do tempo, não é verdade?

Que significa o tempo? Há o tempo cronológico, mas há também outra espécie de tempo, não há? É o processo psicológico da continuidade. Isto é, desejamos ter continuidade, e êsse desejo mesmo de continuar cria o processo do tempo e o mêdo de não

continuar. É êsse mêdo de não continuar que nos aflige; é do findar que temos mêdo. Tememos a morte porque julgamos que pela continuidade alcançaremos algo e seremos felizes.

Afinal de contas, que é que continua? Se realmente formos capazes de compreender isso, se formos capazes de o *experimentar* de fato, agora, nesta reunião, sem ficarmos apenas a escutar palavras, chegaremos então, talvez, a saber o que significa morrer momento por momento; e, conhecendo a morte, conheceremos a vida, porque uma e outra não são muito diferentes. Se não sabemos viver, tememos a morte; mas se sabemos viver, então não existe a morte. A maioria de nós não sabe o que é viver e considera, por isso, a morte como uma negação da vida; por esta razão temos mêdo da morte. Mas, se pudermos compreender o que é viver, saberemos o que há a respeito da morte, no próprio processo do viver. Para se descobrir isso, precisamos compreender o que significa continuidade.

Que é essa ânsia extraordinária de subsistir, que tem cada um de nós? E o que é que subsiste, que continua? Certo, o que continua é o nome, a forma, a experiência, o conhecimento, e várias lembranças. Isso é o que somos, não é verdade? O dividirdes a vós mesmo em "eu superior" e "eu inferior" não tem aqui cabimento, porque sois e continuais a ser, apenas, a soma de tôdas aquelas coisas. Embora digais: "Não! Sou mais do que isso; sou uma entidade espiritual" — essa asserção faz parte do processo do pensar, que é a reação condicionada e condicionante, da memória. Outros há que estão condicionados para dizer: "Nós não somos espirituais, somos apenas o produto do ambiente". Assim, pois, vós *sois* as vossas lembranças, as vossas experiências, e os vossos pensamentos. Em qualquer nível que coloqueis o processo do pensamento, continuais a ser isso, e temeis

que, quando chegue à morte, êsse processo, que é o "vós", termine. Ou, racionalizais e dizeis: "Subsistirei sob alguma forma após a morte, e voltarei na próxima vida".

Ora, uma entidade espiritual, òbviamente, não pode ter continuidade, porque está além do tempo. A continuidade implica o tempo — ontem, hoje, amanhã. Por conseguinte, o que é atemporal não pode ter continuidade. O dizer-se "Sou uma entidade espiritual" é um pensamento reconfortante; mas o próprio processo de pensarmos nela, colhe-a na rêde do tempo; logo, ela não pode ser atemporal, nem espiritual.

Assim, pois, o que nós temos é apenas o nosso pensar, que é também sentir. Só temos o nosso nome, nossa forma, nossa família, nossas roupas, nossos móveis, nossas lembranças e experiências, nossas reações, tradições, vaidades e preconceitos. Eis tudo o que temos; e *isso* nós queremos que continue. Tememos que isso se acabe e que não possamos dizer: "Tudo isso que lutei por conseguir, me pertence". Ora, o que continua pode renovar-se? Claro que não. O que continua não pode renascer, não pode renovar-se; só pode ter continuidade. Só o que acaba pode renovar-se. Só há criação, quando há um fim. Mas temos mêdo de findar, temos mêdo de morrer. Desejamos continuar, de ontem para hoje, de hoje para amanhã. Estamos edificando Utopias e sacrificando o presente ao futuro, liquidando os nossos semelhantes, por causa do desejo de continuidade. Se examinarmos muito atentamente o que é que continua, veremos que é apenas a memória, sob várias formas; e porque a mente se apega à memória, teme a morte. Mas, por certo, só no morrer, em não acumular, encontra-se aquilo que está fora do tempo. A mente não pode de maneira nenhuma conceber,

formular, ou experimentar aquilo que não é do tempo. Só pode experimentar o que é do tempo, porque a mente é o resultado do tempo, do passado.

Assim, pois, enquanto teme o findar, a mente se apega à sua própria continuidade. Mas é bem evidente que tudo que continua está sujeito ao declínio.

Nossa dificuldade é de morrer para tôdas as coisas que acumulamos, para tôdas as experiências de ontem. Considerando bem, isso é morte — não achais? — o estar sempre na incerteza, num estado de vulnerabilidade. O homem que vive na certeza nunca poderá conhecer o que é imortal, o que está fora do tempo. O homem de saber nunca pode conhecer a morte, que está fora do tempo, para além do conhecido. É sòmente quando morremos momento por momento, para as coisas de ontem, e quando compreendemos integralmente a significação da continuidade, é só então que se apresenta o desconhecido, o novo. O que continua não pode conhecer a verdade, o desconhecido, o novo; pode conhecer apenas a sua própria "projeção". A maioria de nós vive pela acumulação e por isso o ontem e o amanhã se tornam muito mais importantes do que o presente.

Naturalmente, precisamos do tempo cronométrico, senão perdemos o trem. Mas, enquanto vivermos presos a essa projeção da mente, que é o tempo psicológico, não haverá findar; e o que tem continuidade não é imortal. Só o que acaba é atemporal, e só isso pode conhecer o imortal.

P e r g u n t a : Há vários sistemas de meditação, ocidentais e orientais. Qual dêles podeis recomendar?

K r i s h n a m u r t i : Compreender o que é a meditação correta constitui um problema sobremodo complexo, e o saber meditar, o saber ficar no

estado de meditação é deveras importante; mas o seguir qualquer sistema, seja oriental, seja ocidental, isso não é meditar. Quando seguis um sistema, o que aprendeis é só a moldar a mente por um determinado padrão, ou a conduzi-la por um determinado sulco. Se seguis êsses sistema com bastante ardor, alcançareis o resultado que o sistema garante; mas isso, positivamente, não é meditação. Muita bobagem se anda ensinando em matéria de meditação, principalmente por pessoas que vêm do Oriente (risos). Por favor nada de risos, nem aplausos. Não estamos numa reunião dêsse gênero. Estamos tentando descobrir o que é meditação.

Pode-se ver que aquêles que seguem um sistema, que impelem a mente a determinados exercícios, condicionam a mente de acôrdo com essa fôrmula. Por isso, a mente não é livre. Só a mente livre é capaz de descobrir, e não a mente condicionada por um sistema qualquer, seja oriental ou ocidental. Condicionamento é sempre condicionamento, seja qual fôr o nome que lhe derdes. Para perceber-se a verdade, necessita-se de liberdade, e uma mente que está condicionada segundo um sistema não pode jamais ver a verdade.

Pois bem; a fim de ver essa verdade, de que não pode haver liberdade por meio da disciplina de qualquer sistema, cumpre compreender o processo da mente; porque a mente se apega a sistemas, a crenças, a determinadas fórmulas. Para descobrir-se essa verdade, precisais por certo perceber que estais prêso a um sistema; e o perceber o processo pelo qual a mente se prende a um sistema, é meditação. O estar cônscio de todo o processo do pensar é autoconhecimento, não é verdade? Assim, pois, a meditação é o comêço do autoconhecimento. Sem conhecerdes o processo do vosso pensar, se apenas vos sentais a um canto e ficais em silêncio ou a fa-

zer qualquer coisa — isso não é meditação; é apenas um desejo de vir a ser, de adquirir, de ganhar alguma coisa. E, também, evidentemente, concentração não é meditação. Concentrar a mente numa idéia, numa imagem ou frase, com exclusão de todos os outros pensamentos, não é meditação. Podeis aprender a concentração por essa maneira, mas concentração é exclusão; e quando a mente exclui não é livre.

Porque êsse interêsse em concentrar a mente numa imagem ou idéia, em praticar um sistema (quanto mais misterioso, melhor) de meditação, disso que se chama meditação? Porque pensamos que, pela concentração, ou pela prece, isto é, a constante repetição de certas palavras, a mente será posta tranqüila. Como já disse, a concentração é um processo de exclusão. Escolhemos uma determinada idéia ou pensamento e nêle nos detemos, e enquanto forçamos a mente a concentrar-se nêle, outros pensamentos se insinuam; por isso, temos um conflito constante e despendemos tôdas as energias nessa batalha vã. Mas, se pudermos ficar abertos a cada pensamento que surge, e se pudermos compreendê-lo, veremos então que a mente não volta a ocupar-se com um dado pensamento. Se a mente volta a um pensamento é porque o não compreendeu; isto é, aquilo que não se compreende repete-se sempre, e a mera exclusão não o pode impedir. Assim, pois, concentração, que é exclusão, não é meditação. A maioria de nós deseja viver isolados, com nossas lembranças, experiências e conhecimentos pessoais. E a concentração, a que damos o nome de meditação, é apenas um outro processo de reclusão, de isolamento. Mas a mente nunca pode libertar-se através do isolamento, por mais ampla que seja a idéia que houvermos "projetado".

Ora, vós podeis forçar a mente a ficar tranqüila com aquilo que chamais prece, que é uma constante repetição de palavras; mas, quando a mente foi hip-

notizada para ficar quieta, êsse é um estado de meditação? Isso, por certo, só tem o efeito de insensibilizar a mente, não é verdade? Embora se possa pacificar a mente por meio da disciplina, a qual se baseia no desejo de determinados resultados, uma mente posta nestas condições não está livre. A liberdade nunca pode vir por meio da disciplina. Embora pensemos que devamos disciplinar-nos, para sermos livres, o princípio determina o fim; e se a mente está disciplinada no princípio, estará disciplinada no fim; portanto, nunca pode estar livre. Mas se pudermos compreender, no seu todo, o processo da disciplina, do contrôle, da repressão, da sublimação, da substituição, haverá então liberdade desde o princípio; porque o fim e o meio são um só, não são dois processos separados, nem pollticamente, nem religiosamente.

Assim, a disciplina pela concentração não é meditação, nem o são as várias formas de prece. Tudo isso são artifícios pelos quais a mente é forçada a ficar quieta; e a mente aquietada pela vontade, pelo desejo, nunca pode ser livre. Se consideramos realmente tôdas essas coisas — a concentração, a prece, os sistemas de meditação, e todos os artifícios que aprendemos, para tranqüilizar, para hipnotizar a mente — descobriremos que são atividades do pensamento, do "eu"; e êsse descobrimento é o comêço da meditação, que é o comêço do autoconhecimento. Quando não conheceis a vós mesmo, se meramente vos concentrais, ou vos amoldais a um padrão, ou seguis um sistema, a fim de aquietardes a mente por meio de disciplina, sereis levado a maior sofrimento e maior confusão. Mas, se começardes a conhecer as atividades de vosso próprio pensamento, com o ficardes cônscio de vós mesmo, sem escolha, nas vossas relações, nas vossas conversas, nos vossos passeios, quando observais uma ave ou olhais para alguém,

então, nesse percebimento, manifestam-se as reações de vosso estado condicionado; e nessa espontaneidade dá-se o descobrimento de vós mesmo como vós mesmo. E quanto mais estiverdes cônscio de vós mesmo, sem escolha, sem justificação ou condenação, tanto mais liberdade tereis. É essa liberdade que é o processo da meditação. Mas não podeis cultivar a liberdade, assim como não podeis cultivar o amor. A liberdade desponta na existência, não como resultado de busca, mas quando compreendeis, integralmente, o processo e a estrutura de vós mesmo.

A meditação, pois, é o comêço do autoconhecimento. Quando começais de muito perto, podeis ir muito longe; e vereis, então, que o pensamento, que é a "projeção" da mente, termina por si mesmo, sem ser compelido nem forçado a isso. Então, é o silêncio... não o silêncio impôsto pela vontade, criado pela mente, mas um silêncio que não pertence ao tempo; e nesse silêncio há o estado de criação, há o atemporal, que é a realidade.

Assim, sem se compreenderem as atividades do pensamento, o mero forçar da mente a meditar é um absoluto desperdício de tempo e de energia, que só cria mais confusão e mais sofrimento. Mas o compreender o processo do "eu", como pensante, o conhecer as atividades do "eu", como pensamento, tal é o comêço da sabedoria. Para que exista a sabedoria torna-se necessária a compreensão do processo acumulador, que é o pensante. Sem a compreensão do pensante, não tem significado a meditação; porque, o que quer que projete o pensante, será sempre de acôrdo com o seu próprio condicionamento, e isso, claro, não é a realidade. É só quando a mente compreende todo o processo de si mesma, como pensamento, que é capaz de ser livre, e só então surge o atemporal.

2 de julho de 1950.

J. KRISHNAMURTI

PALESTRAS EM SEATTLE

1950

PRIMEIRA PALESTRA EM SEATTLE

Julgo importante que se aprenda a arte de escutar. A maioria de nós escuta apenas aquilo que é conveniente, agradável; não escutamos as coisas que nos possam atingir profundamente, as coisas perturbadoras, que contradizem nossas crenças e opiniões particulares. E, decerto, importa que saibamos escutar sem fazer um esfôrço extraordinário para compreender. Ao fazermos um esfôrço para compreender, nossa energia se aplica mais ao esfôrço do que ao processo de compreender. Muito poucas pessoas podem escutar sem resistência, sem criar barreiras entre elas e a pessoa que fala; mas, se pudermos pôr de parte nossas opiniões pessoais, nossos conhecimentos e experiências acumulados, e ficarmos a escutar sem tensão, sem esfôrço, seremos, então, talvez, capazes de compreender a natureza da transformação fundamental e radical, tão necessária numa crise tão grave como a presente.

Ora, é bem evidente que se necessita de modificação de alguma espécie. Estamos à beira de um abismo; e a crise não atinge só um determinado grupo, uma determinada religião ou povo, mas é uma crise que envolve a todos nós. Quer sejais americano ou coreano, japonês ou alemão, russo ou hindu, esta crise vos atinge também. É uma crise universal, e para a compreendermos plenamente, se de fato estamos sèriamente interessados, precisamos sem dúvida começar com uma compreensão fundamental de nós mesmos. O mundo não é diferente

de cada um de nós. Os problemas do mundo são vossos problemas e meus problemas. Não estou fazendo uma asserção teatral: trata-se de um fato verdadeiro. Se examinardes o assunto com tôda a atenção, se o penetrardes profundamente, vereis que os problemas coletivos são os mesmos problemas que se apresentam a cada um de nós individualmente. Não vejo distinção entre os problemas coletivos e os problemas do indivíduo. O mundo é o que nós somos; o que nós somos, projetamos, e isso se torna então o problema mundial.

Assim, para compreender êsse problema extraordinàriamente complexo e cada vez maior, que vemos no mundo, precisamos compreender a nós mesmos — o que não significa que devamos tornar-nos a tal ponto subjetivos, a tal ponto introvertidos, que percamos o contacto com as coisas exteriores. Um tal procedimento, um tal processo é destituído de significação, não tem eficácia alguma. Mas, se pudermos perceber que a crise mundial — a confusão, a tragédia, os medonhos homicídios e catástrofes que estão ocorrendo e continuarão a ocorrer, tôda essa bestial confusão — se pudermos perceber que tudo isso é o resultado de nossa própria maneira de viver e de agir, em cada dia, de nossos próprios credos, tanto religiosos como nacionais; se pudermos ver que êsse cataclismo universal é uma projeção de nós mesmos e não está independente de nós, o nosso exame do problema não será então nem subjetivo nem objetivo, mas se processará por uma maneira inteiramente nova.

Ora, em geral, nós nos abeiramos de um problema dessa natureza objetivamente ou subjetivamente, não é verdade? Procuramos compreendê-lo ou no nível objetivo ou no nível subjetivo; e a dificuldade é que o problema não é nem puramente subjetivo nem puramente objetivo, mas, sim, uma combinação das

duas coisas. É um problema ao mesmo tempo social e psicológico, e é por isso que nenhum especialista, nenhum psicólogo, nenhum adepto de sistema, da direita ou da esquerda, poderá resolver êste problema. Os especialistas, os técnicos só podem atacar o problema nas suas esferas especiais e nunca como um processo total; mas, para compreendermos o problema, precisamos considerá-lo na sua totalidade. Assim, evidentemente, a nossa maneira de considerar o problema não pode ser nem subjetiva nem objetiva; devemos ser capazes de considerá-lo como um processo total.

Para compreender a crise mundial como um processo total, precisa o indivíduo começar por si mesmo. Exteriormente, vemos a tôda hora a guerra, o conflito, a confusão, a miséria e a luta e, no meio de tudo isso, buscamos a segurança, a felicidade. Êsses problemas exteriores, por certo, são o resultado, são a projeção de nossa própria confusão interior, nosso conflito e miséria interiores. Por conseguinte, a fim de resolver os problemas exteriores, que não independem de nossas próprias lutas e sofrimentos interiores, precisamos naturalmente começar por compreender o processo de nosso próprio pensar; isto é, torna-se necessário o autoconhecimento. Sem conhecermos a nós mesmos, fundamentalmente, tanto o nosso consciente como o inconsciente, não temos base para o pensar, não achais? Se não conheço a mim mesmo profundamente, em todos os diferentes níveis, que base existe para o meu pensar, para a minha ação? Embora isso já tenha sido dito repetidamente, por todos os pregadores, desde que o mundo é mundo, continuamos a fazer pouco caso dessa verdade, porque pensamos que com a modificação do ambiente, com a alteração das circunstâncias externas, com a promoção de uma revolução econômica, pode-se transformar fundamentalmente o processo do nosso pensar. Mas, sem dú-

vida, se examinarmos o problema com um pouco mais de atenção e interêsse, veremos que as meras modificações externas nunca podem produzir uma revolução fundamental. Sem se compreender, na íntegra, o processo do "eu", o processo de nosso próprio pensar, a confusão interior em que vivemos sobrepujará sempre a engenhosa reconstrução das circunstâncias externas.

Assim sendo, importa — não é verdade? — que aquêles que sentem verdadeiro empenho, verdadeiro ardor, aquêles que não são levianos ou sectários de alguma crença — importa que tais pessoas comecem a compreender o processo de seu próprio pensar. Porque, afinal de contas, nosso pensamento é a reação de nosso peculiar condicionamento; e não haveria pensamento se não estivéssemos condicionados. Isto é, se sois socialista, comunista, capitalista, católico, protestante, hindu, isso ou aquilo, o vosso pensar é o resultado dêsse condicionamento; e sem compreender-se êsse condicionamento, essa acumulação, que é o "vós", tudo o que fizerdes, tudo o que pensardes será evidentemente o resultado do condicionamento. Assim, pois, para promover uma revolução fundamental, uma transformação em nós mesmos, torna-se necessária a compreensão das influências condicionadoras que criam o processo do pensar; e êsse autoconhecimento é o começo da sabedoria.

A maioria de nós, infelizmente, busca a sabedoria nos livros, ou no escutar a outra pessoa; pensamos que compreenderemos a vida, seguindo os especialistas ou ingressando em sociedades filosóficas ou organizações religiosas. Tudo isso, por certo, são fugas, não achais? Porque, afinal de contas, precisamos compreender a nós mesmos, e a compreensão de si mesmo é um processo muito complexo. Nós não existimos num nível único; a estrutura do nosso ser

repousa sôbre níveis diferentes, com diferentes entidades, tôdas em conflito umas com as outras. Sem se compreender todo êsse processo do "eu", não podemos resolver definitivamente problema algum, quer político, quer econômico, quer social. O problema básico é um problema de relações humanas, e para ser resolvido devemos começar a compreender o processo total de nós mesmos. Para se operar uma transformação no mundo, que é evidentemente essencial, precisamos ficar cônscios de tôdas as nossas reações psicológicas, não é verdade? Ficar cônscios de nossas reações significa observá-las sem escolha, sem condenação ou justificação — isto é, ver exatamente como se processa o nosso pensar, em meio às nossas relações, em meio às nossas ações. Com isso, começamos a examinar o problema na sua totalidade, plenamente conscientes de tôda a sua amplitude; e veremos, então, como as nossas reações são condicionadas pelo nosso feitio peculiar, e como essas reações condicionadas estão contribuindo para o caos no mundo. Assim, pois, o autoconhecimento é o começo da liberdade.

Ora bem, para descobrir qualquer coisa, para compreender o que é a verdade, a realidade, Deus, precisamos de liberdade. A liberdade nunca pode vir através de uma crença; ao contrário, só há liberdade quando são devidamente compreendidas as influências condicionadoras da crença e do processo da memória. Quando tem essa compreensão de seu próprio processo, a mente fica então realmente tranqüila, espontâneamente silenciosa; e nesse silêncio, que não pode ser conseguido pela compulsão, encontra-se a liberdade. Só então temos a possibilidade de descobrir o que é real. Só pode, pois, haver liberdade, com a compreensão do "eu", de todo o processo do nosso pensar.

Tenho algumas perguntas para responder, e, ao examiná-las, permiti-me sugerir que tanto vós como eu procuremos descobrir a verdade contida em cada questão, sem ficarmos apenas à espera de uma resposta categórica, como "sim" ou "não". Cumpre penetrar profundamente em cada problema; e para isso, precisamos começar muito de perto e o seguir com atenção, sem dar saltos. E se pudermos empreender juntos a jornada e descobrir a verdade dêsses problemas, então nenhum especialista, nenhuma pressão da opinião pública, nenhum pensar imaturo, nada poderá obscurecer o que foi por nós descoberto.

Pergunta: Qual a minha responsabilidade na presente crise mundial?

Krishnamurti: Em primeiro lugar, está a crise mundial separada de vós? É a presente catástrofe mundial diferente do conflito de nossa existência cotidiana? Afinal de contas, êste mundo catastrófico é o resultado coletivo de nossas crenças separatistas, nossos estreitos patriotismos, nossos fanatismos religiosos, nossos antagonismos mesquinhos, nossas fronteiras econômicas. É o resultado de nossa concorrência diária, de nossa eficiência desapiedada, não é verdade?

Assim, a crise mundial é uma projeção de nós mesmos; não está separada de nós. E para conseguir uma transformação fundamental no mundo, precisamos, por certo, individualmente, libertar-nos, derrubando tôdas as limitações, barreiras e influências condicionadoras que estão causando êsse horror e confusão. Mas o nosso problema resulta de que não percebemos que somos responsáveis. Realmente, não percebemos que o nacionalismo divide os povos, que

as chamadas religiões, com seus dogmas, suas crenças, seus rituais, são influências separatistas. Embora preguem a unidade do homem, elas mesmas são um meio de incitar o homem contra o homem. Não percebemos a verdade disso, nem de que os nossos pensamentos, experiências e conhecimentos, que são todos limitados, constituem também um processo de separação; e onde há separação há também, evidentemente, a desintegração e por fim a guerra.

Nossa vida, pois, é na realidade um processo de desintegração, sem sombra da atividade criadora. Somos como discos de gramofone, a repetir certas experiências, certas frases feitas, a reproduzir conhecimentos adquiridos. Nesse repetir, fazemos muito barulho e pensamos estar vivendo; mas essa repetição mecânica é, sem dúvida, um processo de desintegração, o qual, projetado, se transforma em crise mundial, com a destruição final. Vemos, pois ,que a crise mundial é uma projeção de nossa existência de cada dia. O que nós somos modela o mundo que nos circunda. Por conseguinte, se temos verdadeiro interêsse, devemos compreender a importância de se produzir uma modificação fundamental naquilo que somos; porque só com a transformação de nós mesmos podemos pôr côbro aos horrores que estão acontecendo na hora atual. Mas, infelizmente, somos, pela maior parte, preguiçosos. Queremos que outros façam êsse trabalho para nós, que nos digam o que devemos fazer. Satisfazemo-nos com nosso pouco saber, com nossa pouca experiência, com os chavões dos jornais; e, pouco a pouco, consolidamo-nos em nossos estreitos hábitos, perdendo a vitalidade renovadora, a agilidade e a alerteza da mente.

Assim, o problema não consiste em descobrir a vossa responsabilidade na crise mundial, mas em ver que o que sois, o mundo é. Sem uma transformação fundamental de vós mesmos, as crises mundiais conti-

nuarão a multiplicar-se, tornando-se cada vez mais calamitosas. O problema, pois, consiste em saber como produzir uma transformação radical em nós mesmos; trataremos disso nas semanas vindouras, no decurso destas palestras. O problema não é fácil. Transformação não significa simples modificação, simples alteração de nossa atitude. Tal transformação seria superficial, nunca seria fundamental. Devemos, pois, pensar no problema de maneira inteiramente diferente, o que faremos durante as semanas vindouras.

Pergunta: O indivíduo é o instrumento da sociedade, ou a sociedade existe para o indivíduo?

Krishnamurti: Eis uma questão importante. Vamos aprofundá-la juntos, para descobrir a verdade nela contida, sem depender da opinião de qualquer autoridade ou especialista. As autoridades e os especialistas modificam as suas próprias opiniões conforme as conveniências, conforme as descobertas mais recentes, etc. Mas, se pudermos descobrir, por nós mesmos, a verdade contida na questão, não dependeremos de outros.

Pois bem; esta questão implica que o mundo está dividido, não é verdade? Há os que asseveram, com muita sapiência a par das próprias inclinações e idiossincrasias, que o indivíduo é o instrumento da sociedade — o que significa que o indivíduo não tem importância alguma. Há um enorme grupo de pessoas que sustentam isso e que, por conseguinte, aplicam tôdas as suas energias à reconstrução da sociedade. E há os que, com igual ênfase, acreditam que o indivíduo está acima da sociedade, que a sociedade existe para o indivíduo.

Pois bem; vós e eu temos de descobrir onde está a verdade a êsse respeito. Como iremos encon-

trá-la? Por certo não a encontraremos se nos deixarmos levar por esta ou aquela opinião, mas, sim, penetrando o problema de maneira muito profunda. Isto é, nosso problema não consiste em saber se a sociedade existe para o indivíduo, ou se o indivíduo existe para a sociedade, mas, sim, em descobrir o que é o indivíduo. Espero estar sendo claro. Há os que asseguram que o indivíduo não é importante, e que só a sociedade é importante; e há os que sustentam que o indivíduo está acima da sociedade. Mas, para descobrir a verdade a êsse respeito, precisamos naturalmente investigar o que é a individualidade.

Sois um indivíduo? Podeis pensar que sois um indivíduo, porque tendes vossa casa, vosso nome, vossa família, vossa conta no banco; tendes as experiências e as lembranças, particulares e coletivas, de uma pessoa separada. Mas isso constitui a individualidade? Porque, afinal de contas, vós estais condicionados pelo vosso ambiente, não é verdade? Sois americano, ou russo, ou hindu, com tudo o que isso implica; tendes uma determinada ideologia, da esquerda ou da direita, que vos foi imposta pela vossa sociedade. Sois educados por determinada maneira pela vossa sociedade. Vossas crenças religiosas são um resultado de vossa educação, de vossas influências ambientes. Credes em Deus, ou não credes em Deus, conforme o vosso condicionamento. Destarte, como entidade, vós sois o resultado de um condicionamento, social ou ambiente, não é verdade? Isto é, sois uma entidade condicionada; e uma entidade condicionada é um verdadeiro indivíduo? A individualidade é única, não é verdade? Do contrário, não é individualidade. E o que é único é criador, está acima de todo condicionamento, não é limitado e controlado pelo pensamento. Assim, pois, só pode

haver individualidade quando estamos livres de condicionamento; enquanto estiverdes condicionado como hindu, como budista, comunista, capitalista, russo, ou o que quer que seja, não pode haver individualidade.

Ora, à sociedade só interessa criar uma entidade eficiente para seus próprios fins, inclusive a guerra; não lhe interessa, òbviamente, produzir um indivíduo *único*, criador. O problema, pois, não é o de saber se o indivíduo é ou não é o instrumento da sociedade, mas, sim, se somos indivíduos; e para descobrir se somos indivíduos precisamos naturalmente estar cônscios de nosso condicionamento. Enquanto não estivermos livres de nosso condicionamento, não pode haver a criadora singularidade da individualidade. Só pode haver individualidade quando há liberdade de todo condicionamento, tanto da esquerda como da direita; e só essa liberdade produz aquela capacidade criadora que é *única*, individual.

Direis, porventura, que estou atribuindo um significado inteiramente diferente à palavra "indivíduo". Mas eu não acho que nós *somos* indivíduos. Somos? E ao reconhecer que não somos indivíduos, que apenas reagimos de acôrdo com o nosso condicionamento — se reconhecemos êsse fato, podemos passar além; mas se negamos o fato, então, naturalmente, não é possível ir adiante. E a maioria de nós negará o fato, porque gostamos do que somos. Gostamos do confôrto que encontramos no pequeno quintal do nosso pensamento — e para defendê-lo, estamos prontos a lutar. Mas, se pudermos compreender o nosso condicionamento e as reações dêsse condicionamento, que tão orgulhosamente chamamos individualidade, se pudermos estar cônscios de tudo isso, há então uma possibilidade de passarmos além e descobrirmos o que é a verdadeira criação.

Pergunta: Há muitos conceitos acêrca de Deus, no mundo de hoje. Qual é vosso pensamento com relação a Deus?

Krishnamurti: Em primeiro lugar precisamos compreender o que se entende por conceito. Que se entende por processo de pensamento? Porque, afinal de contas, quando formulamos um conceito, por exemplo, de Deus, nossa fórmula ou conceito deve ser o resultado de nosso condicionamento, não é verdade? Se acreditamos em Deus, nossa crença por certo é o resultado de nosso ambiente. Há os que são educados desde a infância para negar a Deus, assim como há os que são educados para acreditar em Deus — como o foi a maioria de vós. Assim, pois, formulamos um conceito acêrca de Deus, de acôrdo com nossa educação, de acôrdo com tudo o que aprendemos, de acôrdo com as nossas idiossincrasias, nossos gostos e aversões, nossas esperanças e temores. É bem evidente, pois, que enquanto não compreendermos o processo de nosso próprio pensar, os meros conceitos acêrca de Deus nenhum valor têm, não é verdade? Porque o pensamento pode projetar tudo o que quiser. Pode criar Deus e negar Deus. Cada um pode inventar ou destruir Deus, de acôrdo com suas inclinações, seus prazeres e suas dores. Por conseqüência, enquanto o pensamento estiver ativo, formulando, inventando, nunca poderá ser descoberto aquilo que está fora do tempo. Deus, ou a realidade, só pode ser descoberto quando cessa o pensamento.

Ora bem, ao perguntardes "Qual o vosso pensamento acêrca de Deus?", já formulastes o vosso *próprio* pensamento, não é verdade? O pensamento pode criar Deus, e *experimentar* isso que criou; mas, por certo, não é isso uma experiência verdadeira. O que o pensamento experimenta é só sua própria pro-

jeção, que, portanto, não é o real. Mas, se vós e eu pudermos perceber essa verdade, talvez então venhamos a experimentar algo muito mais grandioso do que uma mera projeção de pensamento.

Na época atual, de crescente insegurança exterior, existe naturalmente uma ânsia de segurança interior. Uma vez que não podemos encontrar a segurança no exterior, procuramo-la numa idéia, no pensamento; e criamos assim o que chamamos Deus, e êsse conceito se torna a nossa garantia. Ora, uma mente que busca a segurança não pode por certo encontrar o real, o verdadeiro. Para compreender o que está além do tempo, cumpre acabar com as elucubrações do pensamento. O pensamento não pode existir sem palavras, sem símbolos e imagens; e só quando a mente está tranqüila, livre de suas próprias criações, existe a possibilidade de descobrir-se o que é real. Assim, o mero indagar se há ou não há Deus, é uma imatura reação ao problema, não achais? E o formular opiniões a respeito de Deus é coisa verdadeiramente infantil.

Para *experimentar*, para perceber aquilo que está fora do tempo, precisamos evidentemente compreender o processo do tempo. A mente é o resultado do tempo, está baseada nas lembranças de ontem; e é possível ficarmos livres da multiplicação dos dias passados, que é o processo do tempo? Êsse problema, sem dúvida, é muito sério. Não se trata de crença ou descrença. Tanto o crer como o não crer são um processo de ignorância, ao passo que a compreensão da natureza temporal do pensamento proporciona a liberdade, o único estado em que é possível o descobrimento. Mas, os mais de nós *queremos* crer, porque é muito mais conveniente, porque nos dá um sentimento de segurança o pertencermos

a um grupo. Positivamente, essa mesma crença nos separa; porque vós credes uma coisa e eu creio outra. A crença, assim, atua como barreira, é uma processo de desintegração.

O importante, pois, não é o cultivo da crença ou da descrença, mas, sim, a compreensão do processo da mente. É a mente, é o pensamento que cria o tempo. O pensamento *é* tempo, e tudo o que o pensamento "projeta" tem de ser do tempo; por conseguinte, o pensamento não pode, de modo nenhum, ultrapassar a si mesmo. Para descobrir o que está além do tempo, é preciso que cesse o pensamento, e tal coisa é extremamente difícil; porque o cessar do pensamento não é possível por meio de disciplina, por meio de contrôle, pela negação ou repressão. O pensamento só cessa ao compreenderdes todo o processo do pensar; e para compreender o pensar, tem de haver autoconhecimento. O pensamento é o "eu", o pensamento é a palavra que se identifica como "eu"; e, em qualquer nível que seja, alto ou baixo, o "eu" está sempre dentro da esfera do pensamento. Para se achar Deus, aquilo que está fora do tempo, precisamos compreender o processo do pensamento, isto é, o processo de nós mesmos. O "eu" é sobremodo complexo; êle não se acha num dado nível, mas é constituído de muitos pensamentos, de muitas entidades, cada uma em contradição com as outras. Necessita-se de um percebimento constante de tôdas essas entidades — um percebimento no qual não haja escolha, nem condenação, nem comparação; isto é, necessita-se de capacidade para ver as coisas tais como são, sem as desfigurar nem interpretar. No momento em que julgamos ou traduzimos o que vemos, nós o desfiguramos de acôrdo com o nosso condicionamento. Para se descobrir a realidade, ou Deus, não deve haver crença, porque a aceitação ou rejeição são obstáculos ao descobrimento. Todos de-

sejamos estar em segurança, tanto externa como internamente; e a mente deve compreender que a procura de segurança é uma ilusão. Só a mente que está insegura, completamente livre de posses, de qualquer espécie, só essa mente pode descobrir — e isso é dificílimo. Não significa, entretanto, que devamos retirar-nos para a floresta, ou para um mosteiro, ou que devamos isolar-nos numa determinada crença; pelo contrário, nada pode existir no isolamento. Ser é estar em relação; e só em meio a nossas relações podemos espontâneamente descobrir a nós mesmos, assim como somos. É êsse descobrimento de nós mesmos, tais como somos, sem nenhuma tendência para a condenação ou a justificação, que produz uma transformação fundamental naquilo que somos; e êsse é o comêço da sabedoria.

16 de julho de 1950.

SEGUNDA PALESTRA EM SEATTLE

Para a maioria de nós, a vida é uma luta contínua, uma batalha incessante, dentro em nós, e por isso também exteriormente. Essa batalha, êsse conflito, parece interminável; e a dificuldade da maioria de nós se deve a que estamos sempre tentando moldar as nossas vidas de acôrdo com certos padrões, princípios ou ideais. Ora, a cessação do conflito não resulta de um processo de conformidade, quer ao presente, quer ao futuro, mas, sim, da compreensão dos fatos, dos acontecimentos de nossa vida diária, ao surgirem, momento por momento; e seremos sempre incapazes da plena compreensão dos fatos, enquanto estivermos apegados a um determinado ponto de vista, opinião, experiência, ou idéia.

A vida é relação; e nas relações a maioria de nós busca o isolamento. Se observarmos com atenção, veremos que o nosso próprio pensar e agir nos enclausuram, e a êsse processo de auto-reclusão chamamos experiência. As relações não são apenas com as pessoas, mas também com idéias e coisas; e, enquanto não compreendermos êsse processo de auto-reclusão, estamos fadados ao conflito, pois haverá conflito enquanto houver isolamento.

O isolamento reveste-se de muitas formas, e extraordinárias. Há o isolamento pela memória, tanto pessoal como coletiva; há o isolamento pela crença; e há o isolamento pelas experiências que o indivíduo acumulou e às quais a mente se apega. Todo êsse processo de isolamento, de separação, é, sem dúvida,

um fator de desintegração em nossas vidas — e é isso, exatamente, o que está sucedendo no mundo. Interiormente, como indivíduos, e exteriormente, como grupos nacionalistas e religiosos, estamos a procurar o isolamento e a nos fecharmos em ideais, crenças, dogmas e opiniões; e enquanto continuar êsse processo de isolamento tem de haver conflito. O conflito nunca pode ser dominado, pois o que se pode dominar tem de ser dominado repetidamente. Só cessa o conflito pela compreensão do processo das relações. Não podemos viver no isolamento, porque a vida é relação. Ser é estar em relação; e sem compreender a vida de relação é claro que tem de haver conflito. Nosso problema, pois, é o de compreendermos a vida de relação — nossas relações com as pessoas, com a propriedade, e com as idéias.

A compreensão depende da experiência? Que se entende por experiência? A experiência é uma reação, é resposta a um estímulo, não achais? Se a resposta não é adequada, temos conflito; e nunca pode ser adequada a resposta, enquanto não compreendermos a vida de relação. Para compreender a vida de relação, precisamos compreender tôda a base e todo o processo do nosso pensar. O pensamento, a estrutura total do nosso pensar, está baseada no passado; e enquanto não compreendermos essa base, a vida de relação permanecerá inevitàvelmente um processo de conflito.

Compreender o pensamento, que é o processo do "eu", em qualquer nível que o coloquemos, é muito difícil; porque o pensamento não tem solução de continuidade. Tal é a razão por que para seguir os movimentos, as reações do pensamento, que é o "eu", precisa a mente ser extraordinàriamente sutil, ágil e adaptável. O "eu" é evidentemente constituído das qualidades, tendências, preconceitos, idios-

sincrasias da mente; e sem se compreender tôda essa estrutura do pensar, o mero resolver dos problemas externos da vida de relação é tarefa inteiramente fútil.

A compreensão, pois, não depende do processo do pensamento. O pensamento nunca é novo, mas a vida de relação é sempre nova; e a ela, a essa coisa vital, real e sempre nova, quer o pensamento aplicar-se com o seu cabedal de conhecimentos e experiências do passado. Isto é, o pensamento procura compreender a vida de relação, em conformidade com as lembranças, os padrões, o condicionamento do passado, e daí o conflito. Antes de podermos compreender a vida de relação, precisamos compreender os antecedentes do ser pensante, o que significa estar cônscios de todo o processo do pensamento, sem escolha; isto é, precisamos ser capazes de ver as coisas como são, sem as interpretar de acôrdo com as nossas lembranças, nossas idéias preconcebidas, produtos de nosso velho condicionamento.

Para compreendermos o conflito, precisamos compreender a vida de relação; e a compreensão da vida de relação não depende da memória, do hábito, não depende do que foi ou do que deveria ser. Depende da percepção sem escolha, momento por momento; e se aprofundarmos essa percepção, veremos que nela não há processo acumulativo. Logo que há acumulação, firma-se um ponto, do qual examinamos, e êsse ponto é condicionado; e, conseqüentemente, quando consideramos a vida de relação de um ponto fixo, tem de haver sofrimento, tem de haver conflito.

A vida, pois, é um processo de constantes relações com idéias, pessoas, coisas; e enquanto tivermos um ponto fixo ou centro de reconhecimento, que é a consciência do "eu", haverá conflito. Do centro de

reconhecimento, êsse princípio acumulativo do "eu", examinamos tôdas as nossas relações, e por isso tem de haver isolamento constante; e é êsse isolamento, êsse desejo de estar separado, que gera o conflito e a luta.

Assim, o nosso problema na vida, no viver, consiste em compreender êsse desejo de estar separado. Nada pode viver no isolamento; mas todos os nossos esforços motivados pelo desejo têm de ser, afinal, exclusivos, separatistas. Por conseguinte, o desejo é o processo da desintegração; e o desejo se expressa por muitas maneiras, sutis e grosseiras, conscientes e inconscientes. Mas se pudermos ter consciência do desejo — não mediante disciplina, mas estarmos cônscios dêle, sem escolha, momento por momento — veremos então que se manifesta uma pronta espontaneidade de descobrimento daquilo que é verdadeiro; e é a verdade que dá a liberdade, e não todos os nossos esforços para sermos livres.

A verdade não é acumulativa; deve ser percebida e compreendida momento por momento. A pessoa que acumula, seja conhecimentos, seja posses ou idéias, e que está prêsa ao processo de auto-reclusão, nas suas relações, é incapaz de ver a verdade. O homem de saber nunca pode conhecer a verdade, porquanto o processo de adquirir conhecimento é acumulativo, e a mente que acumula está prêsa ao tempo e por conseguinte não pode conhecer o atemporal.

Ora, como poderemos compreender o processo do "eu"? Sem se compreender êsse processo, não temos base para a ação, para o pensamento. Para compreender o "eu" precisamos compreender a vida de relação; porque é no espelho da vida de relação que se perecebe o "eu". Mas o "eu" só pode ser percebido distintamente, tal como é, quando não há condenação nem comparação; isto é, quando somos ca-

pazes de observação, de passividade vigilante, na qual cessou tôda a escolha. Enquanto a mente está a acumular não é livre; mas quando ela é capaz de perceber sem escolha aquilo que *é*, então essa mesma percepção é a sua liberdade. Só quando a mente está livre é capaz de descoberta; e nessa liberdade dá-se a cessação do conflito e do sofrimento.

Tenho várias perguntas para responder, e ao fazê-lo, examinemos cada problema e a verdade nêle contida, juntamente. Para isso, precisa a mente ser ágil, dúctil, ativamente vigilante. Nenhum problema tem solução, e se buscamos uma solução, ela nos levará para longe do problema; mas se compreendemos o problema, êle desaparece. Enquanto buscamos solução para qualquer problema, o problema persiste, já que o desejo de encontrar solução impede a sua compreensão. Assim, pois, a maneira como nos aplicamos ao problema é òbviamente importante, não achais? O homem que está em busca de solução para um problema, está todo concentrado na descoberta dessa solução e, portanto, não pode olhar o problema diretamente. Mas se pudermos olhar o problema sem o desejo de encontrar solução, veremos o problema resolver-se prontamente, visto que nos revela então todo o seu conteúdo. Assim, pois, permiti-me sugerir que examinemos por essa maneira as questões de que vamos tratar.

Pergunta: Que sistema daria ao homem o máximo de segurança física?

Krishnamurti: Nesta pergunta há várias coisas, não é verdade? Que entendemos por sistema? E que entendemos por segurança física? Por sistema entendemos uma ideologia, da esquerda ou da direita, não é certo? E pode uma ideologia garantir-nos a segurança física? Pode um sistema,

uma idéia, uma doutrina, por mais promissora que seja, por mais engenhosa e sutilmente concebida, por mais erudita, dar-nos a segurança? Uma estrutura política, edificada em tôrno de idéias, do saber e da experiência — eis o que entendemos por sistema, não é verdade? Uma ideologia em oposição a outras ideologias; e pode isso jamais trazer-nos a segurança física?

Que se entende por "idéia"? A idéia é um processo de pensamento, não é verdade? Uma pessoa pensa, e a idéia é meramente o resultado do saber e da experiência acumulados; e recorremos à idéia, como um meio de segurança física. Isto é, expressando-o de maneira diferente, há muitos problemas: a fome, a guerra, o desemprêgo, o excesso de população, a erosão do solo, etc. Consideremos a fome — embora não seja neste país o mesmo problema que no Oriente. Dois sistemas antagônicos, a esquerda e a direita, procuram resolvê-lo. Quer dizer que nos aplicamos ao problema da fome com uma idéia, com uma fórmula — e depois lutamos em prol dessa fórmula. Por essa maneira, a fórmula, o sistema, se torna mais importante do que o problema da fome. O problema é a fome, e não qual seja a idéia ou a fórmula que convém usar. Todavia, temos mais interêsse na idéia do que no problema da fome; e assim nos agrupamos uns contra os outros, em conformidade com nossas idéias, lutamos por impô-las e liquidamo-nos mùtuamente; e a fome continua.

O que importa, pois, é que tenhamos a capacidade de enfrentar o problema, atacá-lo diretamente, e não que fiquemos na dependência de um sistema; e compreendendo o problema, nós o resolveremos naturalmente. Isso é bem diferente de aplicar-nos ao problema com uma fórmula, não é verdade? Afinal de contas, há suficientes conhecimentos científicos para se resolver o problema da fome. Porque

não se resolve? Por causa do nosso nacionalismo, da nossa política de fôrça, e de outros absurdos sem conta de que tanto nos orgulhamos. Trata-se, portanto, de um problema psicológico e não apenas de um problema econômico. Nenhum especialista pode resolvê-lo, porque o especialista o considera do ponto de vista de sua especialidade, de acôrdo com a sua fórmula. Eis a razão por que importa compreender-se todo o processo do nosso pensar.

Ora, pode-se ter a segurança física, enquanto estivermos a procurar a segurança psicológica? Êste é outro problema, também compreendido na pergunta apresentada. Já vimos o que acontece quando recorremos a um sistema, em busca de segurança física; e agora estamos procurando descobrir o que se entende por segurança física, e se esta independe da segurança psicológica. Fica-nos garantida a segurança física, quando procuramos a segurança psicológica? Isto é, se usamos a propriedade como meio de segurança psicológica, não estamos criando insegurança física? A propriedade se torna extraordinàriamente importante para nós, porque, psicològicamente, somos fracos; ela nos dá fôrça, posição, prestígio, e, assim, nós levantamos uma cêrca ao redor dela e a chamamos "o meu". Para protegê-la criamos uma fôrça policial, um exército, e resulta daí o nacionalismo e a guerra. Assim, pois, no próprio desejo de segurança psicológica produzimos a insegurança física. Por conseqüência, a segurança física depende inteiramente de se estamos ou não procurando a segurança psicológica. Se não buscamos a segurança psicológica, sob qualquer forma, então, evidentemente, temos uma possibilidade de conseguir a segurança física.

A segurança física, por conseguinte, depende da compreensão de nosso próprio processo psicológico, de tôda a estrutura de nosso ser interior; e

enquanto não compreendermos a nós mesmos, nenhum sistema poderá dar-nos segurança física. Uma revolução baseada em idéia nunca é revolução, não podendo, pois, dar-nos a segurança física, já que não passa de uma continuação modificada do que *é*. Revolução, transformação, não são resultado do pensar; só podem tornar-se realidades depois de cessar o pensamento. Nossa dificuldade está em que de tal modo estamos presos a promessas utópicas, que somos capazes de sacrificar o presente ao futuro; e no próprio sacrificar do presente está a destruição do futuro. Só ao compreendermos o fato do que *é*, sem o interpretarmos de acôrdo com uma ideologia, temos a possibilidade da segurança física, que é tão essencial.

Pergunta: Procuro Deus, a verdade, a compreensão. Como devo proceder para achá-los?

Krishnamurti: Não procureis, porquanto o que procurais é, sem dúvida, vossa própria projeção. Quando dizeis "procuro Deus, a verdade, a compreensão" — já tendes uma idéia do que seja a verdade, ou Deus, e estais a persegui-la; achareis o que procurais, mas não será Deus. Será apenas a imagem da vossa idéia. Só o homem que não procura achará a realidade — o que não significa que devamos tornar-nos apáticos, indolentes, inertes. Pelo contrário, o não procurar é extremamente difícil; requer muita compreensão, profunda inteligência. Quando a mente está a procurar, está "projetando", manufaturando, fabricando; e é só quando a mente está tranqüila — sem ter sido *disciplinada* para ficar tranqüila, mas, sim, quando está espontâneamente tranqüila — é só então que há a possibilidade de manifestar-se a verdade. O homem que luta e tenta procurar está prêso no processo do conflito, não

achais? Porque está continuamente a procurar, a investigar, a sua mente está agitada, nunca está tranqüila; e como pode estar tranqüila? Uma mente em tais condições deseja um resultado, está à procura de um fim, um alvo, o que significa que aspira ao bom êxito, embora não o chame por êsse nome; chama-o a busca de Deus, da verdade, da compreensão. Mas a intenção, a base dessa procura, é o desejo de ter bom êxito, o desejo de estar certo, o desejo de estar seguro, de evitar todo conflito, de alcançar um lugar onde não haja perturbações. Quando essa mente diz "Estou procurando", o que deseja é ser permanentemente enclausurada na segurança de um ideal, que é sua própria projeção.

Nessas condições, o homem que procura nunca achará; mas, se pudermos compreender o processo de nossa busca, tôda a estrutura psicológica de nosso desejo de achar, de chegar, de lograr bom êxito, estrutura essa muito complexa, veremos então que, quando desistimos de procurar, achamos o comêço da verdade, o comêço da compreensão. Mas não pode haver compreensão enquanto a mente estiver interessada em aquisições.

É da própria natureza da mente — não é verdade? — o adquirir, o ganhar, o vir a ser; e no adquirir, no vir a ser, há sempre agitação, conflito. Vendo-se em conflito, a mente procura a verdade ou Deus, e essa busca é um mero evitar, um mero fugir do conflito. Fuga é sempre fuga, seja para a embriaguez, seja para Deus. Assim sendo, uma mente que procura, nunca poderá achar; mas, quando a mente começa a compreender o seu próprio processo, fica então quieta, contente. Êsse contentamento não é o resultado do adquirir ou do vir a ser algo, não é o contentamento da satisfação, do alcançar uma posição. O contentamento isento de posse só pode vir com a compreensão do que *é*; mas, para compre-

ender o que *é*, requer-se diligência, um percebimento sem rejeição nem aceitação. Só quando a mente já não luta, não adquire, não se apossa, só então pode ela estar tranqüila, e só então há compreensão.

Pergunta: A meu ver, a disciplina é necessária para a vida justa; mas dizeis que a disciplina é um empecilho à vida justa? Explicai-vos.

Krishnamurti: Temos por certo que a disciplina é essencial para a vida justa. Mas será verdade? Que significa para nós "disciplina"? Por disciplina entendemos conformidade com um sistema, com um ideal, não é assim? Temos mêdo de ser o que somos, e por isso nos disciplinamos para ser outra coisa — o que constitui um processo de resistência, de repressão, de sublimação, de substituição. Ora, a conformidade, a resistência, a repressão, conduzirão à vida justa? Sois justo quando resistis? Sois nobre quando tendes mêdo de ver o que sois e o evitais? Sois virtuoso com o conformar-vos? O homem que se fechou na disciplina, êsse homem está vivendo uma vida nobre? Êle por certo está apenas resistindo a algo de que tem mêdo, está-se conformando com um padrão que lhe garantirá a segurança. Isso é virtude? Ou a virtude é algo que está além do temor, além da conformidade e da resistência?

É fácil resistir, apenas, a alguma coisa, não é? É fácil condescender, conformar-se, imitar; mas pode uma mente em tais condições ser nobre? Afinal de contas, a virtude é liberdade, não é? A disciplina é um processo de nos tornarmos virtuosos; e, por certo, uma mente que *se está tornando* virtuosa não *é virtuosa*. Virtude é liberdade, e a liberdade se obtém explorando e compreendendo inteiramente o processo da resistência, do ajustamento aos padrões

sociais, êsse processo no qual a mente se move do conhecido para o conhecido e por isso nunca se acha em estado de insegurança. Assim, pois, se pudermos compreender a psicologia da resistência, da conformidade, da repressão, de todo êssse processo de vir a ser algo que chamamos virtuoso — se pudermos compreender tudo isso, só então haverá uma vida justa. Uma vida justa é uma vida livre, uma vida de compreensão, e não uma vida de resistência, de luta, e de conformação. Para sermos livres, cumpre-nos compreender o processo de nosso próprio condicionamento, pelo qual fomos educados para resistir ou para conformar-nos.

Vemos, portanto, que uma mente disciplinada nunca será livre. Uma mente que está disciplinada no princípio, não será livre no fim; porque o princípio é o fim. O fim e o princípio não são dois estados separados, são um processo contínuo; e se dizeis "Serei livre pela disciplina" — estais negando a liberdade, logo de saída. Mas, se já no comêço penetrardes profundamente e compreenderdes o processo da disciplina, do contrôle, da moldagem, da conformação, da resistência, vereis então que a liberdade existe agora, e não no futuro.

Ora bem, a sociedade faz uso da disciplina para seus próprios fins. Um partido político deseja ter membros disciplinados, para uma ação concertada; mas essa ação nunca é livre, e por isso cria resistência, o oposto, o outro partido; e ficam, asssim, os dois partidos em conflito entre si. Mas, se pudermos compreender o processo que cria um partido, seja êle da esquerda ou da direita, o processo de disciplina resultante de nosso condicionamento — se o pudermos compreender em sua inteireza, veremos então que a vida justa não é efeito da disciplina,

mas, sim, da compreensão do nosso desejo de conformar, de resistir, de reprimir, de imitar; e essa compreensão é virtude.

P e r g u n t a : *Dissestes numa de vossas palestras que o processo do pensamento precisa cessar, para que a realidade surja. Como podemos conhecer o que quer que seja, se cessar o pensamento?*

K r i s h n a m u r t i : Primeiro, vamos examinar o que se entende por pensar, e o que se entende por experimentar, isto é, reconhecer. Como diz o interrogante, se o pensamento cessa, como pode êle reconhecer uma coisa qualquer? Ora, que entendemos por pensar? Não espereis minha resposta — estamos explorando juntos. Quando dizemos "estou pensando", que entendemos com isso? Quando vos faço esta pergunta, vós respondeis — não é verdade? — não importando, por ora, se respondeis correta ou incorretamente. O pensamento, pois, é um processo de reação a um estímulo. O desafio é sempre novo, mas a reação é sempre velha; assim sendo, o pensamento é reação da memória, não é verdade? Eu vos pergunto se acreditais em Deus, e vossa resposta imediata é de acôrdo com vossa memória ou condicionamento. Vós ou credes ou não credes. Assim, o pensamento é o processo, a reação da memória, que é hábito. Isto é, a memória é o resultado da experiência, e a experiência é conhecimento; e de acôrdo com vossa memória, vossa experiência, vossos conhecimentos, vós respondeis a qualquer estímulo. O estímulo é novo, e vossa reação é modificada de acôrdo com a novidade, a vitalidade do estímulo; mas é sempre a reação do que está acumulado em vós, não é verdade?

O pensar, portanto, é a reação do cabedal acumulado, do passado, da experiência; é a reação

da memória, em níveis diferentes, tanto a individual como a coletiva, tanto a pessoal como a racial, tanto a consciente como a inconsciente. Tudo isso constitui o processo de nosso pensar. Por conseguinte, o nosso pensar nunca pode ser novo. Não pode haver idéia nova, porque o pensamento nunca pode renovar-se; o pensamento nunca pode ser novo, porque é sempre a reação do cabedal acumulado — que é o nosso condicionamento, nossas tradições, nossas experiências, nossas acumulações, coletivas e pessoais. Assim, pois, é de todo fútil considerarmos o pensamento como um meio de descobrir o novo. O pensamento só pode descobrir a sua própria projeção, não pode descobrir nada novo; o pensamento só pode reconhecer aquilo que já experimentou, não pode reconhecer o que nunca experimentou.

O pensamento é o processo do reconhecimento. O pensamento existe por efeito da verbalização, dos símbolos, das imagens, das palavras, pois noutras condições não há pensamento; por conseguinte, o pensamento nunca pode ser novo, nunca pode ser criador. Quando dizeis que estais experimentando alguma coisa, o vosso experimentar significa reconhecer, não é verdade? Se não reconheceis, não sabeis que estais experimentando. Ora, pode o pensamento experimentar o novo? Claro que não; porque o pensamento só pode reconhecer o que é velho, aquilo que conheceu antes, aquilo que experimentou anteriormente. O novo nunca pode ser experimentado pelo pensamento, porque o pensamento é a reação do velho.

Isso não tem nada de metafísico, nem de complicado, nem de abstrato. Se o olhardes um pouco mais atentamente, vereis que, enquanto o "eu" — a entidade que se compõe de tôdas essas lembranças — está experimentando, nunca pode dar-se o descobrimento do novo. O pensamento, que é o "eu",

nunca pode experimentar Deus, porque Deus, ou a realidade, é o desconhecido, o inimaginável, o não formulado; não há rótulo, não há palavra para designá-lo. A palavra "Deus" não é Deus. Assim, o pensamento nunca pode experimentar o novo, o incognoscível; só pode experimentar o conhecido; porque a mente só pode funcionar dentro da esfera do conhecido, não pode funcionar fora dela. No momento em que há um pensamento a respeito do desconhecido, a mente está agitada; está ela sempre procurando trazer o desconhecido para o conhecido. Mas o desconhecido não pode ser pôsto dentro do conhecido, e daí o conflito entre o conhecido e o desconhecido.

Só quando cessa o pensamento, é que pode surgir o desconhecido; e não existe mais um "eu" a experimentar o desconhecido. O "eu" nunca pode experimentar o desconhecido, a realidade, Deus, ou como quiserdes chamá-lo. O "eu", a mente, é o feixe de coisas conhecidas, que é a memória; e a memória só pode reconhecer suas próprias projeções, não pode reconhecer o desconhecido. É por isso que se torna necessário que o pensamento cesse.

O pensamento, como "eu", tem de cessar, para experimentar; não deve haver nenhum sentimento, nenhuma certeza de que "eu experimentei". Quando o pensamento, que é a reação da memória, termina, e a mente não mais está funcionando dentro da esfera do conhecido, só então é possível manifestar-se o desconhecido.

Não é possível o experimentar do desconhecido porque, ao experimentardes o desconhecido, estais apenas experimentando o conhecido como uma sensação nova. O desconhecido não pode ser reconhecido. O desconhecido é. Mas, nesse estado, a mente se rebela, porque só pode funcionar dentro da esfera do conhecido.

Eis a razão por que, para a realidade manifestar-se, precisais compreender todo o processo do pensar, o processo do "eu". O pensamento nunca pode descobrir ou alcançar o desconhecido, o real; mas, quando a mente está serena, totalmente silenciosa — quando não foi *posta* em silêncio, por meio de exercício, de disciplina, de contrôle ou meditação — então, nessa tranqüilidade, está presente a realidade que nunca pode ser experimentada pela mente; porque a realidade está além de tôdas as projeções do "eu".

23 de julho de 1950.

TERCEIRA PALESTRA EM SEATTLE

Devíamos, a meu ver, ser capazes de discernir a diferença entre necessidade e desejo. O desejo nunca pode ser "integrado", porque cria sempre contradição, cria sempre o seu oposto, ao passo que, se pudermos compreender a necessidade, veremos que nela não há contradição. E, por certo, importa estarmos cônscios dêsse problema do desejo, que cria contradição em cada um de nós; porque o desejo nunca pode realizar a integração, e é só no estado de integração, no estado de inteireza, que há possibilidade de se transcenderem as contradições criadas na mente pelo desejo. Afinal de contas, o desejo é sensação, é a base do pensamento, da mente. A sensação é a base do nosso pensar; e enquanto não compreendermos o processo do desejo, criaremos, inevitàvelmente, em nossa vida, o conflito da contradição.

Assim, a compreensão do desejo é essencial, e essa compreensão não vem com a simples transferência do desejo de um nível para outro. O desejo, em qualquer nível que esteja, por mais alto que o coloquemos, é inevitàvelmente contraditório e, portanto, destrutivo. Mas, se pudermos compreender a necessidade, veremos então que o desejo prende, não nos traz a liberdade; e discernir o que é necessário é muito difícil, porque o desejo constantemente interfere em nossas necessidades. Quando compreendemos a necessidade, não há contradição; mas, para compreender a necessidade, precisamos compreender

o desejo. E o nosso problema consiste — não é verdade? — em que existe uma batalha constante entre a necessidade e o desejo. Pensamos que estamos fazendo progresso quando passamos de um desejo para o que chamamos um desejo superior; mas o desejo, seja superior ou inferior, é sempre contradição, sempre uma fonte de conflitos e sofrimentos.

Se pudermos ver o efeito que tem em nossa vida de cada dia o processo do desejo, compreenderemos então a extraordinária importância da necessidade. A necessidade não é uma questão de escolha, não é verdade? Quando podemos compreender o que é necessário, não há contradição, não há batalha alguma, nem interior, nem exterior. Mas, para compreender a necessidade, não nos cumpre examinar o processo da mente, que *escolhe* o que é necessário? No momento em que entra em jôgo a escolha, isso não obsta à compreensão da necessidade? Quando escolhemos, descobrimos o que é necessário? A escolha é sempre baseada no nosso condicionamento, não é verdade? — e êsse condicionamento é o produto de desejos contraditórios. Assim, se escolhemos o que é necessário, estamos condenados a criar conflito e a produzir confusão. Não há pensamento sem sensação; o pensamento é produto da sensação, está fundado na sensação. E, se pudermos compreender a natureza da sensação, a natureza do pensamento, e se não *escolhermos* o que é necessário, veremos que a necessidade é uma questão simples; e nessa compreensão não há conflito, não há contradição.

Onde há desejo, há conflito e contradição; e, quer estejamos ou não cônscios disso, a contradição invariàvelmente acarreta sofrimento. Assim, pois, o desejo é sofrimento, quer desejemos coisas triviais, quer desejemos grandes coisas. O desejo, inevitàvelmente, traz em seu rastro os seus próprios opostos, e por isso importa — não é verdade? — compreender-se,

no seu todo, o processo do pensamento, que é o "eu" e "o meu". A compreensão do desejo é o caminho do autoconhecimento. Sem a compreensão do "eu" não há possibilidade de compreender o que é essencial, o que é necessário na vida. O autoconhecimento só vem com a compreensão da vida de relação, que é o comêço da sabedoria. A sabedoria não pode ser comprada, não pode ser colhida, ela surge momento por momento, na vida de relação, quando a mente está vigilante, clara, e observando, sem escolha.

Se desejamos compreender a contradição em que vive a maioria de nós, torna-se necessário o autoconhecimento, que é a compreensão do desejo; e sem se compreender todo o processo do desejo, a simples satisfação de um determinado desejo não resolve o problema. O que resolve o problema é compreender a natureza da contradição, que é desejo. O desejo nunca pode ser vencido; mas, ao percebermos a verdade de que o desejo cria sempre o seu próprio oposto e, por conseguinte, é uma contradição, acaba-se então o desejo; e só aí nos é possível contentarnos com a necessidade.

Ao considerarmos as questões de que vamos agora tratar, muito importa a maneira como nos aplicarmos a elas. Se nos abeiramos de um problema com um preconceito, com uma conclusão, uma opinião, é claro que não podemos compreender êsse problema. Como já disse, todo problema é sempre novo; e uma mente que se aproxima de um problema com uma conclusão, com conhecimentos acumulados, não o pode compreender. A mente só compreende um problema quando a êle se aplica por maneira nova. Se possível, examinemos, nesta manhã, cada questão diretamente e vejamos a verdade que encerra; porque é o descobrimento da verdade encerrada no problema que dêle nos liberta.

P e r g u n t a : Quantos séculos serão precisos para os poucos que compreendem produzirem uma transformação fundamental no mundo?

K r i s h n a m u r t i : Importa verificar-se — não é verdade? — de que ponto de vista foi formulada a pergunta. Se dizemos que levará muitos séculos a produzir-se uma transformação fundamental, porque são muito poucos os que realmente desejam transformar a si mesmos, é evidente que o que nos preocupa é o problema do tempo. Isto é, desejamos uma transformação imediata, porque vemos pelo mundo tanta confusão, tanta miséria, conflito, fome, problemas econômicos e guerras; assistimos a essa incessante aflição, e ficamos impacientes, queremos uma transformação dentro de um determinado período de tempo. Dizemos: "A transformação de uns poucos indivíduos não produzirá uma rápida e fundamental transformação na estrutura da sociedade. Por conseguinte, a transformação dos poucos não é de muita importância. Embora seja ela necessária, deve haver uma maneira mais rápida de se produzir uma revolução fundamental".

Ora, existe uma maneira rápida e imediata de transformar o homem? E se promovermos uma modificação imediata, será ela duradoura? O mundo não pode ser modificado imediatamente. Nem a revolução pode produzir uma modificação imediata e universal; milhões de pessoas não podem ser alimentadas da noite para o dia. Mas releva — não é verdade? — verificar se vós e eu podemos mudar, se podemos operar em nós mesmos uma transformação fundamental, independentemente de seu aspecto utilitário. E o descobrimento e a compreensão da verdade é útil? A verdade tem alguma serventia? É

utilitária? É isso, na realidade, o que esta pergunta implica: se a verdade é útil. A verdade não tem utilidade alguma. Ela não pode ser utilizada. Ela *é*. No momento em que nos abeiramos da verdade com o desejo de fazer uso dela no mundo da ação, nós a destruímos. Mas, se pudermos perceber a verdade, se a deixarmos operar, sem o desejo de usá-la, ela opera uma transformação fundamental no nosso pensar, nas nossas relações. Assim, pois, enquanto considerarmos a verdade como uma coisa de uso, como um meio de transformar a sociedade ou a nós mesmos, ela se torna apenas um instrumento, e já não é um fim em si mesma, sem função causal. Mas a verdade é um fim em si mesma, sem nenhuma finalidade utilitária; isto é, se a deixamos operar dentro de nós, e sem nenhuma interferência da mente, então, despercebidamente, inconscientemente, tem ela um efeito de grande alcance.

O que importa não é saber se êsses poucos podem produzir uma transformação radical — muito embora as transformações fundamentais sejam em geral produzidas pelos poucos — o que importa é averiguar se estamos de fato empenhados a sério em descobrir êsse extraordinário fator libertador a que chamamos verdade ou Deus, independentemente do valor social ou outro valor qualquer que possa ter. Porque a mente está sempre à procura de valores, não é verdade? E se ela busca a verdade, como um "valor", êsse valor é então reconhecível; mas a verdade não é reconhecível, não tem um "valor" para a mente. A mente não a pode usar. Mas, se a mente está tranqüila, a verdade há de operar; e essa operação é ampla, ilimitada, e nela reside a liberdade e a felicidade.

P e r g u n t a : As religiões aconselham a prece e, durante séculos, o homem tem sempre en-

contrado consolação nela. Êsse esfôrço organizado, através dos séculos, representa por certo uma fôrça significativa e vital. Negais a sua importância?

Krishnamurti: Qual é a função da prece? A prece tem alguma significação? E que entendemos por prece? Examinemos êste assunto sem nenhuma inclinação ou preconceito. Evidentemente, através dos séculos, o homem tem rezado; e isso deve dar resultados, deve de alguma maneira proporcionar-lhe consôlo, satisfação, uma resposta a seus pedidos, pois, do contrário, êle não continuaria a rezar. Ora, quando é que oramos? Nós oramos quando estamos em dificuldade, não é assim? Rezamos quando nos achamos num estado de incerteza, de contradição, isto é, quando somos infelizes. Não rezamos quando somos felizes, quando vemos as coisas em tôda a claridade, de maneira simples e direta, mas sòmente quando estamos em confusão. Assim, pois, a prece é uma forma de petição, de súplica, não é verdade? E, quando pedimos, recebemos; e recebemos de acôrdo com o pedido. Quando oramos, por certo, o que pedimos é sempre satisfação, de uma ou outra forma. Um pede luz ou orientação, outro pede alívio do sofrimento, e assim por diante. Mas o desejo, a intenção, é sempre de paz, de satisfação. Uma mente que está procurando a satisfação, em qualquer nível que seja, alto ou baixo, não deixará de ser satisfeita, não é verdade? É por isso que, quando estamos confusos, quando estamos no sofrimento, quando estamos na incerteza, recorremos à oração. Pela prece esperamos receber certeza, confôrto, a solução correta para o nosso problema. Entendei que não sou nem a favor nem contra a oração. Nós esta-

mos examinando o problema. Julgo que há uma coisa muito mais valiosa do que a oração; e essa coisa só podemos descobrir se compreendermos a natureza da oração, todo êsse problema da súplica.

Que acontece quando oramos? Estou certo de que muitos de nós já rezamos. Qual é a natureza da oração? Assumimos uma determinada postura, repetimos certas palavras ou frases e, gradualmente, pela repetição, a mente se torna tranqüila. A mente é posta tranqüila pela repetição de certas frases, e nessa tranqüilidade recebeis uma solução para o vosso problema. Mas a solução é invariàvelmente agradável, pois do contrário não a aceitaríeis; ainda que a solução seja dolorosa, todavia, na própria aceitação dessa resposta dolorosa há prazer. Isto é, pela repetição constante de certas frases, ou pela prolongada pausa em certas idéias, a mente é posta tranqüila; e, quando a mente está tranqüila, é capaz de receber uma resposta. Mas a resposta depende do pedinte, e a resposta que êle obtém procede da acumulação concentrada de inúmeros desejos, de ânsias conscientes e inconscientes, e do esfôrço coletivo de muitas pessoas, através de muitos séculos. Podeis tirar a prova disso, por vós mesmos. Quando conscientemente pedis alguma coisa, na prece, dá-se uma reação inconsciente; e essa resposta procede do esfôrço acumulado e concentrado, de séculos, modificado de acôrdo com o especial condicionamento do pedinte. Mas a prece não ajuda definitivamente o indivíduo a compreender a si mesmo; e é só no compreendermos a nós mesmos, fundamentalmente, como um processo total, que temos a possibilidade de ultrapassar o estado de pedir, de procurar, de lutar por alcançar um resultado. Como já disse, há uma coisa muito mais importante do que a prece: a meditação; e trataremos dela noutra ocasião.

Ora, cumpre compreender êsse problema da prece, em relação com o conflito, a dor e o sofrimento. Porque nunca rezamos quando estamos felizes, quando temos alegria, quando não temos problemas; rezamos sòmente quando estamos em conflito, quando temos uma dificuldade insolúvel. Há duas espécies diferentes de oração que, essencialmente, são a mesma coisa. Há a prece de súplica e petição ativa, e há a prece na qual ficamos apenas abertos, porém inconscientemente à espera de algo. Quando rezamos, sempre estendemos a mão, sempre aguardamos, esperamos, ansiamos por uma resposta, por algum consôlo; e, nessa súplica, teremos uma resposta de acôrdo com nossas lutas, de acôrdo com nosso condicionamento. Mas a oração nunca demove a mente de criar os próprios problemas que nos fazem rezar. O que livrará a mente de fabricar os seus problemas é a compreensão dela própria; e essa compreensão é o autoconhecimento. Mas é tão complexo o processo de conhecer a si mesmo, que poucos de nós desejam ocupar-se com êsse problema; preferimos achar uma solução superficial, e por isso apelamos para a oração. Através de séculos o homem construiu um reservatório concentrado, um depósito de pensamento e desejo, de onde a oração pode evocar uma resposta, um consôlo; mas essa resposta não representa a solução do problema. A solução do problema consiste em compreender o processo total da própria mente.

Pergunta: Em várias ocasiões de nossas vidas, temos alguma espécie de experiência mística. Como sabermos que elas não são ilusórias? Como podemos reconhecer a realidade?

Krishnamurti: Que entendemos por ilusão? O que é que cria a ilusão? A ilusão, por

certo, se cria quando a mente está prisioneira do desejo. Enquanto a mente interpretar aquilo que percebe de acôrdo com as suas ânsias, seus desejos e vontades, de acôrdo com seus gostos e desgostos, tem de haver ilusão. Enquanto a mente não compreender o desejo, ela traduz a experiência e inevitàvelmente cria a ilusão. Isto é, se eu tenho uma experiência, dessas que se chamam "místicas", e não compreendo o processo de minha mente, essa experiência, por fôrça há de criar ilusão. E se me sinto atraído por uma determinada espécie de experiência, se desejo colhêr cada vez mais dessa experiência e desejo permanecer nela, há de haver ilusão, também; pois o que me preocupa não é perceber o que *é*, porém ganhar, guardar, acumular.

Os mais de nós temos tido alguma experiência mística, que nos trouxe uma certa claridade, um certo alívio, uma certa felicidade; e, passada a experiência, a lembrança dela se torna muito importante para nós Apegamo-nos à lembrança dessa experiência e o próprio fato de a ela estarmos apegados indica que estamos presos à ilusão. A memória está dentro da esfera do tempo, e o que é verdadeiro está fora do tempo; e quando a mente se apega a uma determinada experiência, essa se torna mera sensação, e a sensação é fator de ilusão. Assim, quando nos apegamos à lembrança de qualquer das chamadas "experiências místicas" que porventura tivemos, indica isso que estamos interessados na sensação que a experiência nos deixou, e por conseguinte existe ilusão. Não podemos apegar-nos à própria experiência; não podemos manter-nos no estado de experiência. Só podemos acumular lembranças, com as suas sensações; e quando o fazemos criamos um obstáculo à experimentação. Apegar-nos ao passado é um obstáculo ao novo, e por isso êsse apêgo à lembrança de uma determinada experiência cria ilusão.

A outra parte desta pergunta é: "Como podemos reconhecer a realidade?". Para examinar isso, precisamos compreender o processo de experimentar. Só experimentamos quando reconhecemos. Se me encontro com uma pessoa e a reconheço, tenho uma experiência; mas, se não a reconheço, não há experiência. Logo, quando há reconhecimento, há o processo de experimentar. Ora, como é que eu reconheço? O reconhecimento se baseia na memória, não é verdade? E pode a memória, que é o resíduo do passado, reconhecer o que é novo? Esta é uma questão importante e por isso examinemo-la com certo cuidado.

A maioria de nós se move do conhecido para o conhecido; nossa mente funciona dentro da esfera do conhecido, e não pode funcionar fora dela. Ora, pode essa mente reconhecer o que é verdadeiro? Pode ela reconhecer o desconhecido? Pode reconhecer Deus? Se Deus é o desconhecido, como pode ela reconhecê-lo? Só podemos reconhecer uma coisa que já experimentamos, que já conhecemos anteriormente; e quando reconhecemos uma coisa, essa coisa é a verdade, essa coisa é o novo? Enquanto tivermos o velho, não pode haver o novo; só depois de cessar o que é velho, existe a possibilidade do novo. E quando perguntamos "Como se pode reconhecer a realidade?" — desejamos saber se o "eu", o passado acumulado, o conhecido, pode dar um nome ao novo. Quando damos um nome ao novo, o novo não deixou de existir? Deus, pois, não é uma coisa que se possa reconhecer, a verdade não é uma coisa que se possa conhecer pela memória. É só quando a mente está inteira e absolutamente tranqüila, que pode existir o novo — o que não constitui um processo de reconhecimento. Ao contrário, quando a mente está a traduzir o novo em têrmos do velho, não está tranqüila, e não pode existir a verdade. A mente não po-

de traduzir o novo em têrmos do velho — só pode traduzir aquilo que supõe ser o novo em têrmos daquilo que já conheceu antes.

O importante, pois, não é se vós e eu podemos reconhecer a verdade, mas, sim, como libertar a mente do desejo, de modo que ela possa estar completamente tranqüila. A tranqüilidade da mente não vem por meio de disciplina alguma. A mente não pode ser posta tranqüila mediante compulsão, seja qual fôr o motivo ou seja qual fôr o fim; mas está a mente espontâneamente tranqüila quando compreende os seus próprios desejos contraditórios, os quais criam problemas. A mente está tranqüila apenas quando conhece a si mesma como uma totalidade; mas, enquanto não conhecer a si mesma completamente, continuará a criar problemas e nunca poderá estar tranqüila. A mente, pois, precisa compreender seu próprio funcionamento, e para isso precisa estar vigilantemente passiva, atenta, sem escolha; e só então ocorre a possibilidade de que a mente fique completa e totalmente tranqüila. Podemos tornar a mente superficialmente tranqüila, por meio da prece, por meio de vários artifícios psicológicos, mas esta mente não está fundamentalmente tranqüila. Só vem a tranqüilidade quando existe uma compreensão completa do processo de reconhecimento, petição, e resposta, que é o processo do "eu"; e essa é uma tarefa muito difícil.

Pergunta: Podeis explicar o que entendeis por ação criadora?

Krishnamurti: A fôrça criadora é questão de capacidade? A fôrça criadora implica o domínio de uma técnica? A potência criadora é um dom?

Uma pessoa pode dominar uma técnica pelo exercício constante, pela acumulação de conhecimento e de experiências, tanto próprias como de terceiros. Mas essa perfeição técnica dá-nos o poder de criar? Podeis exercitar-vos ao piano horas a fio e ser capazes de tocar com perfeição, com técnica impecável; mas isso vos fará um músico criador? Se sabeis como se escrevem versos, se sois capazes de tecer uma perfeita grinalda de palavras, sois poeta por causa disso? A técnica pode trazer-nos essa liberdade em que está ausente o "eu"? Só quando o "eu" está ausente, há o poder de criar; a técnica, pelo contrário, dá apenas mais fôrça ao "eu", ou o distrai, modificando-o ou expandindo-o — e isso por certo não nos dá o poder de criar.

Enquanto a mente estiver em conflito com o que ela própria produziu, está produzindo, ou produzirá, não pode haver um estado criador. Pode haver poder criador, enquanto estamos em conflito? O conflito, por certo, exclui tôdas as formas de ação criadora; e a capacidade criadora só pode manifestar-se quando a mente está tranqüila, e não em estado de conflito. Enquanto a mente está prêsa entre a tese e a antítese, entre os opostos, como pode haver êsse estado de vigilante passividade que, só êle, tem fôrça criadora? Pensamos que pelo conflito, pela luta, pelo exame, análise, chegaremos a um estado de tranqüilidade; mas pode haver um estado de tranqüilidade no conflito? Êsse estado tranqüilo não é independente do conflito? Enquanto houver o desejo de alcançar um resultado, o desejo de ser criador, temos evidentemente de nos achar em estado de conflito; e tal estado nega o espírito de criação.

Como pode, pois, uma pessoa atingir êsse estado criador? Como é possível alcançar-se a potência criadora? A potência criadora não é alcançável. O mais que podemos fazer é compreender o conflito,

o qual nega a capacidade criadora; e a compreensão do conflito é a compreensão de nós mesmos. Como vêdes, pensamos que ter uma técnica, ser capaz de desenhar, de escrever um poema ou um artigo, de preencher-se por uma ou por outra forma é ser criador. Mas isso, por certo, não é ação criadora; é, apenas, expressão individual, é a satisfação de um determinado apetite por meio da técnica. Mas, se pudermos compreender todo êsse processo de conflito, êsse esfôrço por alcançar, que acarreta em nossas vidas tantas contradições, tanta tristeza e sofrimento, veremos então que a mente se torna muito quieta, sem esfôrço algum; e quando a mente está silenciosa, livre das ansiedades e das exigências do "eu", só então temos a possibilidade de ser criadores. Êsse poder de criar pode ou não expressar-se em palavras, no mármore, em pensamento; ou pode ficar de todo silencioso. Para a maioria de nós a potência criadora é um processo de expressão, é o poder de fazer alguma coisa; e consideramos êsse poder de expressão muito mais importante do que o ser livre. Ansiamos pela expressão, porque ela nos proporciona um sentimento de preenchimento, um sentimento de sermos alguém, de sermos socialmente úteis. Tudo isso alimenta a nossa vaidade, de muitas maneiras, e destrói, assim, o estado criador.

Na realidade, a fôrça criadora pode não expressar-se de modo nenhum, porquanto o estado de criação é silencioso. Procurar a expressão é negar a fôrça criadora, porque o que é criador nunca pode ser acumulativo. A criação se dá momento por momento, não é um estado de continuidade. No momento em que se torna um estado contínuo, passa para a esfera do tempo, e o que está na esfera do tempo não é criador. A criação é atemporal; mas bem gostaríamos de a fixar no campo do tempo, para a podermos expressar. Enquanto a mente estiver procurando ser criadora,

nunca pode haver ação criadora, porque todos os esforços da mente estão dentro da esfera do tempo. Só quando a mente está de todo em todo tranqüila, silenciosa, com um silêncio não provocado, há possibilidade do atemporal, do criador. O que importa, pois, não é verbalizar a respeito dêsse estado criador, mas compreender o processo integral do conflito existente na mente. E assim como a lagoa fica tranqüila ao cessar o vento, assim também há fôrça criadora quando o problema criado pela mente deixa de existir.

30 de julho de 1950.

QUARTA PALESTRA EM SEATTLE

A maioria de nós busca sempre um certo resultado e nunca pensa em ação sem resultado. Não compreendemos o movimento, a ação, a não ser que se tenha um fim em vista. Enquanto buscamos um resultado, êsse resultado é psicològicamente muito mais importante para nós do que o meio de que nos servimos; e a corrupção do meio é inevitável quando atribuímos maior significação ao resultado. A ação é então guiada pelo desejo de resultado, mais do que pela consideração do meio — e daí decorre que a ação se torna estulta. Isto é, enquanto houver a busca psicológica de um resultado da ação, tornamos estulta a ação, porque o que mais nos interessa é o resultado e só secundàriamente a ação. Por êsse motivo, como vemos acontecer agora em todo o mundo, a ação origina maior confusão, maior aflição. Êsse conflito e sofrimento exteriores só podem ser eliminados se percebermos que a mente está sempre a procurar um resultado da ação, isto é, segurança para si própria e, por conseguinte, não a preocupa o meio de ação. O meio e o fim não constituem dois estados diferentes, mas, sim, um processo unitário. O meio é o fim; e se compreendemos o meio, o fim justo é inevitável. Mas, como já disse, à maioria de nós não interessa o meio. Só o fim importa, e embora visando um fim justo, empregamos métodos errô-

neos. Mas o método produz o seu resultado próprio e se desejamos a paz precisamos empregar meios pacíficos. Por conseguinte, o meio é muito mais importante que o fim.

Pois bem; a compreensão do meio, sem a busca de um fim, é uma revolução fundamental e necessária em tôda a nossa compreensão da vida. Porque o pensamento, invariàvelmente, busca um resultado, há, em cada um de nós, um desejo psicológico de satisfação, e a conseqüência disso é que qualquer ação política, econômica, ou social, nos conduz a intermináveis controvérsias e, por último, à violência. Não há clareza de percepção porque, fundamentalmente, não nos interessam os meios, mas tão sòmente o resultado, o alvo, o fim; e não vemos que o fim e o meio não estão separados, que são um só. O fim está contido no meio e se, psicològicamente, buscamos um resultado independente do meio, a ação física produzirá inevitàvelmente a confusão. Isto é, quando consideramos o resultado como um meio de segurança interior ou psicológica, o nosso trabalho para alcançar êsse resultado tem um efeito condicionante sôbre a mente; e êsse processo só pode ser perfeitamente compreendido se percebemos o significado da ação.

Atualmente só concebemos a ação como meio de se alcançar um resultado, um alvo. Trabalhamos para chegar a um alvo, tanto no sentido psicológico como no sentido físico. Para nós a ação é um processo de conseguir alguma coisa, e não nos importa compreender a ação em si mesma — que seria a única maneira de empregar os meios justos e, por conseguinte, produzir o fim justo, sem visar um resultado; e a compreensão da ação significa, por certo, a compreensão de todo o processo de nosso pensar. É por isso que se torna essencial que tenhamos uma compreensão perfeita do processo total de nossa cons-

ciência — das tendências de nosso próprio pensar, sentir e agir. Sem compreendermos a nós mesmos, a simples consecução de um resultado nos levará sòmente a maior confusão, miséria e frustração.

A compreensão do processo integral de nós mesmos requer vigilância constante, percebimento na ação das relações. É necessária uma atenção constante a todos os incidentes, sem escolha, sem condenação nem aceitação, com um certo senso de imparcialidade, de modo que se nos revele a verdade contida em cada incidente. Mas êsse autoconhecimento não é um resultado, não é um fim. Não tem fim o autoconhecimento; é um processo constante de compreensão, que só se manifesta quando começamos objetivamente e penetramos cada vez mais fundo no problema de nossa vida diária, que é o "vós" e o "eu", em relação.

Tenho várias perguntas para responder e, ao considerá-las, convém não procurar uma resposta; porque o simples achar de uma resposta põe fim a novos descobrimentos e à compreensão. Mas, se pudermos seguir cada problema conforme êle se nos vai revelando, passo a passo, então, talvez fiquemos capacitados para ver a verdade nêle contida. E é a verdade contida num problema que nos libertará do próprio problema.

Pergunta: Embora digais ser necessário que a mente se torne tranqüila, para podermos experimentar a realidade, vós mesmo fazeis todo o possível por estimular-nos a pensar.

Krishnamurti: Estou-vos estimulando a pensar? Se é só estímulo que vos dou, então daí resultará fadiga; porque tôda espécie de estímulo dura pouco, deixando a mente insensibilizada, sem elasticidade, e cansada. Se estas palestras e dis-

cussões se tornaram apenas um meio de estímulo, julgo que, quando as concluirmos, caireis de novo em vossas monótonas rotinas, vossas velhas crenças, vossas insensíveis atitudes e maneiras de pensar. Mas se, em vez de serem estímulos, representam elas um processo no qual vós e eu examinamos os fatos e os vemos exatamente como são — o que é o começo da percepção do verdadeiro — então as nossas palestras e discussões terão sido de utilidade. Sem dúvida, é edificante vermos as coisas como são, porque daí resulta uma transformação fundamental. Por conseguinte, nós não estamos em busca de estímulo, mas, sim, explorando juntos todos os nossos problemas humanos. O estímulo faz-nos pensar numa determinada direção e é um processo de substituição, que vos condiciona num novo sentido; ao passo que só quando procuramos ver as coisas assim como são, com muita clareza, sem preconceito, há possibilidade de a mente ficar tranqüila. A mente não pode estar tranqüila, não pode estar calma ou serena, quando há qualquer desfiguração, quando é capaz de criar a ilusão. E visto que a mente é infinitamente capaz de criar ilusões, o estarmos cônscios dessa capacidade não representa, por certo, estímulo algum. Pelo contrário, só estamos livres de estímulo quando há o percebimento de como a mente funciona, manipula, torna-se conivente, desfigura; e só essa liberdade pode dar-nos a tranqüilidade da mente.

Ora a mente não pode fechar-se numa determinada crença ou ilusão e com isso julgar-se tranqüila. Uma mente em tais condições evidentemente não está tranqüila; está morta, inflexível, insensibilizada. A mente só é tranqüila, quando infinitamente flexível, capaz de ajustamento, capaz de ver as coisas exatamente como são; e é só quando a mente é capaz de ver as coisas como são, que estamos livres daquilo que ela viu. Precisamos, sem dúvida, passar por todo êsse

processo de descobrimento, de exploração, antes que a mente possa estar tranqüila. Sem a tranqüilidade da mente, não pode haver a verdadeira percepção; e descobrir quais são os fatôres que desfiguram, quais as distrações cultivadas pela mente, isso não é estímulo. Se *é* estímulo, então a mente nunca estará tranqüila, porque passará de um estímulo para outro; e a mente que busca estímulo é uma mente insensibilizada, insuficiente, incapaz de perceber coisa alguma por suas próprias sensações.

Logo, o importante é não depender de estímulo algum, seja o estímulo de um ritual, de uma idéia, ou da bebida. Todos os estímulos se situam no mesmo nível, porque o estímulo, de qualquer espécie que seja, torna a mente insensível e indolente; mas perceber o fato de que a mente está dependendo de estímulo, equivale a ficar livre dêsse fato. O perceber as coisas sem desfiguração traz-nos a tranqüilidade da mente, essencial para que surja a realidade.

P e r g u n t a : Vivo muito apreensivo. Podeis dizer como posso ficar livre das preocupações?

K r i s h n a m u r t i : Porque desejais ficar livre das preocupações? O que quereis dizer é que desejais livrar-vos de uma determinada preocupação, de uma certa espécie de perturbação; mas de certo não quereis ficar livre de tôdas as preocupações, não é verdade? A maioria de nós deseja estar ocupada, e só sabemos que existimos porque estamos ocupados. Dizemos que a ocupação é necessária à mente — seja que nos ocupemos com Deus, com o nosso preenchimento, com um automóvel, a família, o nosso bom êxito, a virtude, ou seja com o que fôr. A mente, sem dúvida, exige ocupação, pois, do contrário, sentir-nos-íamos perdidos; e essa ocupação mesma é preocupação, não achais? Que aconteceria, se não

tivésseis preocupações, se vossa mente não estivesse sempre ocupada com alguma coisa? Não vos sentiríeis completamente desorientados? Quando não tendes ocupações, logo tratais de achar alguma. Se não tendes preocupações acêrca da sociedade, estais preocupados a respeito de Deus, e ficais ocupados com isso; ou tereis preocupações a respeito da guerra, a respeito dos jornais, do rádio, a respeito do que os outros dizem ou deixam de dizer. A mente está sempre ocupada, a sua própria existência depende da ocupação. Assim sendo, para a maioria de nós, a ocupação, que é uma espécie de preocupação, é essencial. Se não nos preocupássemos, se não vivêssemos ocupados, ver-nos-íamos perdidos, diríamos que nada há para fazer e que a vida é vã e sem significação; por isso, a mente se ocupa e vive preocupada.

Para a maioria de nós, a ocupação representa uma fuga de nossa essencial insuficiência. Insuficientes que somos, preocupamo-nos a respeito de alguma coisa, como meio de fugirmos daquilo que *é*. A questão, pois, não é saber a maneira de ficarmos livres de uma dada preocupação, mas, sim, compreender integralmente o problema da ocupação, o qual, num sentido, se prende à obtenção dos meios justos de subsistência, e, noutro sentido, se refere à ocupação psicológica da mente. Está convencida a maioria de nós que a mente não pode existir sem pensamento, sem ocupação, sem preocupação. Em geral, temos mêdo de ser o que somos — belos ou feios, inteligentes ou estúpidos, ou o que quer que seja — e de começar por aí. A mente tem mêdo de ser o que ela é, e por isso procura uma fuga, algo altissonante, algo melhor. Essa fuga do que *é*, pode ser chamada a realidade ou Deus, mas não passa de iso-

lamento, de auto-reclusão. E quanto mais isolados estamos, tanto mais nos preocupamos e tanto maior é a necessidade de estarmos ocupados.

Está visto, pois, que o problema não é o de ficar livre das preocupações. O problema é o de averiguar porque a mente exige ocupação, e se entramos nêle com alguma atenção, descobriremos que a mente teme ser como nada. Positivamente, uma taça só é útil quando vazia; e a mente só é criadora, quando capaz de esvaziar-se, de purgar-se de todo o seu conteúdo. Só quando a mente está vazia, silenciosa, é criadora. Mas, para chegarmos a êsse ponto, precisamos compreender o processo total da mente, perceber como ela está constantemente ocupada, preocupada a respeito da virtude, da morte, do bom êxito. Por mais alto que seja o nível em que a coloquemos, preocupação é sempre preocupação; e uma mente preocupada, agitada, nunca será capaz de compreender problema algum. Ela só pode andar em círculos, na esperança de achar uma saída — e é o que ela faz. Uma mente que está sempre ocupada, está à procura de um resultado, um fim, um alvo; e para uma mente em tais condições os meios não têm importância alguma.

O que importa, pois, não é saber a maneira de ficarmos livres da preocupação, mas, sim, descobrir porque a mente vive tão ocupada, tão desejosa de agarrar-se e identificar-se com uma idéia, uma crença, um conceito. Indubitàvelmente, ela procede assim em virtude da própria insuficiência. Sem compreender a sua insuficiência, sem nela penetrar a fundo, procura a mente fugir da mesma por meio da ocupação; e quanto mais correis, mais preocupados ficais. A única maneira de sair dêsse processo é retroceder e encarar a insuficiência.

Pergunta: Amo o meu filho. Êle pode ser morto na guerra. Que devo fazer?

Krishnamurti: Pergunto-me a mim mesmo se amais realmente o vosso filho. Se realmente o amásseis, haveria guerra? Não trataríeis de evitar a guerra, sob qualquer forma, se realmente amásseis o vosso filho? Não cuidaríeis de que houvesse uma educação correta — uma educação que não estivesse identificada nem com o Oriente nem com o Ocidente? Se realmente amásseis o vosso filho, não cuidaríeis de que crença alguma pudesse dividir os entes humanos, de que nenhuma fronteira nacional se erguesse entre os homens?

Tenho para mim que não amamos os nossos filhos. "Amo o meu filho" é apenas uma frase costumeira. Se amássemos os nossos filhos, haveria uma revolução fundamental na educação, não é verdade? Porque, na atualidade, atendemos apenas ao cultivo da técnica, da eficiência, e quanto maior a eficiência, maior a crueldade. Quanto mais nacionalistas e separatistas nós somos, tanto mais ràpidamente se desintegra a sociedade. Estamos divididos pelas nossas crenças, pelas nossas ideologias, pelas nossas religiões e dogmas, e há inevitàvelmente conflito não apenas entre sociedades diferentes, mas também entre grupos de uma mesma sociedade.

Assim, pois, embora digamos amar os nossos filhos, não estamos, evidentemente, muito interessados nêles, visto que somos nacionalistas, visto que estamos apegados às nossas posses, que estamos presos e condicionados pelas nossas crenças religiosas. São êsses os fatôres desintegrantes da sociedade, que conduzem inevitàvelmente à guerra e à desgraça extrema; e se de fato desejamos salvar os nossos filhos, cabe-nos a nós, como indivíduos, promover uma transformação fundamental em nós mesmos. Significa isso que temos de avaliar de novo tôda a estrutura da sociedade. Como se trata de uma emprêsa muito complexa e difícil, nós a entregamos

aos especialistas religiosos, econômicos e políticos. Ora, o especialista não pode compreender aquilo que exorbita de sua especialização. O especialista nunca é uma pessoa "integrada"; e a integração é a solução única para o nosso problema. É necessária uma integração total de nós mesmos, como indivíduos, e só então seremos capazes de educar o nosso filho para se tornar um ente humano "integrado"; e não pode, evidentemente, haver integração, enquanto existirem preconceitos raciais, nacionais e políticos. Enquanto não alterarmos tudo isso fundamentalmente, em nós mesmos, teremos fatalmente a guerra — e podeis dizer o que quiserdes do vosso amor por vosso filho, isso não porá têrmo à guerra. O que porá têrmo à guerra é a profunda compreensão de que o indivíduo precisa ficar livre dos fatôres desintegrantes responsáveis pela guerra. É só então que poremos fim à guerra. Infelizmente, porém, a maioria de nós não está interessada em tal coisa. Queremos um resultado imediato, uma solução imediata.

A guerra, afinal de contas, é a projeção espetacular e sangrenta de nossa vida cotidiana; em vez de alterarmos a estrutura fundamental de nossa própria existência, ficamos à espera de que, por obra de algum milagre, as guerras se acabem. Ou, então, lançamos a culpa sôbre outra sociedade: dizemos que um outro grupo nacional é responsável pelas guerras. A responsabilidade é nossa, e de ninguém mais. E os que de fato se interessam por esta questão, que não andam à procura de explicações fáceis, saberão como agir, tendo em consideração tôda essa estrutura das causas da guerra.

Quando de fato amarmos os nossos filhos, a estrutura da sociedade será alterada fundamentalmente; e quanto maior o nosso amor, tanto maior será a nossa influência na sociedade. Importa, por

conseguinte, compreendermos o processo de nós mesmos; mas nenhum especialista, nenhum general, nenhum professor pode dar-nos a chave dessa compreensão. O autoconhecimento é produto de nossa própria intensidade, nossa própria lucidez, nossa própria vigilância na vida de relação; e as nossas relações não são apenas com as pessoas, mas também com a propriedade e as idéias.

Pergunta: Como poderei vencer a solidão?

Krishnamurti: Pode-se vencer a solidão? Tudo o que venceis tem de ser vencido de novo, repetidamente, não é verdade? Aquilo que compreendeis, deixa de existir, mas aquilo que venceis nunca pode ter fim. O processo de combate só tem o efeito de fortalecer aquilo contra que lutamos.

Ora bem; que solidão é essa, de que está consciente a maioria de nós? Nós a conhecemos e dela fugimos, não é verdade? Buscamos refúgio em atividades de tôda a espécie. Vemo-nos vazios, solitários, e isso nos infunde mêdo; por isso, procuramos disfarçar a solidão por um ou outro meio — a meditação, a busca de Deus, a atividade social, o rádio, a bebida, o que quer que seja — estamos dispostos a tudo, menos a encará-la, menos a viver com ela e compreendê-la. Fugir é sempre fugir, quer fujamos através da idéia de Deus, quer através da bebida. Enquanto estivermos a fugir da solidão, não há diferença essencial entre o adorar a Deus e o entregar-se ao álcool. Pode haver diferença do ponto de vista social; mas, psicològicamente, o homem que foge de si mesmo, do seu vazio, para Deus, está no mesmo nível que o beberrão.

O importante, pois, não é vencer a solidão, mas compreendê-la; e não a podemos compreender se a

não enfrentamos, se a não encaramos diretamente, se ficamos sempre a fugir dela. E tôda a nossa vida é um processo de fuga da solidão, não é certo? Na vida de relação, servimo-nos dos outros como meios de disfarçar a solidão. Nosso cultivo do saber, nosso acumular de experiência, enfim tudo o que fazemos, representa uma distração, uma fuga daquele vazio. Assim, pois, é evidente, que precisam acabar essas distrações e fugas. Se desejamos compreender alguma coisa, precisamos aplicar-lhe tôda a nossa atenção, não é verdade? E como podemos dar tôda a atenção à solidão, se lhe temos mêdo, se estamos a esquivar-nos dela por meio da distração? Nessas condições, se desejamos realmente compreender a solidão, se nossa intenção é examiná-la por maneira completa, porque percebemos que não pode haver ação criadora enquanto não compreendermos essa insuficiência interior que é a causa fundamental do mêdo — se chegamos a êsse ponto, acabam-se tôdas as espécies de distração, não é verdade? Muitas pessoas riem da solidão, dizendo: "Oh! Isso é para os burgueses; pelo amor de Deus, ocupai-vos com alguma coisa e esquecei-a". Mas o vazio não é coisa que se possa esquecer, que se possa pôr de parte.

Se uma pessoa deseja realmente compreender essa coisa fundamental que se chama solidão, é preciso que cessem tôdas as fugas; mas a fuga não cessa com ficarmos preocupados, com ficarmos procurando um resultado, nem com a ação ditada pelo desejo. É necessário perceber que, sem se compreender a solidão, qualquer forma de ação é uma maneira de nos distrairmos, de fugirmos, de nos fecharmos, que cria mais conflito e mais infelicidade. Perceber êsse fato é coisa essencial, pois só assim pode-se encarar a solidão.

Também, se entrarmos mais profundamente na questão, temos de verificar se aquilo que chamamos

solidão é uma coisa real, ou apenas uma palavra. A solidão é coisa real ou é mera palavra, que encobre algo que pode não ser o que pensamos que ela seja? A solidão não é um pensamento, um resultado do pensar? Isto é, o pensamento é verbalização, baseada na memória; e não será com essa verbalização, com êsse pensamento, com essa memória, que olhamos para êsse estado que chamamos "solidão"? Assim, o próprio dar nome a êsse estado pode ser a causa do temor, que nos impede de examiná-lo mais de perto; e se lhe não damos um nome fabricado pela mente, êsse estado é então de "solidão"?

Existe, sem dúvida, uma diferença entre "solidão" e "estar só". A solidão é a última conseqüência do nosso processo de isolamento. Quanto mais conscientes estamos de nossa própria pessoa, tanto mais isolados nos sentimos. Essa consciência da própria pessoa é o processo do isolamento. Mas estar só, não é isolamento. Só estamos sós quando acaba a solidão. O "estar só" é um estado no qual tôdas as influências deixaram completamente de existir, tanto as influências do exterior, como as influências internas da memória; e só quando a mente se acha nesse estado, isto é, *só*, é que pode reconhecer o incorruptível. Mas, para chegarmos a êsse ponto, precisamos compreender a solidão, êsse processo de isolamento, que é o "eu" e sua atividade. Assim, o compreender o "eu" é o comêço do fim do isolamento e, portanto, da solidão.

Pergunta: Há continuidade após a morte?

Krishnamurti: Esta pergunta compreende várias coisas: a idéia da imortalidade, a qual pensamos seja continuidade; a questão da morte e o que a seu respeito entendemos; e a questão de saber

se existe uma essência espiritual em cada um de nós, a qual subsiste apesar da morte. Examinemos, pois, essas questões, ainda que ràpidamente.

Perguntais se há continuidade após a morte. Ora, que entendemos por "continuidade"? A continuidade implica, evidentemente, causa e efeito: uma série de incidentes ou causas, que ficam na lembrança, e que subsistem. Se me permitis sugeri-lo, vamos escutar com tôda a atenção e talvez venhamos a encontrar algo muito mais importante do que o simples desejo de subsistir após a morte.

A maioria de nós deseja continuar a existir. Para nós, a vida é uma série de incidentes ligados entre si pela memória. Temos experiências, que se acumulam continuamente, tais como recordações da infância, lembranças de fatos agradáveis; e lembranças desagradáveis também as há, porém, escondidas. Todo êsse processo de causa e efeito proporciona um senso de continuidade que é o "eu". O "eu" é uma cadeia de incidentes lembrados — não importa se agradáveis ou desagradáveis. Minha casa, minha família, minha experiência, meu culto da virtude, etc., etc. — tudo iso é o "eu"; e desejais saber se êsse "eu" subsiste após a morte.

Ora, é bem evidente que deve existir alguma espécie de continuidade de pensamento; mas isso não nos satisfaz, não é verdade? Nós queremos é imortalidade, e dizemos que êsse processo de continuidade levar-nos-á, por fim, à imortalidade. Mas a continuidade nos levará à imortalidade? Que é que continua? É a memória, não? Um feixe de lembranças a mover-se do passado, através do presente, para o futuro. E isso que continua pode libertar-se da rêde do tempo?

Ora, só o que finda pode renovar-se, e não aquilo que tem continuidade. O que tem continuidade só pode continuar no seu próprio estado, não

pode modificar-se, alterar-se, permanecendo essencialmente a mesma coisa todo o tempo. Só para aquilo que finda existe a possibilidade de transformação fundamental. A imortalidade, pois, não é continuidade. A imortalidade é aquêle estado no qual o tempo, como continuidade do "eu", cessou de todo.

Existe uma essência espiritual em cada um de nós, que subsistirá? Que significa essência espiritual? Se existe uma essência espiritual, é evidente que ela deve estar fora da esfera do tempo, fora da causalidade, mas, se a mente pode pensar a respeito dela, então, evidentemente, ela é produto do pensamento e está, portanto, dentro da esfera do tempo; logo, não é uma essência espiritual. Gostamos de pensar que existe uma essência espiritual, mas isso é só uma idéia, um produto do pensamento, do nosso condicionamento. Quando a mente se apega à idéia de uma essência espiritual, indica isso — não é verdade? — que estamos à procura de segurança e de certeza; e é a perpetuação do confôrto, da segurança, que chamamos imortalidade. Enquanto a mente continuar nesse movimento do conhecido para o conhecido, haverá sempre o temor da morte.

Ora, existe por certo uma outra maneira de viver, a qual consiste em morrer cada dia para as coisas de ontem e em não levar para amanhã as coisas de hoje. Se, no nosso viver, pudermos morrer para as coisas a que a mente se apega, então, nesse próprio morrer, veremos que há uma vida que não é da memória, que não é do tempo. Morrer, nesse sentido, é compreender inteiramente êsse processo de acumulação, que cria o temor de perder, que é a causa do desejo de imortalizar o "eu", por meio da família, da propriedade, ou da continuidade no além. Se pudermos perceber como a mente está sempre a buscar a certeza, que é um estado no qual nunca se pode encontrar a liberdade; se pudermos deixar de

acumular interiormente e deixar de preocupar-nos psicològicamente com o dia de amanhã, o que significa morrer todos os dias — se conseguirmos isso, teremos então a imortalidade, aquêle estado em que não existe o tempo.

6 de agôsto de 1950.

QUINTA PALESTRA EM SEATTLE

Os mais de nós nos satisfazemos muito fàcilmente com explicações, e é bem de ver que nosso superficial interêsse nunca produzirá uma revolução fundamental. O que se torna necessário, sem dúvida, na época atual e em tôdas as épocas, é que se opere uma transformação fundamental em nós mesmos; e essa transformação deve atingir não sòmente as nossas relações pessoais, mas também nossas relações com a sociedade. Sem essa profunda revolução interior, não pode haver felicidade duradoura, não pode haver solução definitiva para nenhum dos nossos problemas. É quase impossível para os que só se interessam superficialmente, entrar a fundo nessas questões e compreender, no seu todo, o processo de si mesmos; só os que têm verdadeiro empenho podem realizar essa revolução. Essa revolução interior não se faz com a busca de novas explicações, novas palavras, novas frases. Só a realizamos quando há completa isenção da ânsia de ganho.

Ora, nós somos ávidos de ganho, não só no plano físico, no qual edificamos tôda a nossa estrutura social sôbre a base da aquisição, mas também nas nossas relações. Isto é, nas nossas relações recíprocas há uma tendência à posse, a qual não passa de um indício exterior de profunda frustração, profunda solidão, etc. Somos também ávidos de saber. Pensamos que o adquirir cada vez mais saber, mais explicações, mais ilustração — pensamos que isso, por alguma maneira miraculosa, irá resolver os nossos

problemas. A tendência para a aquisição, em qualquer nível que seja, prende a mente, modela-a de conformidade com um certo padrão; e um padrão decerto nunca produz uma revolução. Qualquer forma de avidez de ganho — quer se dirija para as coisas mundanas, quer ser manifeste nas nossas relações, no aprender, na experiência, ou no desejo de encontrar a realidade — sempre criará conflito, sempre causará desentendimentos e uma série de batalhas, tanto interiores como exteriores. E é bem evidente que onde há conflito não pode haver compreensão.

É a tendência para a aquisição o que nos impede de viver em lucidez, com simplicidade, diretamente; e, é claro, enquanto não houver uma revolução fundamental em cada um de nós, não pode haver aperfeiçoamento social. Eis a razão por que tanto importa compreender todo o processo de nós mesmos. As tendências do "eu" só podem ser descobertas em nossas relações com as coisas, com as pessoas e com as idéias; e, no espelho dessas relações, começamos a ver a nós mesmos tais como somos. Mas, para compreender o processo de nós mesmos não deve haver nem condenação, nem justificação das nossas reações. Nossa dificuldade consiste — não é verdade? — em que a maioria de nós está continuamente a buscar formas sutis de isolamento. Porque temos conflito em nossas relações, retraímo-nos gradualmente, tanto interior como exteriormente, para o isolamento; e, sem compreender a vida de relação em todos os níveis, não só as relações com pessoas, mas também com idéias e coisas, é impossível entrar a fundo no problema da realidade.

A realidade não é algo abstrato ou teórico, e nada tem que ver com a filosofia; a realidade está na compreensão da vida de relação, no estarmos cônscios a todos os momentos do nosso falar, da nossa conduta, da maneira como tratamos as pessoas,

da maneira como consideramos os outros; porque a conduta correta significa virtude, e aí se encontra a realidade. Sem compreender a vida de relação, é impossível transcender o conflito. Transcender o conflito sem aquela compreensão, é simples forma de fuga, e onde há fuga há a capacidade de criar ilusões. A maioria de nós tem extraordinàriamente desenvolvida essa capacidade de criar ilusões, por falta de compreensão das nossas relações. É só na compreensão da vida de relação, que significa compreender fundamental e profundamente o processo total de nós mesmos, que há liberdade; e só na liberdade pode dar-se o descobrimento daquilo que é real.

A mente nunca pode achar a realidade mediante procura. O mais que pode fazer é ficar quieta, ficar tranqüila, e então surge a realidade. A realidade tem de vir a nós; não podemos procurá-la. Se procurais Deus, nunca achareis a Deus, porque vossa busca é simples desejo de fugir das realidades da vida. Sem compreensão das realidades da vida, todo conflito, todo movimento do pensamento, as lucubrações internas da mente, tanto as sutis como as evidentes, tanto as ocultas como as mais patentes — sem compreensão de tudo isso, o mero buscar da realidade é evasão, apenas; e a mente é infinitamente capaz de produzir concepções ilusórias da realidade. Enquanto a mente não fôr compreendida, enquanto o processo do "eu", que é o centro do desejo de adquirir, não fôr inteiramente compreendido, não cessará o conflito, e não pode, portanto, haver felicidade nem virtude.

A virtude não é um fim. A virtude traz liberdade, por isso é essencial. A virtude, que é liberdade, reside na compreensão da conduta e das nossas relações com as coisas, com a natureza, com as pessoas, e com as idéias. Está visto, pois, que é importante conhecermos o nosso próprio pensar e sentir, e estar-

mos sempre cônscios de tôdas as nossas ações, sem tendência para a condenação nem para a justificação. Para ver, exatamente, no espelho de nossas relações, o que se está passando, é necessária uma percepção isenta de escolha; e nesse percebimento do que *é*, dá-se a libertação do que *é*. Mas é muito difícil e árduo perceber com tôda a lucidez e exatidão o que se está passando; porque temos tantos preconceitos, tantas formas sutis de condenação e justificação, que nos impedem a compreensão fundamental. São êsses sutis condicionamentos da mente que impedem melhor compreensão das nossas relações, melhor compreensão do complexo problema da vida; e sem essa compreensão, por mais ardorosos que sejamos em nossa busca do que chamamos realidade, essa busca inevitàvelmente se torna uma evasão, uma fuga. Na fuga há tôdas as espécies de ilusões, tôdas as espécies de mitos; e quantos mais dêsses mitos adquirimos, tanto maior será a dificuldade de libertação.

Muito importa, pois, que se compreenda integralmente o processo do "eu"; porquanto sem essa compreensão, não há possibilidade de uma ação nova e fundamental. Se uma pessoa quer compreender a sociedade e promover uma revolução fundamental na estrutura social, ela tem, òbviamente, de começar em si mesma; porque nós não somos diferentes da sociedade. O que somos, a sociedade é. Fizemos a sociedade de nós mesmos, de nossas reações, de nossas "respostas"; e sem compreendermos as nossas reações, não há possibilidade de uma transformação radical na sociedade.

Fizeram-me várias perguntas, às quais procurarei responder com a possível concisão; mas a solução de um problema não está na resposta que obtemos. A resposta nunca é importante; o que importa é que se compreenda o problema. Se nos chegamos ao pro-

blema apenas com o desejo de encontrar uma resposta, não estaremos capacitados para entender o próprio problema. Os mais de nós temos muito interêsse em achar uma resposta, uma solução, temos muito empenho em resolver o problema; e êsse próprio empenho impede a observação completa e a clara compreensão do problema. Qualquer que seja o problema, enquanto buscarmos uma resposta fora dêle, não pode êle confiar-nos todo o seu significado. Os mais de nós temos problemas em nossa vida; e o ocupar-nos dia por dia com um problema esgota a mente. O conflito não pode resolver problema algum. O que nos dá a solução de um problema, é o estudá-lo, o observá-lo, porque só então pode êle revelar-nos o seu inteiro significado. Mas isso é árduo; e vivemos tão ansiosos por transcender o problema, que somos incapazes de viver com êle, de o deixar desabrochar e dar-nos o seu perfume. Por certo, o problema só se acaba quando plenamente compreendido.

P e r g u n t a : Desejo ajudar os outros. Qual a melhor maneira de o fazer?

K r i s h n a m u r t i : Eu quisera saber por que desejais ajudar os outros. É porque amais o próximo? E se o amais, precisais perguntar qual é a melhor maneira de ajudá-lo? Há diversas maneiras de "servir" os nossos semelhantes, não é verdade? O comércio serve as pessoas; o médico, o advogado, o cientista, o lavrador — todos estão "servindo" os outros, não é exato? O desejo de servir ao próximo tornou-se profissão, e êsse desejo está sempre ligado a uma recompensa. O desejo de servir organizou-se em grupos eficientes, e cada grupo se acha em antagonismo com outro grupo. Todos querem servir,

todos querem ajudar; e todos vivem em competição uns com os outros e se tornam cada vez mais eficazes e, portanto, cada vez mais cruéis.

Assim, pois, quando dizeis que desejais "ajudar" os outros, que significa essa palavra? Como podeis ajudar os outros? Em que nível desejais ajudar os outros? No nível econômico, ou no chamado nível espiritual ou psicológico? Alguns se contentam em ajudar os outros apenas no nível econômico, no nível social imediato. Seu interêsse, portanto, é promover a reforma social. Mas, uma simples reforma cria sempre a necessidade de outra reforma, e nunca se acabará de reformar. E há os que desejam ajudar os outros psicológica ou espiritualmente. Mas, para ajudar ao próximo no sentido psicológico ou espiritual, não será preciso, primeiro, que compreendais a vós mesmo? É muito fácil dizer "Posso ajudar alguém", muito fácil ter o desejo, a vontade, a ânsia de ajudar; mas no processo mesmo de ajudar, podeis ocasionar a confusão.

Assim sendo, se desejais ajudar ao próximo num nível qualquer, não será importante perceber a necessidade, não de uma reforma de remendos, mas de uma revolução fundamental? E pode uma revolução fundamental basear-se numa idéia? Uma revolução é realmente revolução, quando nascida do pensamento? Porque as idéias são sempre limitadas, são reações condicionadas, não é verdade? O pensamento é sempre reação da memória e, por conseguinte, é sempre condicionado. Nenhuma revolução baseada numa idéia pode oferecer-nos uma transformação fundamental. Quanto mais revoluções houver, baseadas em idéias, tanto mais separação e desintegração haverá. Porque as idéias, as crenças, os dogmas, sempre separam as pessoas, nunca podem uni-las, a não

ser em grupos que se excluem mùtuamente e que vivem em conflito uns com os outros. Constituem elas uma base altamente desastrosa para se construir uma sociedade, porque elas criam, inevitàvelmente, inimizade.

Ora bem; em vista de tudo isso, se realmente desejais promover uma revolução fundamental na estrutura da sociedade, precisais, sem dúvida, começar no nível psicológico, isto é, em vós mesmo. E se realmente lograis uma revolução fundamental em vós mesmo, estareis então capacitado para ajudar os outros a não continuarem a criar dogmas, crenças e jaulas para prender outras pessoas. Em tal caso, vosso desejo de ajudar ao próximo não terá nascido de nenhuma convicção, de nenhum cálculo, de nenhuma crença. Ajudareis os outros porque os amais, porque vosso coração transborda. Mas vosso coração nunca poderá transbordar, se é a mente que o alimenta; e os mais de nós temos os corações repletos das coisas da mente. E só quando estão repletos os nossos corações das coisas da mente, é que desejamos saber a maneira de ajudar os outros; mas, quando o coração está vazio das coisas da mente, e por isso mesmo cheio, tem-se então a possibilidade de ajudar. Quando realmente amamos, ajudamos. Mas o amor não é coisa da mente. O amor não é sensação. Não se pode pensar no amor. Se pensais no amor, estais pensando apenas na sensação, que não é amor. Quando dizeis "amo uma pessoa", não estais pensando no amor, mas, sim, na sensação, na imagem, no retrato daquela pessoa.

O pensamento, pois, não é amor. O amor é algo que não pode ser capturado pela mente. A mente só pode captar a sensação, e então a sensação nos enche o coração; e dessa sensação resulta o desejo de ajudar os outros, tornando-os melhores, reformando-os, etc. Enquanto nossos corações estão cheios das coi-

sas da mente, não existe amor; e, quando há amor, não há que pensar sôbre a maneira de ajudar os outros. A própria ação de amar, livre da interferência da mente, ajuda os outros; mas, enquanto a mente intervém, não pode haver amor.

P e r g u n t a : *Minha vida parece não ter alvo algum, e, em conseqüência, minha conduta não é inteligente. Não devo ter um objetivo superior?*

K r i s h n a m u r t i : Como chegareis a descobrir um objetivo superior? E porque desejais um objetivo? Sois capaz de descobrir um objetivo que abranja todo o significado da existência? E qual é o instrumento que descobre? Os mais de nós desejamos um objetivo, porque êle nos pode servir de guia; e, em conformidade com o objetivo que temos, podemos edificar; à sua sombra, podemos viver em segurança, com um fim determinado, com um senso de direção. Sem um fim, um alvo, um objetivo, a maioria de nós se sente perdida e nossa ação se torna destituída de inteligência, como diz o interrogante.

Ora, pode-se encontrar um objetivo superior? De que maneira começareis a procurá-lo? Quem é a entidade que o achará? Essa entidade é, por certo, a vossa própria mente, vosso próprio desejo e vossa ânsia; então o vosso próprio desejo moldará o fim, não é verdade? Isto é, vosso próprio desejo criará o fim ou o objetivo. Por outras palavras: estais confuso, e por isso vossas ações carecem de inteligência. Nessa confusão, quereis escolher um fim, um objetivo superior. Mas sois capazes de escolher alguma coisa quando estais em confusão? E o que quer que escolhais não será também confuso? Não há dúvida de que devemos dissipar a confusão. A eliminação da confusão só será possível quando começardes a com-

preender todos os atos dela resultantes; e nesse processo mesmo, descobrireis uma claridade que é o seu próprio fim.

A maioria de nós está confusa, lutando, incerta, não sabemos o que fazer. Criamos a sociedade e estamos sujeitos a tôdas as suas influências, exigências, suas guerras, sua confusão extrema, suas misérias e destruições. Somos uma parte de tudo isso; e, se nesse estado, fazemos uma escolha qualquer, essa escolha também será confusa. Mas se, com paciência, pudermos compreender nossa própria confusão, penetrando cada vez mais funda, cada vez mais ampla e extensamente em tôdas as camadas da consciência, veremos então que dessa compreensão nasce a claridade; e essa claridade traz uma conduta espontânea, não escolhida pela vontade, nem guiada por nenhum padrão determinado.

Assim sendo, é essencial não que tenhamos um objetivo, mas, sim, que compreendamos a nós mesmos. Isto é, precisamos começar a perceber a fonte interior e profunda do conflito, da miséria, do sofrimento, da incerteza; e no processo mesmo dessa compreensão, surge uma ação direta, que não é a sombra de um determinado fim.

P e r g u n t a : Que prova objetiva existe do experimentar da realidade? Na busca da realidade, não se torna necessária a confiança em si mesmo?

K r i s h n a m u r t i : Existem certamente duas espécies de autoconfiança, não é verdade? Há a confiança resultante de se ter uma determinada faculdade, resultante da experiência, da repetição ou exercício, do ganho. Significa isso que, quanto mais adquiris num determinado nível, tanto maior é a vossa confiança em vós mesmos. Uma tal confiança

em si gera a arrogância, as atitudes defensivas, e a inimizade, interna e externamente, porque se baseia essencialmente na expansão do "eu". Quanto mais possuís, quanto mais adquiris, quanto mais "experimentais", maior é a fôrça do "eu", e isso òbviamente faz nascer uma certa espécie de presunção. Mas, sem dúvida, essa confiança em si mesmo é uma forma de resistência, não achais? Ela apenas fortalece o processo de isolamento, conduzindo, por fim, à ilusão e à infelicidade.

Ora bem, creio que há uma outra espécie de confiança, não baseada na acumulação. É a confiança que resulta da experimentação, do estar sensível, alertado, do contínuo descobrimento e compreensão de cada reação, de cada idéia, de cada movimento do pensamento. Essa é uma confiança de espécie inteiramente diversa, não achais? Porque essa confiança não se relaciona com nenhum centro acumulador. No momento em que tendes um centro de acumulação, não pode haver rápido ajustamento, pronta sensibilidade, nem a percepção imediata que compreende integral e extensamente tôda a marcha do pensamento e do sentimento. É a confiança nascida da compreensão que é essencial, e não essa confiança em si que gera a arrogância; mas aqueloutra confiança só vem quando há vigilância constante, sem acumulação. Como podeis ser sensível, quando estais a acumular? A pessoa que vive a acumular é sagaz e vigilante, para salvar a si mesma e aquilo que acumulou, mas isso, por certo, não é sensibilidade. A confiança da sensibilidade, que é essencial, só surge quando não há tendência para a acumulação, quando não há um centro que está sempre a acumular e sempre a ansiar por mais.

A outra parte da pergunta é: "Que prova objetiva existe do experimentar da realidade?" Que quereis dizer com "prova objetiva"? Uma demonstra-

ção? Um argumento convincente? Um sistema de filosofia cuidadosamente concebido e claramente definido, de modo que outros possam vê-lo? Desejais a autoridade de alguém, em apoio de vossa experiência? A verdade, a realidade é coisa susceptível de provar-se a outra pessoa ou a vós mesmo? Enquanto desejarmos provas, o que significa desejar que nos dêem certeza na nossa experiência, tudo o que experimentarmos não será a verdade. A maioria de nós quer garantias; queremos que nos garantam que estamos experimentando aquilo que chamamos a verdade. Queremos estar certos de que não estamos presos na rêde da ilusão, dos mitos, etc., e que experimentamos o real. Desejamos não só uma prova objetiva, mas também uma prova subjetiva.

Ora, enquanto a mente se apegar a qualquer espécie de experiência, está condenada a ficar prêsa na ilusão, porque em tal caso é o resíduo ou a lembrança da experiência que se torna sumamente significativo para a mente. O que é lembrado é a sensação da experiência. Se a sensação é dolorosa, evitamo-la; se agradável, retemo-la. Assim, pois, enquanto a mente se apega ao que chama experiência, enquanto viver em tôrno da sensação daí resultante, assimilando-a à sua própria existência, está condenada a ficar prêsa na rêde da ilusão.

A realidade não é acumulativa, não é susceptível de acumular-se; ela não nos dá garantia alguma, satisfação alguma. Vem-nos ela quando a mente está tranqüila, serena, sem nada exigir; e é para ser compreendida momento por momento. E não há acumulação nem a ânsia de mais, como resultado de tal experiência. No momento em que desejais uma garantia da verdade de vossa experiência, podeis ficar certo de que a experiência é uma ilusão. Uma mente que anseia pela certeza, que busca a certeza como

um fim, está condicionando a si mesma; e, por conseguinte, tôda experiência que tiver só servirá para condicioná-la mais ainda e causar mais luta e mais sofrimento.

Podeis ter uma experiência, e, por ser agradável, a ela vos apegais; a mente volta a êsse prazer repetidas vêzes. Torna-se, assim, o passado extraordinàriamente significativo, e as lembranças que dêle guardais vos impedem de experimentar o novo. Só existe possibilidade de experimentar o novo quando a mente não está ancorada em nenhum prazer, em nenhuma experiência.

Vemos, pois, que não há prova da realidade, nem objetiva, nem subjetiva. O que realmente importa é a conduta da vida, visto que o comportamento correto não é diferente da retidão. Se ficamos meramente a procurar provas da experiência subjetiva, isso de modo algum transformará a conduta da nossa vida. Pelo contrário, impede a conduta justa, porque a experiência passada se torna sumamente importante, ficando a mente incapacitada para compreender suas próprias reações no presente. Não nos deixemos prender pelas provas e contraprovas, nem por asserções e negações, mas procuremos compreender a confusão, a luta, a miséria, a malevolência, a inimizade, a avidez e a ambição. Quando a mente está livre de tudo isso, livre de tôdas as coisas mundanas que ela própria cria e a que se apega, existe então real possibilidade de tranqüilidade; e nessa placidez, nessa serenidade surge a realidade. Mas exigir prova da realidade é exigir o impossível; porque, se desejais garantia, não desejais a verdade. Para que a verdade ou a realidade sejam, é essencial o estado de incerteza, porque só então não existe acumulação, não existe nenhum centro em tôrno do qual a mente se detém.

O que importa, pois, não é a busca de provas da realidade, mas, sim, que cuidemos de nossa própria conduta na vida de cada dia, que fiquemos cônscios, com isenção de escolha, do que fazemos, do que pensamos e do que dizemos. Na liberdade dessa compreensão, a mente está tranqüila, nada exigindo, nada "projetando"; e nessa tranqüilidade está o real.

P e r g u n t a : Meus pensamentos divagam de tal maneira, que acho a meditação extremamente difícil. A concentração não é necessária para a meditação?

K r i s h n a m u r t i : Esta é uma questão muito complexa, e para a compreendermos plenanamente precisamos examinar o problema a fundo. A meditação correta é essencial, mas mui poucas pessoas conhecem o inteiro significado da meditação. Podem aprender alguns artifícios ensinados por algum instrutor oriental, ou pelo seu próprio pároco, mas isso não é meditação. Meditação é algo que não tem resultado algum, e nem busca resultado. Só descobriremos o que é a verdadeira meditação, se pudermos compreender o processo do pensar. O interrogante deseja saber como concentrar-se, visto que seus pensamentos divagam.

Ora, porque divagam os vossos pensamentos? Já observastes alguma vez a vossa mente em ação? Ela está sempre a ausentar-se, a distrair-se — pelo menos é assim que dizemos. Distraída de que? Distraída de um pensamento central, um pensamento que escolhestes e no qual desejais deter-vos. Por favor, acompanhai-me, se vos apraz, e vereis o que é a meditação justa. Sem meditação justa, não é possível o autoconhecimento; e sem autoconhecimento podeis fazer o que quiserdes, mas não haverá pensar

correto. A meditação, pois, é fundamentalmente necessária. Mas, precisamos compreender o que é meditação, e espero que me sigais pacientemente.

Quando desejamos concentrar nossa atenção num determinado pensamento, a mente divaga sem cessar e há uma luta constante por mantê-la concentrada; a êsse divagar da mente chamamos distração. Ora, êsse processo implica muitas coisas. Primeiro, escolheis um pensamento central, no qual desejais deter-vos, e, como essa escolha é feita em virtude de vossa confusão, há resistência contra outros pensamentos. Isto é, enquanto tiverdes um pensamento central por vós escolhido, no qual desejais deter-vos, qualquer outro pensamento é uma distração; mas importa descobrir porque escolhestes êsse pensamento central. Por certo, vós o escolhestes, dentre muitos outros, porque êste vos dá prazer ou vos promete uma recompensa, um confôrto. E por isso desejais deter-vos nêle. Mas o próprio desejo de vos deterdes nêle cria resistência contra os outros pensamentos que afluem sem cessar, e sustentais assim uma batalha, uma luta constante entre o pensamento central e os outros pensamentos. E se, por fim, conseguis dominar todos os outros pensamentos, reduzindo-os a um só, julgais então que sabeis meditar. Isso, sem dúvida, é verdadeiramente infantil.

Assim sendo, é fútil dizer "Êste é o pensamento correto e todos os outros são distrações". O que importa é descobrir porque a mente divaga. Porque divaga ela? Divaga porque se interessa por tôdas as coisas que se passam. Ela tem algum interêsse especial em cada pensamento que retorna, pois do contrário êle não voltaria. Todo pensamento contém alguma significação, algum valor, algum significado oculto; e, por isso, tal como a erva daninha, brota continuamente.

Ora, se puderdes compreender qualquer pensamento e não lhe oferecerdes resistência, nem o puserdes de parte; se puderdes olhar cada pensamento que surge e descobrir o seu significado, vereis então que êsses pensamentos nunca mais voltam — acabaram-se. Só os pensamentos que não foram de todo compreendidos se repetem. O que importa, portanto, não é controlar o pensamento, mas, sim, compreender o pensamento. Qualquer um pode aprender a controlar o pensamento, mas isso não é compreensão. No simples controlar do pensamento não há flexibilidade, existe, apenas, uma forma de resistência. Tôda disciplina do pensamento segundo um determinado padrão cria resistência; e como se pode compreender pela resistência?

Pergunta o interrogante: "A concentração não é necessária para a meditação?" Que se entende por concentração? Por concentração entendemos exclusão, não é verdade? Concentrar-se é excluir todos os pensamentos, com exceção de um só. Por conseguinte, para a maioria de nós, a concentração é um processo de limitação; e uma mente que estreitamos, que limitamos, disciplinamos, controlamos, moldamos, de acôrdo com seus próprios desejos e com as influências do seu ambiente, nunca pode, evidentemente, ser livre. A concentração, pois, como a maioria a pratica, chamando-a meditação, é uma forma de exclusão e, por conseguinte, um processo de isolamento. Êsse isolamento é autoproteção; e a mente que só pensa em proteger-se está, por certo, em estado de temor. E como pode uma mente temerosa estar aberta para aquilo que é real?

Se examinardes e compreenderdes o significado de cada pensamento, chegareis, inevitável e naturalmente, à questão de se o pensante está separado do pensamento. Se o pensante está separado do pensamento, então pode o pensante operar sôbre o pensa-

mento, pode controlar e moldar o pensamento. Mas está o pensante separado do pensamento? O pensante não vem à existência *por causa* do pensamento? Indubitàvelmente, os dois não estão separados. O pensante, o experimentador, não está separado daquilo que se experimenta.

Ora, no momento em que percebeis não existir pensante separado do pensamento, só existir o pensamento, acaba-se então, por completo, a escolha, não é verdade? Isto é, se só existe o pensamento e não há interpretação do pensamento, não existe, então, uma entidade que diz "Escolherei êste pensamento e rejeitarei os outros"; não existe o intérprete, o juiz, o fiscal. Vereis que não existe então conflito entre o pensante e o pensamento e que a mente não fica mais a tagarelar, e não mais está prêsa à palavra "distração". Então, todos os movimentos do pensamento se tornam significativos. E se penetrardes mais fundo ainda, vereis como a mente fica de todo tranqüila. Não mais a fazemos ficar tranqüila, não mais está ela disciplinada para estar tranqüila.

A mente posta tranqüila pela disciplina, é uma mente insensibilizada; ela vive na sua fórmula de disciplina, e uma mente assim não é sensível, não é livre; vive apenas no conhecido; não é uma mente aberta; portanto, é incapaz de acolher o desconhecido, o imponderável. Uma mente disciplinada nunca pode ser ampla; é sempre uma mente limitada, e o que quer que faça há de ser mesquinho. Deus é feito pequeno pela mente pequena. Assim, pois, logo que a mente percebe que tudo o que faça para controlar o seu próprio pensamento só tem o efeito de torná-lo mais estreito, mais limitado, mais condicionado, — logo que o percebe, acaba-se o processo do pensamento, como nós o conhecemos, porque o ser pensante já não está a lutar com os seus pensamentos.

Fica então a mente tranqüila, serena, sem contradição alguma; e, nessa tranqüilidade, há estados mais amplos e mais profundos. Mas, se meramente vos esforçais por alcançar os níveis mais profundos, ficareis nos domínios da imaginação e da especulação. A imaginação e a especulação precisam cessar para que surja a realidade.

Assim, pois, todo êsse processo de compreensão de nós mesmos é o começo da meditação. Não há, nêle, técnica alguma, nem posturas especiais, nem métodos de respiração adquiridos, nem artifícios de espécie alguma, aprendidos em livros ou de outras pessoas. O autoconhecimento é o comêço da meditação. Sem conhecerdes a vós mesmos, o que quer que penseis não tem realidade, não tem base alguma. Mas, para conhecerdes a vós mesmos, necessitais de vigilância constante — sem severidade, sem condenação nem justificação; precisais de um percebimento, uma vigilância passiva, na qual vêdes as coisas como realmente são. Vendo as coisas como são, compreendeis a vós mesmos, e isso conduz à perfeita tranqüilidade da mente; e só nessa tranqüilidade, nessa serenidade da mente e do coração, pode estar presente a realidade.

13 de agôsto de 1950.

CARTA DE NOTÍCIAS

Mantém a Instituição Cultural Krishnamurti, editôra dêste livro e de todos os mais do autor, um órgão de publicidade bimestral, denominado "Carta de Notícias", com o fim de divulgar, em primeira mão, conferências ainda inéditas e que dêem uma idéia do valor e significado do pensamento de Krishnamurti, anunciar suas atividades pelas várias partes do mundo, seus projetos de trabalho, etc., bem como tudo quanto se refira ao movimento da Instituição. Êsse boletim, por todos os motivos, deve ser lido, sempre, pelos interessados. A assinatura anual custa, apenas, 30 cruzeiros e pode ser solicitada na sede da I. C. K., na Avenida Rio Branco, 117, sala 203, Rio de Janeiro, ou mediante o envio de cheque dessa importância, vale-postal ou envelope com valor declarado.

ÍNDICE

PERGUNTAS E RESUMOS DE PERGUNTAS:

ERRATA

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
6	33a.	incontestáveis	incontáveis
59	22a.	uma processo	um processo
67	27a. e 28a.	quer da direita	quer da esquerda, quer direita.
69	13a.	qua acontece	que acontece
97	11a.	Sem sombra da atividade	Sem sombra de atividade.
125	3a.	uma fôrça significativa e vital?	uma fôrça significativa e tal.
86	28a.	A maioria de nós **deseja** viver isolados.	A maioria de nós **desejamos** viver isolados.